



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

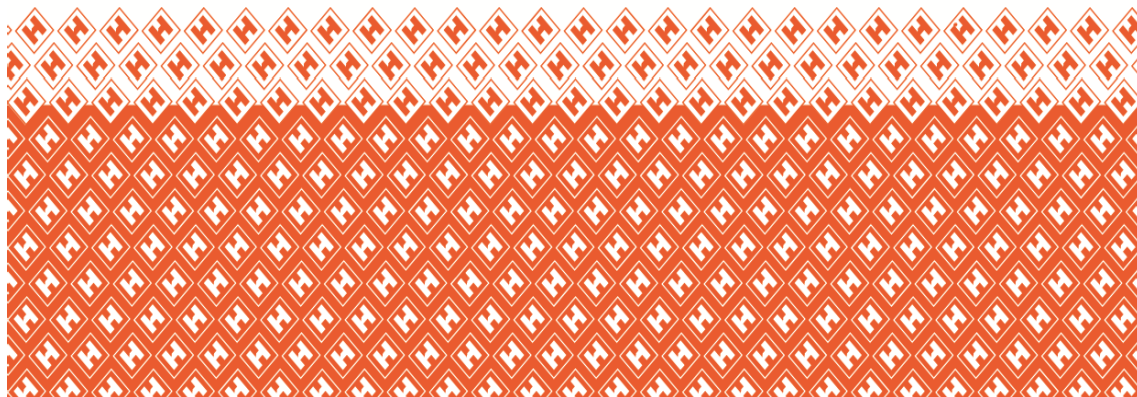
MAURÍCIO DO NASCIMENTO FARIAS

**MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL “FEBRÔNIO RODRIGUES” DE
TORIXORÉU-MT: AFETIVIDADES E RESENTIMENTOS (1936-2024)**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Cáceres – MT

2026



MAURÍCIO DO NASCIMENTO FARIAS

**MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL “FEBRÔNIO RODRIGUES” DE
TORIXORÉU-MT: AFETIVIDADES E RESSENTIMENTOS (1936-2024)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Câmpus Universitário “Jane Vanini”, como requisito parcial à obtenção de Título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Matheus de Mesquita e Pontes

Cáceres MT

2026

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT Catalogação de Publicação
na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

F224m Farias, Maurício do Nascimento.

MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL FEBRÔNIO RODRIGUES DE TORIXORÉU-MT: AFETIVIDADES E
RESSENTIMENTOS (1936-2024) / Maurício do Nascimento Farias. - Cáceres, 2026.
115f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Ensino
de História/CAC-PROFHISTORIA - Cáceres - Mestrado Profissional, Campus
Universitário De Cáceres "Jane Vanini".
Orientador: Matheus de Mesquita e Pontes.

1. Memória, identidade. 2. Ensino de História. 3. ProfHistória. I. Pontes,
Matheus de Mesquita e. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 37.014.2

MAURÍCIO DO NASCIMENTO FARIAS

**MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL “FEBRÔNIO RODRIGUES” DE
TORIXORÉU-MT: AFETIVIDADES E RESENTIMENTOS (1936-2024)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Câmpus Universitário “Jane Vanini”, como requisito parcial à obtenção de Título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Matheus de Mesquita e Pontes

Defesa da Dissertação em 22 de maio de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Matheus de Mesquita e Pontes
Orientador – Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) - ProfHistória/UNEMAT

Prof. Dr. Radamés Vieira Nunes
Avaliador Externo – Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

Profa. Dr^a. Marli Auxiliadora de Almeida
Avaliadora Interna – Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Prof. Dr. Thales Biguinatti Carias
Avaliador Suplente – Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT)

Aprovado em 22/05/2026



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

Aos vinte e dois dias do mês de maio de dois mil e vinte seis às quatorze horas (fuso horário amazônico), ocorreu a Banca de Defesa de Mestrado de **MAURÍCIO DO NASCIMENTO FARIAS** com a produção intitulada “**MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL ‘FEBRÔNIO RODRIGUES’ DE TORIXORÉU-MT: AFETIVIDADES E RESENTIMENTOS (1947-2024)**”. A Banca de Defesa ocorreu de forma remota, via o link do Google Meet: meet.google.com/bui-cdfh-ggu. A Comissão Examinadora foi composta pelo professor Dr. Matheus de Mesquita e Pontes - IFMT / UNEMAT - ProfHistória (orientador), pelo professor Dr. Radamés Vieira Nunes - UFCAT (examinador externo), pela professora Dra. Marli Auxiliadora de Almeida - UNEMAT (examinadora interna) e pelo Dr. Thales Biguinatti Carias (examinador suplente). Após a apresentação do candidato, a Comissão Examinadora fez uso da palavra para realizar a arguição a respeito do texto dissertativo, da pesquisa e do produto pedagógico e apresentou sugestões importantes que serão consideradas pelo candidato para o texto final da Dissertação e, consequentemente, do Produto Pedagógico. A Comissão Examinadora considerou o candidato Aprovado. A Banca de Defesa foi encerrada às 16h20min, e, para constar, foi lavrada a presente Ata que será assinada pela Comissão Examinadora.

Comissão Examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br MATHEUS DE MESQUITA E PONTES
Data: 28/05/2026 21:25:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Matheus de Mesquita e Pontes - IFMT/ProfHistória-UNEMAT (Orientador)

Documento assinado digitalmente
gov.br RADAMES VIEIRA NUNES
Data: 29/05/2026 17:33:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Radamés Vieira Nunes - UFCAT (Examinador externo)

Documento assinado digitalmente
gov.br MARLI AUXILIADORA DE ALMEIDA
Data: 29/05/2026 18:30:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dra. Marli Auxiliadora de Almeida - UNEMAT (Examinadora interna)

Documento assinado digitalmente
gov.br THALES BIGUINATTI CARIAS
Data: 01/06/2026 09:24:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Thales Biguinatti Carias – IFMT (Examinador suplente)



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

AGRADECIMENTOS

Foi realmente uma tarefa desafiadora pensar, desenvolver e chegar ao término desse trabalho de pesquisa. As mudanças ocorridas em minha vida desde a decisão de cursar o Mestrado Profissional em Ensino de História, foram verdadeiramente marcantes não só para o meu crescimento intelectual, mas principalmente para minha forma de ver e pensar o mundo. Construir conhecimento nunca foi tarefa fácil, é preciso dedicação, abdicar, tomada de decisões, e principalmente, mudança interior. Início meus agradecimentos à professora Jane Matos da Silva, digamos que ela foi o ponto referencial, para que eu desse o pontapé inicial na decisão de realizar a tentativa de ingresso no mestrado. Agradeço a minha mãe, que me deu o dom da vida, a educação familiar e sempre acreditou na educação como ponto referencial de melhoria de vida das pessoas. Agradeço de coração a Juliana Pereira Costa, minha companheira, essa foi sempre a base de incentivo direto para que eu ingressasse, e concluísse meu mestrado. Em todos os momentos de dificuldade nunca permitiu que eu desanimasse. Aos professores das disciplinas cursadas, meus sinceros agradecimentos, todos foram excepcionalmente cativadores, em todos os encontros eu sentia muito orgulho em dividir com eles os conhecimentos que eram compartilhados nas aulas. À coordenação do ProfHistória em nome da professora Dra. Regiane, que sempre atendeu as solicitações cabíveis ao setor de forma gentil e eficaz. Aos meus colegas de turma, como foi maravilhoso o convívio e a amizade que nós construímos em nossos encontros. Agradeço especialmente ao meu professor orientador, professor Dr. Matheus de Mesquita e Pontes, que sempre se fez presente em todo o desenvolvimento da escrita do trabalho, e sempre teve a percepção e empatia de entender minhas limitações, mas ao mesmo tempo, foi sempre um referencial de inspiração para que eu pudesse desenvolver da melhor forma possível a pesquisa. E por fim agradeço aos professores convidados a examinar esse trabalho, o professor Dr. Radamés Vieira Nunes e a professora Dra. Marli Auxiliadora de Almeida, que desde o período da qualificação do texto, se dispuseram a contribuir com a melhoria do trabalho.

Gratidão a todos!

RESUMO

Esta dissertação, vinculada à linha de pesquisa Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão, teve a perspectiva de trabalhar a temática da memória local via a oralidade a partir da trajetória da Escola Estadual Febrônio Rodrigues de Torixoréu-MT. Unidade escolar mais antiga do município que foi fechada no ano de 2024. Como principais fontes bibliográficas dialogamos com autores que são referência no estudo do uso da memória no campo das ciências humanas, dentre eles, podemos destacar Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Éclea Bosi, Michael Pollack, Pierre Nora. Se utilizou também como metodologia de pesquisa o uso da História Oral, onde ex-servidores que trabalharam na instituição de ensino narraram suas histórias e lembranças em relação à escola, através de entrevistas gravadas com autorização dos participantes e do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade. Como embasamento do uso da história oral autores como Verena Albert e Jose Carlos Meihy deram sua contribuição para o enriquecimento da pesquisa. Temáticas conceituais como identidade, representação social, afetividade e ressentimento também constituem esse trabalho de pesquisa, com a participação de autores como Joel Candau, Michel de Certeau, José D' Assunção Barros. Juntamente com os estudos conceituais, realizo um diálogo com memorialistas e ex-servidores da escola, que relatam a história da escola e particularidades da história do município de Torixoréu. Por fim, apresento como proposta do produto pedagógico, para fins de impulsionar o Ensino de História na comunidade: a construção de um acervo virtual de memórias da escola em formato de blog, onde por meio da página virtual temáticas como “memória” e “identidade” possam ser trabalhadas no âmbito da história local. Os relatos orais dos ex-servidores serão as principais fontes de estudo didático-pedagógico na apresentação de uma consciência histórica que apresente as memórias dessas pessoas como trajetórias construtoras de uma identificação com um lugar, que se fez presente na vida da maioria da população de Torixoréu.

Palavras-chave: Memória Oral; Identidade; Ensino de História; ProfHistória.

ABSTRACT

This dissertation, linked to the research line *Languages and Historical Narratives: Production and Dissemination*, aimed to address the theme of local memory through oral history, based on the trajectory of the State School Febrônio Rodrigues in Torixoréu, Mato Grosso. It is the oldest school in the municipality, which was closed in 2024. As the main bibliographic sources, we engaged with authors who are key references in the study of memory within the field of the human sciences, among whom we highlight Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs, Ecléa Bosi, Michael Pollak, and Pierre Nora. Oral History was also employed as a research methodology, in which former staff members who worked at the institution narrated their histories and memories related to the school through recorded interviews, conducted with the authorization of the participants and the University's Research Ethics Committee. As a theoretical foundation for the use of Oral History, authors such as Verena Alberti and José Carlos Meihy contributed to enriching the research. Conceptual themes such as identity, social representation, affectivity, and resentment also form part of this study, drawing on authors like Joel Candau, Michel de Certeau, and José D'Assunção Barros. Alongside these conceptual studies, the research engages in dialogue with memoirists and former staff members of the school, who recount the history of the institution as well as particularities aspects of the history of the municipality of Torixoréu. Finally, as a proposal for the pedagogical product aimed at fostering the teaching of History within the community, I present the creation of a virtual archive of the school's memories in the form of a blog. Through this online platform, themes such as "memory" and "identity" can be explored within the scope of local history. The oral accounts of former staff members will serve as the main didactic-pedagogical sources, contributing to the development of a historical consciousness that presents these individuals' memories as trajectories that build a sense of identification with a place—one that has been part of the lives of the majority of the population of Torixoréu.

Keywords: Oral Memory; Identity; History Teaching; ProfHistória.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Pedra da Baliza, Rio Araguaia, entre Torixoréu MT e Baliza GO

Imagem 2 - Queda do madeiramento da “Ponte da União”.

Imagem 3 - Ponte atual entre Torixoréu e Baliza

Imagem 4 – Febrônio Rodrigues da Silva e sua esposa, fotografia de 15 de janeiro de 1938

Imagem 5 – Localidade onde foi construído o Grupo Escolar Febrônio Rodrigues, em 1937, hoje clube social Izabel Campos no Município de Torixoréu – MT. E onde se situa a Igreja Matriz, construída no mesmo ano.

Imagem 6 – Grupo de alunos de Torixoréu

Imagem 7 – Decreto de Fundação do Grupo Escolar “Febrônio Rodrigues”

Imagem 8 – Decreto de Elevação à Escola de I Grau “Febrônio Rodrigues”

Imagem 9 – Localização atual do prédio da Escola Estadual Febrônio Rodrigues, último endereço da escola.

Imagem 10 – Título de propriedade da Escola Estadual de I Grau “Febrônio Rodrigues.

Imagem 11 - Ata de consulta pública de proposta de Ensino Médio Integral

Imagem 12 - Fachada da Escola Estadual Febrônio Rodrigues

Imagem 13 - Apresentação do pesquisador e objetivo do Blog

Imagem 14 - Breve história da Escola Estadual Febrônio Rodrigues

Imagem 15 - Festa do Folclore

Imagem 16 - Projeto Consciência Negra

Imagem 17 - Projeto Consciência Negra

Imagem 18 - Projeto Gincana Bíblica

Imagem 19 - Projeto Consciência Negra

Imagem 20 - Entrevista com a Professora Dione

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 01 - MEMÓRIA E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE: ASPECTOS TEÓRICOS.....	19
1.1 Aspectos da constituição da memória.....	19
1.2 Identidade	28
1.3 A unidade escolar como lugar de memória e representação social	32
1.4 A construção de uma memória afetiva e de ressentimentos	39
CAPÍTULO 02 - MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL “FEBRÔNIO RODRIGUES”: ENTRE AFETIVIDADES E RESSENTIMENTOS	45
2.1 O surgimento do município de Torixoréu.....	45
2.2 Memorialistas e ex-servidores apresentam o primeiro “Grupo Escolar de Torixoréu MT”.	52
2.3 Lembranças afetivas: a memória oral de servidores(as) que vivenciaram o dia-a-dia da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”	61
2.4 O ressentimento: o fechamento da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”	66
CAPÍTULO 03 - ACERVO DIGITAL DA ESCOLA ESTADUAL “FEBRÔNIO RODRIGUES”.....	73
3.1 Acervo digital como forma de compartilhamento de informação no Ensino de História	73
3.2 O uso da história oral como possibilidade didática	76
3.3 Cultura digital e o Ensino de História.....	79
3.4 Apresentação dos entrevistados e apresentação do Acervo Virtual em formato de “blog”	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96
ANEXO A - TERMOS DE CONSENTIMENTOS LIVRE ESCLARECIDO (TCLE).....	103
ANEXO B - ROTEIRO DE PERGUNTAS QUE EMBASARAM A PESQUISA.....	114

INTRODUÇÃO

Se enveredar no campo da pesquisa científica é um desafio na vida de qualquer profissional da educação que almeja crescer na vida acadêmica e, paralelamente, contribuir com o desenvolvimento do ensino e da historiografia atual, no sentido de dialogar com as novas vertentes de pesquisas que permeiam o mundo social, principalmente no componente curricular de História. Área do saber que carece de metodologias cada vez mais dinâmicas, que deem conta de elevar o nível crítico-social dos estudantes a respeito da importância da aquisição de conhecimentos que possam ajudá-los a se posicionarem de forma ética e democrática perante aos desafios que o mundo contemporâneo nos impõe, e a cada transformação na qual nos deparamos diariamente em todos os setores de nossas vidas.

Diante disso, é valioso refletir sobre como pensamos, escrevemos ou ensinamos acerca do conhecimento histórico, ou seja, nos apropriando de uma reflexão crítica acerca dos acontecimentos, ou de uma forma reprodutora de bases tradicionalistas pautadas em uma cronologia linear dos fatos (Xavier; Fialho; Vasconcelos, 2018, p. 11).

Ainda somos um país extremamente carente de um sistema educacional que promova os diferentes sujeitos em sua totalidade, portanto, se faz necessário pensar uma educação em que o processo de ensino-aprendizagem proporcione aos estudantes um posicionamento coerente frente às demandas que a vida social nos apresenta. É preciso pensar um modelo de aprendizagem que promova a liberdade, autonomia e consciência cidadã, onde a escola possa ser um lugar de debate sólido de troca de saberes, refutando ações que instrumentalizam qualquer tipo de alienação dos jovens em relação ao meio social no qual estão inseridos.

E foi pensando nesse desafio de proporcionar uma educação cada vez mais integrada e voltada para a emancipação da juventude, que resolvi regressar ao universo do mundo acadêmico, através do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Meu objeto de pesquisa está intimamente ligado à minha vivência histórica no município de Torixoréu-MT, onde eu resido atualmente e exerço minhas funções laborais enquanto docente.

Me formei pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária de Iporá, onde cursei Licenciatura Plena em História. Me efetivei na Rede de Educação Básica do estado de Mato Grosso no ano de 2011, onde iniciei minha carreira como professor no município de Canarana-MT. Mas como fui criado no município de Iporá-GO, e por lá deixei familiares e amigos, sempre senti o desejo de vir para mais perto de minhas origens. No ano de 2015 foi

aberto um edital de remoção, onde, principalmente com o incentivo de minha companheira Juliana, me inscrevi para pleitear uma vaga no município de Torixoréu-MT, município este, que fica à apenas 190 km de distância de Iporá. Fui agraciado com a vaga, apesar de ter disputado com outro concorrente que também havia feito sua inscrição.

Chegamos em Torixoréu em janeiro de 2016, alugamos uma casa sem nunca ter vindo no município, por intermédio de uma professora que também tinha suas raízes familiares no município de Iporá. Quando chegamos com o caminhão de mudança, alguns rapazes em idade escolar, aproximaram para nos ajudar com a descida dos móveis, rapazes esses, já orientados pela colega conterrânea, aquela que nos ajudou com a locação do imóvel. Rapidamente tudo estava dentro do imóvel, os rapazes foram embora sem nos cobrar nada pelo trabalho.

Estávamos dentro do imóvel na organização da mobília, quando, um senhor já no interior da casa, disse a seguinte frase: “cadê o professor que chegou para ser nosso vizinho?”. Tomamos até um baita susto, pela proximidade que ele estava de nós, sem pedir nenhuma permissão para adentrar o imóvel. Conversamos um pouco, ele se apresentou como “Valmir”, e logo foi embora. Mas ficamos extremamente felizes com a receptividade daquele morador, infelizmente já não se encontra entre nós, faleceu no ano de 2023.

No outro dia, outro vizinho de alcunha “Zé Filho”, que exerce a profissão de serralheiro, nos abordou em frente a nossa casa, com uma pá de zinco com o cabo de metalão, dessas de recolher lixo doméstico, e nos presenteou, dizendo que ele mesmo havia confeccionado e que era um presente para os novos vizinhos. Foram três situações bem acolhedoras para nós naquela ocasião, a ajuda dos rapazes na descida dos móveis, a recepção do seu Valmir e o presente do vizinho, no qual passamos a entender um pouco da dinâmica de uma cidade pequena, onde os laços comunitários de ajuda mútua e solidariedade se desenvolvem naturalmente.

Os anos se passaram, construímos nossos laços de amizade no município, fiquei lotado na Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva”. No ano de 2018, meus colegas de profissão iniciaram um movimento de convencimento para que eu pleiteasse a gestão da instituição como Diretor Escolar. Concorri ao cargo e fui eleito. Foram dois anos na gestão (2019-2020). Em 2019, tivemos que vivenciar a maior greve da educação do estado de Mato Grosso, como relata o jornal *Várzea Grande Notícias*: “Foram 75 dias, que os estudantes ficaram fora da sala de aula. A greve superou os 63 dias das greves de 2013 e 2016, até então as maiores no Estado” (VGN, 2020). Como houve corte de salários, foi muito difícil lidar com a insatisfação dos servidores que estavam em situação de vulnerabilidade, inclusive eu. Em 2020, emerge a pandemia da Covid-19 com o isolamento social, aulas online, e muita incerteza pedagógica,

sanitária e de manutenção da vida social. Ou seja, fui gestor num período bem conturbado e desafiador.

Em 2021, assumi o cargo de coordenador pedagógico ainda pela Escola “Arthur da Costa e Silva”, onde fiquei nessa função até 2023. Em 2023, pelas novas mudanças para assumir cargos de gestão, via processo seletivo através de avaliações escritas, o candidato a gestor deveria mudar de unidade escolar para continuar em cargo de gestão. Como em Torixoréu havia duas escolas estaduais, Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva” e Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, me escrevi para o cargo de coordenador pedagógico pela “Febrônio Rodrigues”. Fiquei em primeiro lugar na classificação geral da instituição e assumi a coordenação pedagógica em janeiro de 2024.

Por ser uma localidade com baixa densidade populacional, as duas unidades escolares, ano após ano, utilizavam-se de suas estratégias para convencer as famílias no processo de matrícula dos seus filhos. Além das duas escolas estaduais do município, havia ainda a concorrência da escola estadual da cidade vizinha, Baliza-GO, onde as duas cidades se separam apenas pela ponte do Rio Araguaia. Até o ano de 2019, ano de minha gestão enquanto diretor, tanto a Escola “Febrônio Rodrigues” quanto a Escola “Arthur da Costa e Silva”, ofertavam o Ensino Fundamental, o que gerava essa disputa por alunos. A partir de 2020, a “Febrônio Rodrigues” ficou na oferta do ensino fundamental e a “Arthur da Costa e Silva” ofertando o Ensino Médio, eliminando as ‘disputas’ por estudantes dentro do município. A pouca distância de Torixoréu com o município de Baliza, também gerava, e gera até hoje, esse trânsito de estudantes entre os dois municípios.

A possibilidade do fechamento de uma das duas escolas da rede estadual sediadas no município, desde o ano que cheguei em Torixoréu, era um assunto comentado e especulado no meio educacional, mas sempre que o ano letivo se iniciava, os servidores exerciam suas atividades com tranquilidade, pois acreditavam que mais um ano de emprego seria garantido, principalmente os servidores de contrato temporário. Foi quando em 2023, o Governo do Estado de Mato Grosso por meio da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC-MT), determinou que a Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” iria funcionar em período integral e atendendo somente o Ensino Médio, e a outra escola iria atender as modalidades de Ensino Fundamental e Médio, na modalidade regular e em tempo parcial, como é atualmente.

A própria comunidade, em sua maioria, rejeitou a proposta de educação em tempo integral para a Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, visto que os estudantes em sua maioria, bem como suas famílias, já haviam constituído uma dinâmica social com o desenrolar do dia-

a-dia costumeiro de uma cidade do interior, associado com os projetos desenvolvidos pela prefeitura local que já atendiam a maioria dos jovens no contraturno do período escolar.

Mas, mesmo a contragosto da comunidade, essa determinação foi imposta pela SEDUC-MT. O resultado da imposição foi o declínio da procura por matrículas no início do ano letivo de 2024 na Escola “Febrônio Rodrigues”, não chegando a vinte inscritos. Só houve procura no primeiro ano do ensino médio. Infelizmente não encontrei nada no site oficial da SEDUC-MT, nenhum documento que fizesse menção a integralização da escola, até porque não houve a baixa da documentação da unidade escolar até os dias de hoje.

Mas, naquela ocasião, acreditamos no funcionamento da escola, pois havia sido realizado inúmeras consultas à Diretoria Regional de Educação (DRE) de Barra do Garças, que sinalizou positivamente ao funcionamento da instituição mesmo com uma única turma. Enquanto isso, na outra unidade escolar “Arthur da Costa e Silva”, a procura de matrículas aumentou substancialmente, o que de certa forma, justifica a rejeição da população de um município pequeno de apenas 4.164 habitantes (IBGE, censo 2022), em relação ao modelo de Escola de Tempo Integral.

Foi aí que veio a grande decepção. Servidores lotados em suas respectivas funções, professores realizando formação continuada específica para atuar na modalidade de tempo integral, matrículas dos estudantes realizadas no sistema, e poucos dias antes do início das aulas, o Sistema Integrado de Gestão Educacional do Mato Grosso (Sigeduca)¹ vinculado à Secretaria Escolar não funcionou. A Secretária Escolar local, sem saber o que estava acontecendo, falou com o diretor que também não detinha informações, e ao ligar na DRE responsável, foram informados que a escola tinha sido desativada, gerando reações diversas frente ao acontecimento inesperado e de forma tão abrupta.

Enquanto docente de História, vivenciei um dos momentos mais dramáticos de minha carreira laboral: a fatídica reunião, onde foi anunciado para todos os servidores sobre o fechamento da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”. Tive realmente um primeiro contato com emoções que caracterizavam o sentimento de pertencimento em relação àquele espaço-lugar, transmitidas pelos meus colegas frente ao anúncio da inativação da escola. Eu só estava ali há pouco mais de um mês, mas posso dizer que as representações de memória, identidade, histórias vividas, paixões e ressentimentos me chamou muito a atenção naquela ocasião.

¹ Sistema utilizado pelas unidades escolares da SEDUC-MT para armazenamento de dados.

Eu já estava matriculado no ProffHistória, e ao ter meu primeiro contato com meu orientador², contei parte dessa história do fechamento da escola. Com isso, ele me instigou a apresentar a história da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, a partir das “memórias” daqueles que ajudaram a construir sua trajetória. Instituição escolar que é a mais antiga do município de Torixoréu-MT, que por longos anos, funcionou como única instituição escolar da localidade.

Perceber a ligação da escola em si com o desenrolar social da comunidade, as tramas que permeiam história e memória das pessoas que se correlacionam temporalmente com idas e vindas em torno de um espaço social carregado de representações, significa trazer para o contexto social o que chamamos de “dever de memória”, onde gerações perpetuam lembranças de pertencimento e (res)significações que ajudam a desvendar novas formas de repensar o presente em sua continuidade daquilo que ficou para trás.

Correlacionar o passado vivenciado pelos ex-servidores da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, com o tempo presente, e apresentar isso para futuras gerações como produto pedagógico de pesquisa, me encaminhou para um diálogo coerente entre a História em si, memórias saudosas e ressentidas, identidades, e o desafio de trazer esses conceitos ao universo didático do chão da escola.

E ao analisar uma instituição escolar como espaço sociocultural de formação e transformação de valores, Dayrell (1996) propõe que:

Significa compreender esse espaço sob uma ótica mais criteriosa, dimensionando o fazer cotidiano, em um dinamismo efetivado por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, adultos e adolescentes, alunos e professores, enfim, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, atores na história. Ou seja, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui enquanto instituição (Dayrell, 1996, p. 1).

E é nessa perspectiva de envolvimento de diferentes gerações, que se auto identificam com um espaço-lugar, com sentimentos comuns de representação afetiva e ressentida, que vou apresentar um diálogo com conceitos historicamente construídos no fazer historiográfico, e com as narrativas daqueles que vivenciaram a história da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” no município de Torixoréu.

² Professor Dr. Matheus de Mesquita e Pontes: possui graduação em História pela Universidade Federal de Goiás – antigo Campus Avançado de Catalão (2004), mestrado em História pela Universidade Federal de Uberlândia e doutorado em História pela Universidade Federal de Goiás (2018).

O fechamento da escola, após 87 anos de serviços prestados no município, provocou sentimentos e ressentimentos em toda comunidade, especialmente dos ex-integrantes da comunidade escolar. A perspectiva da pesquisa é levantar parte das memórias desses ex-servidores da instituição, dialogar com fontes historiográficas, e garantir a visibilidade delas enquanto um “dever de memória” no âmbito da história local, destacando sua importância não só na formação pedagógica dos cidadãos da localidade, mas também sua importância na constituição histórica da memória coletiva do município.

Partimos da perspectiva que interpretar o passado é resultado de uma apropriação de conceitos e suas problemáticas frente aos problemas do presente. O conhecimento do passado consistirá então, em sua interpretação e organização a partir de problemas e através de conceitos, onde o resultado final é um passado que o presente tem necessidade de conhecer. Aqui vale relembrar que o processo de escrita historiográfica passou por mudanças significativas desde o impacto da Escola dos *Annales* a partir de 1929, Chartier (1996) destaca que,

[...] o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto, partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. [...] Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói (Chartier, 2006, p. 216).

Dialogar com os meus pares do presente que vivenciaram o fechamento da escola, e com os servidores mais antigos, me coloca sem dúvida nenhuma, em uma posição privilegiada, podendo trazer para a comunidade local, relatos e histórias que visibilizam pessoas que fizeram parte da construção social da localidade, que estiveram diretamente moldando comportamentos socioculturais que foram estabelecidos em torno da escola.

Como metodologia, posso dizer que a pesquisa foi pautada no método qualitativo, no qual, a professora Marta Valentim aponta que o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, extraindo desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. A pesquisa qualitativa fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais, apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social, visto que foca fenômenos complexos e/ou fenômenos únicos (Valentim, 2005, p. 19).

Partindo do princípio em estudar as percepções, experiências, valores e práticas sociais em torno da escola “Febrônio Rodrigues”, decidi apropriar-me como uma das metodologias de

pesquisa, a “História Oral”, através de entrevistas realizadas com ex-servidores da unidade escolar e servidores da atual escola estadual em funcionamento no município, a Escola “Arthur da Costa e Silva”. Compreender em profundidade os significados do surgimento e fechamento da escola, me instigou a realizar um levantamento comunitário sobre pessoas que contribuíram na constituição, formação e desenvolvimento da escola ao longo dos anos. Verena Alberti enfatiza:

Na história oral, a pesquisa e a documentação estão integradas de maneira especial, uma vez que é realizando uma pesquisa, em arquivos, bibliotecas etc., e com base em um projeto que se produzem entrevistas, as quais se transformarão em documentos, que por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas (Alberti, 2013, p. 158).

Foi um trabalho bastante significativo poder conversar sobre a história da escola com pessoas que vivenciaram o desenrolar da unidade escolar em um passado mais longínquo.

Realizar entrevista oral requer um processo dinâmico e complexo do ponto de vista operacional. Primeiro que nós na condição de pesquisadores, não dominamos todas as técnicas de uma entrevista, a utilização do equipamento, as particularidades que envolvem local, horário, postura, nervosismo e condução da mesma, tudo é preciso ser apreendido muitas vezes na prática e durante a realização da mesma.

Minha primeira dificuldade foi na escolha, e disponibilidade das pessoas em realizar as falas. Porém, meu contato inicial com os entrevistados foi sempre anterior à realização da entrevista em si, como assinala Alberti: “No primeiro contato com o entrevistado, cabe aos pesquisadores explicar o trabalho do programa e o método empregado na história oral, colocando o entrevistado a par dos propósitos da pesquisa” (Alberti, 2013, p. 169-170).

Esse primeiro contato, realmente deixou os entrevistados bem mais à vontade em contribuir com a pesquisa, e confesso que eu também me senti bem mais à vontade devido ao adiantamento prévio da metodologia e assunto a ser discorrido. Todas as entrevistas, nove no total, foram realizadas em local, dia e horário definidos pelos entrevistados, fator esse que realmente leva tempo e uma dinâmica bem peculiar a ser seguida.

Nas três primeiras entrevistas tive o privilégio de contar com indicações do meu professor orientador, que fez questão de estar presente na cidade de Torixoréu para iniciar os trabalhos das gravações. Outro privilégio de suma importância, foi a participação em todas as entrevistas da minha companheira Juliana Pereira Costa, ela que se encarregou do manuseio do equipamento tecnológico.

A aplicação da história oral como possibilidade de produção científica, proporcionou uma nova roupagem ao desenvolvimento de pesquisas no campo historiográfico. É pela oralidade que o relator da história emana de si sua vontade, inquietude e desejo de reconstruir o passado no presente. “É preciso atingir a vontade de querer retrospectivamente tudo o que aconteceu” (Nietzsche *apud* Meihy; Holanda, 2015, p. 29). De acordo com a colocação do filósofo, entendo a inquietação do historiador em através da pesquisa, apropriando-se desse recurso, querer retirar ao máximo as informações que lhes são aspiradas pelo desenrolar da conversa, e nivelar em grau de importância o dito e o escrito, pois, assim argumentam Meihy e Holanda:

Ainda que muitas vezes a produção de entrevistas seja usada como alternativa para preencher vazios de documentos convencionais ou de lacunas de informações e até para complementar outros documentos, é importante ressaltar que se pode, de maneira positiva, assumi-la isoladamente e propor análises das narrativas para a verificação de aspectos não revelados, subjetivos, alternativos aos documentos escritos (Meihy; Holanda, 2015, p. 24).

A utilização das narrativas orais, serão bases fundamentais para o diálogo entre as fontes bibliográficas levantadas no trabalho conceitual da pesquisa, e as bases promotoras de uma pesquisa social com enfoque em uma história de representatividade local.

No primeiro capítulo, como orienta Ecléa Bosi, “a estrutura do trabalho tem algo delineado”, onde há uma reflexão mais geral sobre a memória em si, “marcando o seu nexo com a vida social” (Bosi, 1979, p. 39), trazendo autores que se deleitaram em estudar aspectos que constituíram a historiografia sobre memória, identidade, pertencimentos e afetividades.

No primeiro tópico do Capítulo 1, iniciamos com um tópico denominado “Aspectos da Constituição da Memória”, valorizando o ensinamento de Halbwachs que aponta a “memória” não como um fenômeno puramente individual, pois se constrói sempre em relação a grupos sociais. São os quadros sociais da memória que orientam o que lembramos, como lembramos e o sentido atribuído às lembranças (Halbwachs, 2006). Nele iremos analisar particularidades que constituem aspectos relevantes de como atribuímos valores individuais e coletivos a partir de nossas lembranças e construções acerca do passado. No tópico “Identidade”, será proposto uma reflexão acerca do próprio conceito de identidade, sendo essa análise voltada para o campo da “identidade social” onde nós seres humanos criamos suportes balizadores de nossas crenças e valores construídos socialmente ao longo do tempo. No tópico “A unidade escolar como representação social”, vamos apontar como um “lugar” enquanto memória material, pode

contribuir na valorização dos espaços sociais como símbolos que conectam o “ser” indivíduo com a “coletividade”, e com aquilo que se deseja apreender com o patrimônio material. No quarto e último tópico do Capítulo 1, intitulado “A construção da memória afetiva e de ressentimentos”, vamos analisar como as emoções mexem e revelam sentidos nas pessoas, apontando como nossos sentimentos interferem em nossas ações cotidianas. Bresciani (2002, p. 43-44), enfatiza a resistência que as paixões e os sentimentos mais fortes e mais incontrolláveis, opõem à constituição de um pacto social. O imenso domínio dos sentimentos, inato e anterior à razão, “age em nós antes que sejamos capazes de qualquer cálculo”.

No Capítulo 2, o texto aborda a constituição histórica do município de Torixoréu e, também, a história da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, contada pelas vozes dos ex-servidores da escola e suas opiniões sobre o valor histórico que a unidade escolar representa para o município. Nesse capítulo será evidenciado falas de ex-servidores que se dispuseram a contribuir com a pesquisa na forma de entrevistas gravadas. No primeiro tópico, “O surgimento do município de Torixoréu,” o leitor irá se ambientar com o período histórico do surgimento da cidade, e conseqüentemente com o surgimento da primeira escola. Nesse momento o leitor irá se deparar com algumas das características do município que surge as margens do Rio Araguaia, e que faz fronteira com o município de Baliza no estado de Goiás.

Adiante temos o segundo tópico, intitulado “Memorialistas e ex-servidores apresentam o primeiro ‘Grupo Escolar de Torixoréu MT’”, em que apresento relatos do surgimento da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” contada por escritores memorialistas que escreveram sobre a história da municipalidade, além dos relatos obtidos da memória de ex-servidores que estudaram na instituição. Nesse tópico trago as primeiras narrativas de ex-servidores entrevistados, que contribuíram com relatos de memórias de quando estiveram vinculados à unidade escolar. No terceiro tópico, intitulado, “Lembranças afetivas: a memória oral de servidores(as) que vivenciaram o dia-a-dia da Escola Estadual ‘Febrônio Rodrigues’”, apresento a importância da afetividade na construção social da coletividade, tendo como ponto de partida um lugar específico, a escola, onde as memórias dos ex-servidores são evidenciadas como ponto de ligação entre suas histórias de vida com o desenrolar do dia-a-dia do ambiente educacional. No quarto e último tópico do segundo capítulo, denominado “O ressentimento: o fechamento da Escola Estadual ‘Febrônio Rodrigues’”, proponho uma discussão acerca do fechamento de escolas no Brasil de uma maneira geral, trazendo as falas ressentidas dos ex-servidores que em sua maioria associaram o fechamento da instituição a falta de sensibilidade do poder público em relação à história, ao valor simbólico que a escola representava ao

município, já que a mesma surge ainda nos primeiros anos da formação histórica da municipalidade.

No Capítulo 3, apresento como será desenvolvido o produto pedagógico a ser utilizado como ferramenta educacional no Ensino de História. O produto pedagógico será um “Acervo virtual” em formato de blog onde apresento as entrevistas dos servidores entrevistados durante a pesquisa. A decisão pelo uso do blog se deu pela dinâmica de sua funcionalidade, ele se diferencia de outras formas de relacionamento virtual (e-mail, chat, sites) justamente pela sua possibilidade de interação e facilidade de acesso e atualização.

No primeiro tópico destaco a importância das plataformas digitais no compartilhamento de informação e abordagens educacionais, com possibilidades de promoção do Ensino de História, trazendo dentro estrutura a temática do uso da “memória” no estudo da história local.

Para Barros (2007, p. 302): “A construção de identidades pessoais e sociais está relacionada à memória, já que tanto no plano individual quanto no coletivo ela permite que cada geração estabeleça vínculos com as gerações anteriores”. O grande desafio consiste em trazer para o campo didático-pedagógico, o debate historiográfico sobre a memória local como possibilidade de ensino e proposição aos estudantes de uma reflexão crítica ao que chamamos de “dever de memória” a partir da coletividade. No segundo tópico, trago uma perspectiva da utilização da história oral e suas técnicas de abordagem na construção historiográfica, destacando a utilização dessa metodologia de pesquisa como forma de inclusão sócio-histórica de pessoas que permeiam nosso meio social, e que colaboram na constituição histórica da comunidade.

No terceiro tópico, destaco a relação entre a cultura digital na vida social atual e sua relação com a história e memória da localidade, valendo-se da perspectiva de Barros (2007, p. 302): “O ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador / educando / sociedade e o meio em que vivem e atuam”. Meio este permeado de possibilidades tecnológicas que corresponde o que chamamos de cultura digital.

E por fim, no quarto e último tópico, apresento os entrevistados que contribuíram com a pesquisa, destacando a importância de cada um, em suas passagens pela escola, suas participações enquanto seres históricos, que se dedicaram a fazer da educação não só da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, mas da educação de Torixoréu como um todo, uma educação voltada para a valorização humana, construtora de simbologias de pertencimento aos aspectos socioculturais que envolvem a comunidade onde está inserida.

CAPÍTULO 01 - MEMÓRIA E A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE: ASPECTOS TEÓRICOS

1.1 Aspectos da constituição da memória

O papel da memória na construção das relações humanas na contemporaneidade é umas das questões que envolve estudos historiográficos relevantes sobre a constituição de identidades de indivíduos ou grupos, que a partir da evocação de suas lembranças, criam alicerces constituintes de pertencimentos que envolve lugares, temporalidades, cultura e história. A memória propõe-se em compreender a importância das relações socioafetivas entre os seres humanos e seus objetos representativos do cotidiano, bem como suas expressões socioculturais, destacando como ponto de partida, o universo visto pelo narrador na formação do seu próprio conhecimento temporal, relacionando-o a um determinado lugar de pertencimento.

Como manifestação das relações humanas e dos diferentes grupos que compõem qualquer sociedade, a “memória” se apresenta como elemento importante da constituição histórica dos seres humanos e suas representações no meio comum. Se manifesta como campo de investigação de estudo de distintas áreas do conhecimento, colocando-se como temática relevante para o entendimento das representações simbólicas, materiais e discursivas dos mais diferentes grupos sociais. Trabalhar com a memória na pesquisa histórica, através da oralidade, é trazer para o contexto contemporâneo, novas possibilidades de difusão de narrativas históricas, de diferentes indivíduos ou grupos, que fizeram parte de um dado acontecimento, da criação de uma dada instituição, ou até mesmo do surgimento de uma nova mentalidade.

O fazer historiográfico utilizando como metodologia a oralidade, acrescenta para nós historiadores, um diálogo entre o eu (pesquisador) e o outro (narrador) na constituição interpretativa de acontecimentos do passado, suas nuances, sua importância histórica, e sua relevância para o tempo presente. De acordo com Montenegro:

[...] deve ser observado que o conhecimento histórico é produzido valendo-se de um lugar institucional que projeta temas e estabelece questões; em que os referenciais teórico-metodológicos, associados a uma prática de pesquisa, são construídos num constante diálogo com o corpus documental; em que a escrita se projeta como expressão acerca do passado (Montenegro, 2007, p. 29).

Entender a História como um exercício prático disciplinado em busca de respostas contundentes das mais variadas indagações do passado, nos remete ao estudo de diferentes narrativas que resultam em um exercício dialético de perguntas e respostas, que objetivamente

representam àquilo que queremos dizer sobre o que se foi vivenciado, estudado ou pesquisado, como destaca Certeau (1985, p. 31): “Por esta razão, entendo como história esta prática (uma “disciplina”), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma produção”. Em síntese a História se apresenta como narrativa histórica, onde diferentes relatos se aglutinam e se manifestam de diferentes formas (documentos, relatos, imagens, fotografias, vídeos etc.) que, em posse do historiador (pesquisador), se transforma num saber, procurando revelar significados e explicações para acontecimentos que em sua visão possui relevância social.

A questão a ser transmitida nesse trabalho de pesquisa, está vinculada à utilização das “narrativas orais”, através do uso da “memória”, como campo de estudo do passado, onde as vozes de seus narradores podem desvendar mistérios que outras fontes documentais talvez não consigam trazer à “luz do conhecimento”.

É nesse contexto de diálogo entre conceitos históricos constituídos pela historiografia, que o leitor irá se debruçar com a história da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” de Torixoréu-MT, instituição escolar mais antiga do município, onde por mais ou menos tempo, servidores dessa unidade escolar, ajudaram na constituição de uma formação sociocultural local, salientando que o desenrolar diário das atividades pedagógicas se entrelaçaram com os enredos sociais da comunidade, fortalecendo o elo entre a convivência diária da municipalidade com a dinâmica institucional da escola, conseqüentemente, com a própria história do município.

A escrita historiográfica por longos anos se baseou nos aportes teóricos de cunho positivista, tendo como principal fonte de pesquisa o documento chamado de “oficial”, ou seja, os documentos e registros escritos representavam uma forma de apresentação da história que vangloriava as ações apenas dos poderosos, das pessoas ligadas aos contextos políticos, que delinearam histórias vista por um prisma estritamente exclusivista, como destaca Burke (1990, p.11): “A forma dominante de se fazer história por longos anos havia sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens – chefes militares e reis”.

Os apegos à exaltação e a sacralização do documento escrito na pesquisa histórica, resquícios da concepção positivista do século XIX, relegou a prática de colher depoimentos orais a segundo plano em trabalhos de pesquisa histórica. A pesquisadora Verena Alberti, assim destaca a negação dos documentos de cunho oral na concepção positivista: “Considerava-se que o depoimento não poderia ter valor de prova, já que era imbuído de subjetividade, de uma visão parcial sobre o passado e estava sujeito a falhas de memória” (Alberti, 2013, p. 25).

A mesma autora, destaca a segunda metade do século XX, momento de intensos questionamentos e reformulações no campo político pós Segunda Guerra Mundial, como crucial na disseminação do uso da história oral como fonte de pesquisa, assim, assinala Alberti:

Foi apenas na segunda metade do século XX – depois de algumas experiências nas primeiras décadas do século, como a de Thomas e Znaniecki, por exemplo – que a história oral se apresentou como potencial de estudo dos acontecimentos e conjunturas sociais. Atribui-se a isso uma espécie de insatisfação dos pesquisadores com os métodos quantitativos, que, no pós-guerra, começaram a ceder lugar aos métodos qualitativos de investigação (Alberti, 2013, p. 25).

A inserção dos métodos de investigação qualitativa, através da participação dos sujeitos a partir da metodologia da história oral, utilizando-se de fontes como entrevistas, observações, narrativas, histórias de vida, documentos pessoais, diários, fotografias, dentre outros, contribuiu, e vem contribuindo de forma bastante significativa na compreensão de fenômenos socioculturais, a partir do ponto de vista dos sujeitos envolvidos, valorizando significados, experiências, narrativas e contextos.

A oralidade na pesquisa historiográfica, trouxe ao debate metodológico da pesquisa, a relevância da “memória” como campo de investigação científica nas ciências humanas e sociais. E trazer ao debate historiográfico a Escola “Febrônio Rodrigues”, apropriando-se das falas de ex-servidores que ajudaram a construir a trajetória da instituição escolar, e da própria municipalidade, é sem dúvida elevar a temática “memória” no campo de investigação científica a um contexto de construção histórica que envolve empoderamento de identidades coletivas.

Trabalhar com o uso da memória como campo de pesquisa, não significa apresentar o passado tal como ele foi narrado por aqueles que expressam suas lembranças, e sim, contextualizá-lo, com diferentes fontes documentais.

Esmiuçar histórias mais recentes com a utilização da memória, não é somente vangloriar a história oral como fonte de pesquisa, mas sim, dar visibilidade a fatos que a história dita “oficial” não conseguiu alcançar no que se refere a personagens comuns do dia-a-dia social. Montenegro (2007), descreve a importância da oralidade na pesquisa histórico-social da seguinte forma:

No que tange aos relatos orais de memória individual, o fato desta se apoiar na história, possibilita que, ao estudá-la, se tenha também um conhecimento das formas de elaboração do passado de parcelas da população ou do grupo social em que o entrevistado se encontra inserido (Montenegro, 2007, p. 30).

Podemos compreender que, o uso da memória como campo de pesquisa, salienta a escrita da história de grupos sociais dos mais variados, em que cada qual seja representado sobre uma perspectiva conjuntural, dada a partir de suas próprias experiências, partindo do contexto social vivido por cada um de seus narradores. O leitor ao se deparar com os relatos orais dos ex-servidores da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, irá perceber a força da narrativa não só de um contexto social pessoal, mas de um contexto comunitário, fortalecido por um espaço institucional que eleva ainda mais a importância desses relatos na constituição de uma memória social. Memória essa que se auto eleva a uma condição institucionalizada de significado socioafetivo.

Novo imperativo categórico de um mundo em constante transformação, a memória é objeto de análise em todas as ciências sociais, e quando falamos de memória e sua utilização na disciplina de História, não nos referimos ao estudo da memória individual como se aplica a psicologia ou a neurociência, estamos falando da memória constituída coletivamente, voltada a registrar pertencimentos de amplitude sócio-histórica. Michael Pollak (1989), já assim destacava a utilização da memória na ciência social:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30 [século XX], já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações mudanças constantes (Pollack, 1989, p. 201).

Assim como foi teorizada com ampla profundidade pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945), a constituição de uma memória coletiva se dá pela participação de diferentes indivíduos em acontecimentos que são comuns a eles, e que juntos formam uma conjuntura de relatos formando o que podemos destacar como “memória coletiva”. François (2016), assim descreve sua visão sobre a memória coletiva:

Coletiva, essa memória é mais que a soma de memórias individuais de membros do grupo em questão. É constituída pela interação entre eles, repousa sobre as trocas e representa um patrimônio imaterial que contribui a unir os membros de um grupo e lhes permite se situar no passado, no presente e no futuro. Isso nos leva a dizer que a memória coletiva é uma realidade antes de tudo social e política, cultural e simbólica (François, 2016, p. 17).

Os aspectos da memória que constitui campo da pesquisa histórica, podemos dizer que está intimamente ligado à formação de uma identidade representativa de um grupo, ou até mesmo de um único indivíduo, que se manifesta como parte integrante de uma narrativa

sociológica de pertencimento, ou parte constitutiva da formação de uma unidade em torno de algo, que simbolicamente se apresenta socialmente estimável, do ponto de vista identitário.

O ser em si, ou por necessidade instintiva de ser reconhecido pelo grupo ao qual pertence (ou quer pertencer), ou por medo de um suposto isolamento social indireto, se alimenta de uma construção do passado, que lhe insere em um processo de reconhecimento particular, que ao formalizar isso a partir da memória, se estabelece como parte de um todo. Portanto, as expressões da memória, mesmo àquelas manifestadas isoladamente, são carregadas de motivações que corporificam sentidos de referência ideológica. Assim explica esse fenômeno Le Goff (1990, p. 426): “[...] são nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual”.

A memória individual, se associa ao que é importante para a representatividade coletiva, como num jogo socioideológico de interesse híbrido, mas objetivada por questões pessoais. É como se a narrativa garantisse o pertencimento e o não esquecimento diante da história, o que de fato acontece.

Tive a oportunidade de sentir essas particularidades conscientes e inconscientes de interesses destacadas por Le Goff ao realizar as entrevistas. Cada ex-servidor entrevistado se abasteciam tanto de suas características pessoais de comportamento, o que é essencialmente natural, quanto de seus desejos particulares e coletivos de representar proximidades e afetividades, reelaboradas pelas lembranças saudosistas de momentos vivenciados representando a escola. E representar a Escola “Febrônio Rodrigues”, era sem dúvida, estar em conexão constante com a comunidade como um todo, devido a importância da escola no convívio social do município.

Nadel (1942), ao estudar sociedades que constroem suas histórias a partir da memória, assim faz referência ao modo do pesquisador se apropriar dessa ferramenta como campo de pesquisa:

Pois a história de fato “objetiva” é a que descrevemos e estabelecemos por meio de critérios universais, enquanto a história “ideológica” descreve fatos e acontecimentos de acordo com a tradição na qual foi constituída, e esta, é onde se fixa a memória coletiva (Nadel *apud* Le Goff 1990, p. 428).

Ou seja, a memória coletiva está cheia de formulações que vem ao encontro de rituais, gostos, desejos e valores de cunho ideológico e político de cada narrador em cena, e que aglutinados em redor de determinado grupo, se torna pressuposto fiel daquilo que se quer representar.

A difusão do uso da memória na pesquisa historiográfica a partir da segunda metade do século XX, e sua relação com a própria história, trouxe novos desafios e leituras acerca do passado. A autora Marieta de Moraes Ferreira, estudiosa do uso da memória a partir da oralidade, afirma que a partir da “rememoração”, muitas das vezes dada por outro, as imagens do passado não seriam de fato lembradas como realmente aconteceram, e sim de acordo com as forças sociais que a implicam no tempo presente (Ferreira, 2002, p. 320-321).

Ainda referindo-se aos estudos de Ferreira aos aspectos da memória, e sua importância na pesquisa historiográfica dos últimos anos, se destaca a visibilidade de diferentes personagens que contribuem ativamente na constituição da história contemporânea. Segundo Patrick Hutton (1993),

O interesse dos historiadores pela memória foi em grande medida inspirado pela historiografia francesa, sobretudo a história das mentalidades coletivas que emergiu na década de 1960. Nesses estudos, que focalizavam principalmente a cultura popular, a vida familiar, os hábitos locais, a religiosidade etc., a questão da memória coletiva já estava implícita, embora não fosse abordada diretamente (Hutton *apud* Ferreira 2002, p. 320).

Historicamente os movimentos revolucionários da França, que envolviam aspectos políticos e sociais do final da década de 1960, favoreceram também uma nova aplicabilidade do fazer historiográfico, o pensamento das massas, de grupos isolados, de trabalhadores e de diversos setores que compõem a sociedade, passaram a direcionar sua própria história do ponto de vista do seu próprio lugar social.

Nesse sentido, surge paralelamente uma resignificação do próprio fazer historiográfico, quando novos pesquisadores passaram a utilizar-se dos aspectos da memória, para colocá-la a disposição de uma formação de identidade coletiva acerca de eventos e nuances da vida em sociedade.

Reviver histórias de pertencimento de pessoas que contribuíram e contribuem com a história do município de Torixoréu, através de seus relatos de passagem pela Escola “Febrônio Rodrigues” é demonstrar de alguma forma a participação dessas pessoas na vida social coletiva. São essas experiências vivenciadas ao longo da vida, que vão dando significado em nossa existência e promovendo lembranças de diferentes fatos, realizando conexões com o passado.

E são essas memórias evocadas pelas lembranças, que na maioria das vezes carregadas de interferências externas, vão estabelecendo interfaces constitutivas de memória, tais como: nossa forma de pensar, agir e se colocar socialmente. E nos colocamos não partindo de um ponto isolado de nossa memória individual, mas a partir de gatilhos que nos são dados a partir

de nossas experimentações coletivas. Essa elucidação de nossa memória sob o ponto de vista de uma memória coletiva, assim é descrita por Halbwachs:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: É necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (Halbwachs, 1968, p. 34).

Percebemos, portanto, que a administração das nossas lembranças, são impreterivelmente, imersas em condicionantes particulares de nós mesmos, que ao se deparar com outras expressões caracterizadas por nossas vivências coletivas, nosso subconsciente se manifesta de acordo com nossa aceitação, solidificando exteriorizações daquilo que adicione relevância substancial de nossa vida socioafetiva, de nossos traumas, ou mesmo de nossas expressões culturais e intelectuais.

O fechamento da escola por exemplo, revelou um emaranhado de sentimentos representativos de um passado nostálgico que estaria sendo despedaçado pelas circunstâncias do momento, um presente conflituoso cheio de incertezas comuns, não só aos servidores da escola, mas também à comunidade local, e um futuro distante dos sonhos e perspectivas que naturalmente criamos em torno do que se faz concreto ao nosso redor.

Santos (2013, p. 36) destaca que: “Quando exposta a estímulos sensíveis de toda ordem, a funcionalidade regular dos sistemas sensoriais-motores fica sujeita a reações inesperadas”. Ou seja, todos os nossos sentidos estão de alguma forma sujeitos a reações totalmente inesperadas, pois, nem todas as reações aos estímulos sensíveis de nossa memória estão catalogadas ou reconhecidas por nossas lembranças.

A memória não deixa de se manifestar também de forma individualizada, pois, as impressões das experimentações de qualquer que seja o ponto de análise cognitiva de algo, sempre será expressa intimamente pelo ponto de vista individual de suas formulações intuitivas do modo de ver o mundo. É o que Candau (2023, p. 23), chamou de memória “primária” que é aquela adquirida individualmente por nossos próprios instintos, ou seja, a memória repetitiva, como andar de bicicleta sem cair, saudar uma pessoa na rua, dançar, caminhar de uma maneira que nos é própria.

Segundo a linha de pensamento de Candau, ele faz referência a memória classificando-a em três partes: em primeiro plano a “protomemória” que é aquela ligada aos nossos atos corriqueiros do dia-a-dia, que são transmissão social que nos ancora em nossas práticas e códigos implícitos, costumes introjetados no “espírito sem que neles se pense” (Candau, 2023,

p. 22). A protomemória seria, uma memória introjetada em nossa consciência, que se torna imperceptível às nossas ações cotidianas, e que, age de forma natural aos nossos instintos mais rudimentares, alimentando-se não de nossos desejos pela expressão do passado, e sim, pelo ato em si de movimentação do nosso corpo em relação as adversidades corriqueiras do “nós” em relação ao mundo social no qual nos situamos.

Em uma segunda instância, a “memória” propriamente dita, ou “memória de alto nível”, que de acordo com Candau (2023, p.23), “é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.)”. Nesse caso, referimo-nos a uma memória de recordação e reconhecimento, nas quais beneficiamo-nos das invocações referentes ao passado, invocações essas que podem surgir de maneira voluntária à nossa consciência, ou mesmo involuntária, emergidas pelas nossas percepções e sensações nas quais vamos experimentando ao longo do tempo.

E por último, um terceiro nível de memória, chamada de “metamemória”, na qual se apresenta como formatação da representação que cada indivíduo cristaliza de sua própria memória, da afiliação que qualquer indivíduo, conscientemente, faz com o seu passado, o que remete ao que chamamos da construção da identidade (Candau 2023, p. 23). Nesse último caso, referindo-se aquilo que queremos reviver de um passado que enxergamos cristalizado por nossos sentimentos e aspirações delineadas pelo nosso subconsciente intelectual. E avalio que empoderados dessa metamemória explanada por Candau, cada ex-servidor(a) da Escola “Febrônio Rodrigues” buscaram em suas lembranças os argumentos linguísticos e epistemológicos para preencher o presente de um passado plausível de busca por reconhecimento e respeito.

Mas mesmo pontuando a existencialidade de uma memória individual por lapsos conectivos de experiências únicas de cada ser humano, ela, “a memória” ainda assim, serve-se das vicissitudes implícitas que recebe como interferência exterior. Certeau, assim descreve, as interferências suscitadas pela memória:

Como os pássaros que só põem seus ovos no ninho de outras espécies, a memória produz num lugar que não lhe é próprio. De uma circunstância estranha recebe a sua forma e implantação, mesmo que o conteúdo (o pormenor que falta) venha dela. Sua mobilização é indissociável de uma alteração. Mas ainda, a sua força de intervenção, a memória a obtém de sua própria capacidade de ser alterada – deslocável, móvel, sem lugar fixo (Certeau, 1990 p. 162).

O lugar da memória, portanto, passa a se concretizar sob a prática de preservação de uma memória que se faz coletiva, com a funcionalidade de manter viva uma determinada identidade comum, que em constante movimento, formulam significados tanto de lugares materialmente constituídos, como das simbologias reproduzidas culturalmente.

A memória é tocada pelas circunstâncias, como o piano que “produz” sons ao toque das mãos, ao passo que se atrofia quando se dá a autonomização de lugares próprios (Certeau, 1990). O lugar próprio da memória, mesmo que um indivíduo se lembre sozinho, mesmo partindo de experiências pessoais que aconteceram isoladamente, distante de qualquer interferência de outro indivíduo, elas são reconstruídas a partir de uma sinopse mental consubstanciada a algum elemento exterior, e são essas faculdades interventivas exteriores que acabam por mobilizar quadros conectivos de uma memória unilateral, mas que se faz coletiva.

Estando apresentada seja de maneira individualizada, quanto coletiva, faz-se necessário ressaltar que é a partir de nossa memória que vamos delineando sentidos para a formação de nossa identidade, como apresenta Pollack:

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollack 1989, p. 204).

A memória, constituinte do sentimento de identidade individual e coletiva, se manifesta no tempo presente, estimulada pelas percepções que nos são impostas pelas lembranças nas quais vamos emergindo de nosso subconsciente. “A memória é desencadeada de um lugar, e este se situa no presente” (Seixas 2002, p. 62-63). Mesmo remetendo a uma lembrança do passado, é a necessidade presente que delineia a evocação memorialística. Dosse, (2006) reforça que:

Ora, seja como recordação ou como esquecimento, nunca é o passado que se impõe ao presente, mas é este, enquanto permanente tensão e pretensão, que vai urdindo as tonalidades – que pode chegar à patologia – de presença do ausente (Dosse *apud* Catroga, 2015, p. 21).

Subsidiar as narrativas memorialistas dos ex-servidores da Escola “Febrônio Rodrigues”, representa pra mim, rememorar sonhos e conquistas de uma comunidade que ali, naquele espaço institucional, deram seus primeiros passos para sua formação cidadã, e diretamente ajudaram a moldar a história do município de Torixoréu, e estabeleceram vínculos

representativos de pertencimento, alimentados por uma convivência social que se fez presente por longos anos em volta da instituição.

Concluo essa questão das interferências da memória na “reprodução do passado” dizendo que, as lembranças na qual vamos recordando de algo, elas nunca poderão recuperar o passado de forma intacta através da memória, até mesmo porque são carregadas de uma releitura social que se encontra em cada sujeito, ou seja, ao se lembrar, aciona mecanismos que envolvem participações ocultas de elos subjetivos que foram armazenados no interior de cada indivíduo e que são fatores conectivos de memória exterior. As lembranças nunca se apresentam de forma exata e fixa, pelo contrário, são reconstruídas, distorcidas ou até mesmo rearranjadas com o passar do tempo.

1.2 Identidade

O tema “identidade” como objeto de interesse proeminente na experiência humana, está cada vez mais vinculado a debates e estudos do mundo contemporâneo. Entender como as sociedades se veem e se definem perante o mundo social, requer de nós pesquisadores, um olhar extremamente aguçado às representações vinculadas aos saberes relacionados ao tempo, espaço, e principalmente aos vínculos socioculturais ligados a cada indivíduo que se apresenta como tal.

Com os debates em torno da pós-modernidade e do multiculturalismo, no final do século XX, o tema “identidade” veio à tona na História. Tema este que não é novo nas ciências humanas, já sendo bem conhecida da Psicologia e da Antropologia, mas que na história tornou-se uma preocupação recente, principalmente quando se trata da promoção da conscientização sobre a diversidade cultural existente em nosso país, onde o conhecimento dessa diversidade passa pela definição de identidades étnicas e regionais de diferentes localidades (Silva e Silva, 2009, p. 202).

Conceituar o termo identidade requer uma complexidade diagnosticada da perspectiva social de onde se processa tal designação, sendo ela preeminente de diferentes contextos socioculturais preexistentes em nossa individualidade e de nossas representações moldadas pela coletividade. Destacando a definição do termo identidade no campo da Psicologia e da Antropologia, Silva e Silva, assim conceitua:

Tanto para a Antropologia quanto para a Psicologia, a identidade é um sistema de representações que permite a construção do “eu”, ou seja, que permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros. Tal sistema possui representações do passado, de condutas atuais e de projetos para o

futuro. Da identidade pessoal, passamos para a identidade cultural, que seria a partilha de uma mesma essência entre diferentes indivíduos (Silva e Silva 2009, p. 202).

É nessa configuração que este tópico do trabalho irá embasar o termo identidade, enfatizando o conceito com os aspectos culturais que cada indivíduo vai se alinhando no proposito delineador de pertencimento identitário comum.

A formação de nossa identidade é aplicada desde nossa gestação pelos nossos pais e familiares, onde se busca inicialmente saber o sexo do bebê, e a partir daí, nos revestir dos elementos comuns de crenças socialmente construídas pelos adultos que serão nossos tutores após nosso nascimento.

Trata-se de uma necessidade emergencial de inclusão comunitária, no qual, espera-se a legitimação daquele que vem chegando aos arranjos sociais pré-estabelecidos pela sociedade. E isso não se restringe a grupos minoritários ou excluídos de direitos participativos na esfera social. Na visão de Mathias (2023, p. 167), “Trata-se de um anseio que parece caracterizar a condição humana, tendo seu início na relação entre mãe e bebê e que se repete infinitamente nas diferentes modalidades de interação, tecidas ao longo do percurso existencial, sob diversas máscaras”.

Silva (2000, p. 74) em uma primeira aproximação ao tema, afirma que “a identidade é simplesmente aquilo que se é,” ou seja, o modo singular de cada indivíduo se reconhecer, ou se autodeclarar. E toda forma de identificação, como por exemplo, nossa orientação sexual, cor da nossa pele, religiosidade, estilo musical, nosso jeito de vestir etc.; tudo são formas de identificação que se apresentam como elementos condicionantes de confirmação identitária perante a sociedade. Não somos somente um número instituído por nosso Registro Geral (RG) ou Cadastro de Pessoa Física (CPF), esses são apenas nossos registros burocráticos de identidade social que nos caracteriza como indivíduo perante o Estado.

Somos constituídos de valores e comportamentos que vão nos moldando enquanto indivíduos socialmente estabelecidos em um meio. Mas para além de um documento físico que nos identifica perante as leis, a construção de nossa identidade social é feita de afirmativas e negativas, expressas em nossos posicionamentos individuais diante de situações que nos são apresentadas cotidianamente. Silva e Silva descrevem que:

Uma pessoa cria sua identidade ao se posicionar diante das instituições, ao responder às situações sociais mais importantes da sociedade: como um indivíduo entende o casamento, a Igreja, a moralidade, a Arte, as leis etc., é o que define sua identidade social. Esses perfis seriam construídos a partir das

fórmulas dadas pela sociedade, e não criadas simplesmente pela escolha individual (Silva e Silva, 2009, p. 203).

No campo da história, o estudo da identidade, está concomitantemente associado ao campo da memória, a saber que a recordação dos acontecimentos passados, evoca sentidos mútuos de pertencimentos identitários ligados a um tempo e espaço representativos de memória, que muitas das vezes são compartilhados por diferentes indivíduos que vivenciaram acontecimentos históricos representativos em seus contextos de vida comunitária.

O historiador David Lowenthal, assinala que “Identidade e memória estão indissociavelmente ligadas, pois sem recordar o passado não é possível saber quem somos. E nossa identidade surge quando evocamos uma série de lembranças. Isso serve tanto para o indivíduo quanto para os grupos sociais” (Lowenthal, 1998, p. 204).

Identificar-se é pertencer, e precisamos considerar que toda identidade necessita da força consciente da memória para garantir esse pertencimento, esse restabelecimento de elo entre o “eu” indivíduo, com o “mundo” externo, muitas das vezes de um tempo passado, onde se aplica as bases solidificadas de pertencimento ávido daquilo que já não existe mais, porém, é constantemente consagrado pelas lembranças. Bauman (2005), ao mencionar os temas identidade e pertencimento, assim correlaciona:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (Bauman, 2005, p. 17).

Ou seja, estamos propensos aos desníveis das mudanças propiciadas pelas nossas ações enquanto seres socialmente constituídos, os nossos sentidos podem ser devidamente alterados de acordo com nossas experimentações do presente o que reflete em nosso futuro, pertencer e identificar-se, torna-se um ato consciente de escolha de se manter empoderado ou não, de continuar forjado no sentimento austero de personificação de uma identidade que não se abala, ou em um sentimento de esquecimento emanado pelas redundâncias das mudanças que o próprio tempo se encarrega de instigar. “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos ou ferramentas” (Bauman, 2005, p. 35).

É neste contexto de reafirmação da identidade que entra em cena como campo de estudos historiográficos as “memórias” dos ex-servidores da Escola “Febrônio Rodrigues”, por

meio delas, se abre a possibilidade de nos auxiliar na compreensão de como o cotidiano do município se configura em uma construção social de simbologias e representações, ajudando na compreensão de estudos de temporalidades e experiências individuais e coletivas de pessoas que se auto identificaram com um espaço coletivo de convivência social.

A constituição da escola como espaço de formação pedagógica da maioria da população do município, reforça o sentimento de identificação afetiva das diferentes gerações que por ali passaram. A escola querendo ou não é um espaço que estabelece laços de ligações entre diferentes gerações, que se permitem socializar-se em prol de um objetivo comum, e que com o passar do tempo são estabelecidos vínculos sociais de pertencimento e afetividade histórica com o lugar. Feldman assim salienta:

Essas interações estabelecidas entre o indivíduo e o grupo de referência criam as chamadas relações sociais e sucessivamente uma comunidade de afeto, um elo de sentimento que permite a identificação do indivíduo para com o grupo de referência, no qual se encontra inserido pela vivência. A vivência em grupo pode ser reconstruída pela lembrança, o ato de lembrar (Feldman, 2016, p. 20).

O estudo relacionado à memória de grupos, vem de encontro ao que Stuart Hall (2012) chamou de centralidade cultural, que gera significações, representações e identidade entre um grupo social (Hall *apud* Canabarro; Moser; Ernesto, 2018, p. 115). As memórias podem ser pensadas em um processo de manutenção do “eu”, entendendo que é por meio de uma reflexão passada que cada indivíduo, dentro de um dado grupo, manifestam seus símbolos e sua cultura.

Para o nosso espaço de abordagem de pesquisa, que é uma pequena cidade com pouco mais de quatro mil habitantes no interior da região Sudeste mato-grossense, com sete décadas de emancipação política, as lembranças da constituição da localidade e das suas principais instituições públicas estão latentes na memória coletiva. Como mecanismo de (re)afirmação das conquistas da comunidade, o ato de lembrar é uma atitude em prol da construção da identidade partilhada no cotidiano.

A vida local sem as atribulações dos grandes centros urbanos, proporciona um contato mais intenso entre os seus integrantes, espaços de socialização e consequentemente com o enraizamento de uma memória afetiva que delineia o sentimento de pertencimento das pessoas com o espaço/lugar. As oito décadas da existência da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” impulsionou não só o ato em si de identificação com o lugar, mas também parte do processo de significação social sendo a escola um lugar privilegiado para produção e circulação das memórias e da construção da identidade social.

Obras públicas se vão, abertura de novas construções chegam em todo lugar. Novas ruas se abrem, demolições são rapidamente decididas por pessoas que muitas das vezes, tomam as decisões por trás de gabinetes sem nenhum comprometimento com a história e o lugar. A Escola “Febrônio Rodrigues” passou por duas situações que mexeu muito com as pessoas que ali contribuíram com sua história, a demolição do antigo prédio, no final da década de 1970 e, posteriormente, seu total fechamento no ano de 2024, dando lugar a outro estabelecimento público.

Mas ao tratar de identidade e pertencimento de homens e mulheres em relação às “coisas”, Halbwachs destaca que, quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele (Halbwachs, 2003, p. 163).

Se a formação de nossa identidade está intimamente ligada ao passado rememorado a partir das lembranças, a identidade se associa aos apegos materiais no qual estamos imersos. Se torna essencialmente elegível, que lugares de representações sociais da vida socioafetiva, circulem nos discursos, carregadas pelas palavras veiculadas por mensagens e imagens cristalizadas nas condutas materiais ou espaciais (Jodelet, 1989).

Vivenciar o fechamento da Escola “Febrônio Rodrigues” estando no convívio de pessoas que por lá estabeleceram vínculos afetivos contundentes com suas histórias e projeções para um futuro que estava alicerçado àquele lugar, enfatiza o que Bauman (2004), projeta em relação à identidade, ‘identificar-se com...’. O que significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar. Na visão do autor, as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta.

1.3 A unidade escolar como lugar de memória e representação social

Nós seres humanos estamos sempre propensos a criar significados para nossas ações do cotidiano e acumular experiências para utilizá-las durante a vida. Podemos destacar a relevância das lembranças afetivas na formação da memória de cada indivíduo, onde constituem-se como parâmetros para a transmissão de valores tangíveis e intangíveis entre diferentes gerações, e de busca por representações materiais e imateriais que propicie condicionantes de lugares específicos de validação de nossa memória.

A memória das sociedades antigas apoiava-se em valores ligados às práxis coletivas como a vizinhança, familiares (que eram muitos), atitude de apego a certos objetos biográficos,

arrimos em que a memória sempre se apoiou (Le Goff, 1990). Os ensinamentos estavam muito mais ligados à convivência social, já que pouquíssimas pessoas tinham acesso ao que se chamavam de escola.

As transformações sociais do mundo contemporâneo, principalmente em se tratando da rapidez informacional dos acontecimentos vivenciados por diferentes grupos sociais, que antes tinham uma menor relevância, favoreceu que processos dominantes de grupos privilegiados, fossem postos a prova diante de uma visibilidade muito mais contundente de diferentes grupos que agora são reconhecidos, e que os avanços educacionais deram suporte de luta constante por representatividade. Entra em cena, a história das mentalidades, com um olhar muito mais aguçado para as sensibilidades individuais e coletivas, que lutam não só por direitos sociais básicos, mas também, por direitos identitários de representação social (Ansart, 2002).

O estudo exploratório dos espaços educacionais, tem se apresentado como proposta inovadora no campo de pesquisa da educação e suas contribuições no âmbito da história das localidades, emergindo com grande potencial criativo de novas leituras do passado. Silva destaca, “[...] a rigor, os homens precisam das instituições, para se servirem, como mediadores de seus conflitos e de suas necessidades. A memória é uma fonte de história e conhecimento e não uma mera reminiscência daquilo que nos causou dor, prazer, sofrimento” (Silva *et al.*, 2015, p. 162).

Trazendo ao contexto da história local de Torixoréu, a própria Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” em um cenário de ressignificação social, devido ao seu fechamento, apresenta-se como referencial histórico, aberto a problematizações historiográficas que possibilitam novas configurações exponenciais de sua importância na constituição da memória do povo, do lugar.

Tradicionalmente, a noção de lugar, principalmente visualizada pelo campo da geografia, esteve diretamente ligado a um conceito de espaço físico, de um local espacial concreto, visualizado apenas do ponto de vista objetivo. Com os novos estudos historiográficos a partir de 1960, o conceito “lugar”, foi sendo desconectado da ideia de um mero local específico geograficamente. Barros (2022, p. 24) destaca que: “O local pode ser um mero ponto no mapa definido pelo encontro de um paralelo e um meridiano. Mas um lugar precisa ser nomeado, pressentido por alguém como dotado de uma singularidade”.

O “local” se torna o “lugar” que passou a ter implicação específica para alguém, ou para o grupo, e vem revestido de significados. O lugar é o espaço que adquiriu novos níveis e camadas de sentidos, que não são apresentados como um mero ponto geográfico espacial. Para o sociólogo e urbanista francês Alain Bourdin (2001):

O “local” é um lugar de sociabilidades, marcado pela proximidade e pela contiguidade das relações entre os sujeitos que as estabelecem. Nessa perspectiva, a “dimensão do local” permite ampliar e compreender a relação entre espaço e ação, ou pensar e problematizar o espaço como lugar de ação, o que coloca, por conseguinte, a relação sujeito/espaço no centro das discussões (Bourdin *apud* Cavalcante 2018, p. 275).

É partindo desse ponto de problematização, do que constitui um espaço como um “lugar de memória”, que vamos delineando a história da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”. Apresentando elementos que evidencie a instituição escolar, como um espaço representativo de memória para a formação e constituição de uma identidade local, constituindo-se como um espaço de vivências múltiplas, que interliga esse espaço com mais de oitenta e oito anos de história, ao surgimento, desenvolvimento e memória do próprio município. Diversas fontes são postas como caminho a ser seguido para falar de uma instituição escolar, Silva, assim destaca:

Não existe um caminho único para adentrar na pesquisa sobre instituições escolares, o pesquisador pode fazer isso pelo currículo, pela legislação, pela proposta educacional, pelo quadro de alunos e de professores, pela arquitetura, enfim existem diversas formas de iniciar o trabalho sobre uma instituição, afinal serão as perguntas e questionamentos que direcionam este trabalho (Silva *et al.*, 2015, p. 164).

O historiador ao analisar uma determinada instituição educativa, no meu caso a Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, tem a possibilidade de compreender as múltiplas dimensões que permeiam a sua validação histórica e sua presença na sociedade por determinado período, trazendo para o presente, como se deu o processo formativo da instituição de ensino para com a sociedade na qual ela está inserida (Silva *et al.*, 2015). Entendamos que, nenhuma instituição manifesta sua representatividade plena somente no interior de seus muros, é seu entorno, suas relações com o mundo exterior que vão dando redundância significativa aos paradoxos que envolve a relação institucional com a comunidade envolvida.

As instituições surgem pela necessidade de atender uma demanda social constitutiva, porém, são as pessoas que delineiam as relações políticas de poder. História e memória se entrecruzam na ânsia de referendar registros de um passado que enaltece a exuberância das ações coletivas ou individuais dos agentes que, por mais ou menos tempo, estiveram diretamente ligados aos enlaces sistêmicos entre instituição e comunidade.

Entre passado e presente, similaridades e diferenças, representações e materialidades, transitam os que atuam no âmbito da história e memória das instituições. Campo permeado pelas disputas de poderes, na dimensão dos embates que definirão o que será lembrado, como

será lembrado, e também com aquilo que, não sendo lembrado, será esquecido: não somos só o que lembramos, somos também o que esquecemos, os indivíduos e as instituições são produções de constantes interações entre poderes e saberes (Nora 1993).

Espaço físico, nomes, placas memoriais, paredes, mobília se transformam em história quando os atores relembram, relatam ou narram cada forma de organização, cada mudança ocorrida ao longo do percurso, cada processo burocrático de uma mudança brusca ou corriqueira, trazendo o lugar, e suas disputas cotidianas, para o cerne memorialista de um tempo vivido de maneira alusiva a um passado representativo elucidado pelas lembranças.

Apresentar a história da Escola “Febrônio Rodrigues” como representação de lugar de memória, através das vivências de seus ex-servidores, significa reviver lembranças empoderadas de pertencimento, e de como essas pessoas apresentam suas próprias identidades, a partir das experiências emocionais e dos vínculos afetivos que foram estabelecidos com o “lugar” ao longo do tempo.

E são essas identidades formadas pelas relações pessoais de amizade, traumas, paixões e laços sociais significativos, que vão catalisando histórias, sonhos e significados mobilizadores, para se pensar como sujeitos históricos que constroem memórias e identidades, a partir de mediações que permearam a convivência dinâmica de um espaço aglutinador de história e memória. São essas marcas da vida humana, carregadas de significados, que envolvem a história no prazer de desvendar as tramas que envolvem as relações humanas com o passado, como indica o historiador Le Goff:

A história deve perscrutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação, todas essas velhas falsidades sob as quais ela deve descobrir alguma coisa de muito real, as crenças humanas. Onde o homem passou e deixou alguma marca da sua vida e inteligência, aí está a história (Le Goff, 1994, p. 88).

Ao rememorar e reconstruir espaços e lugares, cada ser humano determina dentro do espaço recriado, sentimentos e emoções que se alinham com as ações que os acompanharam em suas realizações enquanto agentes representativos do lugar. Ao narrar suas histórias de vida, e convivência social representando a Escola “Febrônio Rodrigues”, os ex-servidores não estão apenas rememorando fatos e feitos, e sim, eternizando em seus espíritos cada situação vivenciada, cada objeto que fez parte do cotidiano de trabalho, cada cômodo habitado no dia-a-dia, sem imaginar que no subconsciente se materializa uma memória afetiva aparentemente inóspita, mas que acumulam experiências vividas que possivelmente alimentam o imaginário das lembranças afetivas. Lugares estes que podem se apresentar em diferentes sentidos, tais como, material, simbólico e funcional, como salienta Nora:

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo um recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente para uma chamada concentrada da lembrança (Nora, 1993, p. 21-22).

Então o lugar constituído, se apresenta como representação imaterial, por trazer em seu escopo a proximidade de relação entre o ser e o espaço materialmente constituído, onde a vivência diária, a criação de hábitos, a realização de mudanças, vão delineando situações de interação mútua, de identificação solidificada na simbologia que tal espaço passa a representar. Sua constituição de memória por sua funcionalidade, se apresenta, pela importância significativa que se é empregada por aqueles que ali deixaram suas marcas.

Representar um lugar, eleva o ser em si a um sentimento de pertencimento, dever cumprido socialmente, onde laços de interações sociais são constituídos e valorizados mediante a comunidade. Um lar comum, pode ser lugar de memória para uma dona de casa que vivencia o dia-a-dia laboral de seus afazeres, e faz daquele lugar o seu espaço de relação significativa entre o “eu e o mundo”. Candau, destaca que:

Mesmo o próprio quarto, é um lugar refúgio privilegiado para a lembrança. Ele existe na memória como um espaço de isolamento entre si e os outros, como um primeiro envelope que informa alguma coisa de sua identidade e da negociação de um território próprio (Candau 2023, p. 158).

E por conseguinte, as relações simbólicas, constituídas pelas lembranças seja de um momento considerado inestimável, ou de um momento turbulento que causou dor, ou até mesmo de uma despedida inesperada, onde um fluxo de lembranças se acumulam formando um emaranhado de sentimentos que denotam um misto de proximidade ou distanciamento, entre o eu e o lugar afetivo fundamentado na memória. Como é o caso da própria instituição escolar “Febrônio Rodrigues” que de um espaço comum de sociabilidade na comunidade local, de repente se torna um espaço distante, restaurador de lembranças socioafetivas. A notícia do seu fechamento gerou sentimento mútuo de pertencimento entre o eu “individual” com a “coletividade comunitária” que por ali produziu histórias tangíveis na memória de cada um.

O espaço nessa perspectiva ganha vida, que retirado da inércia, se apresenta como delineador de memórias, carregado de histórias fomentadas pelas inquietações de seus agentes, que subtraem das profundezas do silêncio as vozes que entoam alegações, superstições,

conhecimento e indagações. Guerra (2019, p. 194) destaca que, “[...] podemos chegar à conclusão de que o espaço não é inerte, pelo contrário, o espaço é protagonista, o espaço requer atenção e inquérito, o espaço é história”. Fundamentalmente, a atribuição aos “espaços” como uma condição de importância nas relações com os sujeitos, vão muito além de uma análise de um mero local físico de ocorrência de eventos históricos, são também, espaços constituintes de simbologias, relações socioafetivas, e no caso de uma instituição escolar, local de formação comunitária comum, onde se entrelaçam vivências carregadas de subjetividade, consequentemente espaço carregado de história. Guerra (2009, p. 194) assim conclui sua posição em relação à história diante do espaço:

Se a História consiste na ação do homem inserida no espaço e tempo, logo, o que torna o espaço história é a sua relação com o homem em suas mais complexas variações: relações físicas, imagéticas, simbólicas, discursivas, memoráveis, afetivas, subconscientes etc.

Portanto, se é a relação do homem com o espaço, que torna o espaço história, trazer a dimensão espacial ao cerne do debate se faz necessário para suscitar novas questões, novas perspectivas, novas formas da compreensão do passado. Questionar os espaços é uma forma de ampliar nossos horizontes em relação a capacidade humana de conceber a realidade, é dar amplitude de nossa percepção em descobrir e redescobrir como o homem age ativamente em sua percepção de mundo, e de sua própria história.

Pensar um espaço específico como lugar de memória, no caso específico a Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, é sem dúvida, pensar a importância histórica desse espaço na representação comunitária do lugar. E nenhum espaço, principalmente sendo ele público, emerge simplesmente de uma vontade eminente de alguém, surge principalmente pelo grau de necessidade daquela localidade em questão. E quando se trata de uma escola, enfatizo com destaque o próprio papel social de uma instituição escolar dentro de uma localidade, onde toda comunidade direta ou indiretamente passa a conviver com a dinâmica de funcionamento da instituição.

Candau (2023, p. 156) destaca que “a memória e a identidade se concentram em lugares, e em “lugares privilegiados”, quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo”. E ao dar redundância ao espaço fisicamente constituído, e materialmente imbuído de simbologias, onde as lembranças saudosistas se constituem na memória, torna esse lugar o que chamamos de “lugar de memória”. A função identitária desses lugares fica assim definida pelo historiador Pierre Nora:

Toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, da qual a vontade dos homens ou o trabalho do tempo fez um elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer. Um lugar de memória é onde a memória trabalha (Nora *apud* Candau, 2023, p. 157).

O lugar de memória está intrinsicamente imbuído de representação social individual ou coletiva, referendado pelas narrativas que enaltecem o espaço na ótica de uma representatividade complexa, carregada de história, reavivado por um sentimento ambíguo de enaltecimento ao que não pode ser sentido, experimentado como em outrora. Representação, portanto, está ligado aos aspectos culturais na qual nos identificamos, e a história cultural tal como a entendemos, tem por principal objetivo, identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler (Chartier, 1990, p. 16-17).

É preciso pensar quais são os sistemas de referência que utilizamos para classificar lugares, pessoas ou grupos, no campo das representações sociais, só assim, podemos interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana, e seu papel na orientação de condutas e das práticas comunitárias, levando-se em conta que existem várias formas de conceber e de abordar as representações simbólicas e materiais, a partir do imaginário social. A ligação entre o imaginário social com suas representações, são assim descritas por Jodelet (1989):

Por isso as representações são sociais e são tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la (Jodelet, 1989, p. 1).

E as práticas representativas, quando elucidadas de forma coletiva, podem variar de acordo com as classes sociais ou grupos, porém, são entendidas como classificações e divisões que organizam e apreendem o mundo social como categoria de percepção da própria realidade. Assim, Roger Chartier, contribui em relação as representações coletivas:

As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas se colocam no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (Chartier, 1990, p. 17).

Por estarmos falando de uma recordação comum em relação a um determinado espaço social que se fez presente em uma comunidade inteira por longos anos, sem dúvida nenhuma temos que elevar esse espaço a um patamar de representatividade coletiva, onde seus agentes históricos, se veem e associam aspectos culturais da localidade, realinhados com os programas, projetos, interações vividas, na qual a grande maioria dos munícipes frequentaram por bons anos de suas vidas. Chartier, ainda reafirma,

Mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam atos, que têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades, tanto a dos outros como a sua (Chartier 1990, p. 18).

Ao deliberar modelos comportamentais sociais, conjunturas de convivência pautadas em um modelo pré-estabelecido de socialização comum, a escola, modula de certa forma, a construção de um mundo social em torno das ramificações possíveis de sociabilidade inerente aos apegos culturais do lugar, o que vai formando identidades que se relacionam em um grau maior ou menor de aceitação ao que é imposto, mas que indiretamente impõe como primazia cultural àquilo que é comum a todos.

Fica evidenciado que uma instituição é constituída de uma complexa rede de relações que vão muito além dos papéis e registros oficiais que prescrutam seu acervo documental. São também constituídas de práticas habituais e significados, relacionados à construção identitária dos grupos, que ali delinearam histórias de vida no decorrer do processo, correlacionando diversos tipos de memórias que se perpetuam ou se apagam de acordo com as representações que cada um solidifica em seu subconsciente como campo afetivo, materializado pelas lembranças que se acenam como primazia de afetividade inegociável.

1.4 A construção de uma memória afetiva e de ressentimentos

São aspectos fundamentais da existência humana as expressões emocionais e sentimentais da vida afetiva. Os sentimentos e os ressentimentos tornaram-se temas de interesse para as ciências de maneira geral, incluindo a história e a filosofia, pois, com presença reconhecida com muito vigor na formação humana, permeia campos diversos da vida social (cultura, sociedade, política, economia, educação etc.). De acordo com as instâncias de pensamento filosófico do “socioconstrucionismo”, nossas ideias, nossa imaginação, nossas memórias e, em especial, nossas emoções, emergem como produto do plexo de

constrangimentos e afluxos culturais, sociais, discursivos e simbólicos aos quais somos submetidos dentro de um determinado espaço de interação (Abreu, 2021, p.94).

Ao mencionar a filosofia socioconstrucionista, não estamos aqui trazendo ao centro de discussão a abordagem filosófica em si para tratar de emoções humanas, e sim, alinhando-se com a ideia expressa pela linha filosófica, de que as paixões e emoções por nós vivenciadas, não são puramente manifestações biológicas do nosso corpo, mas edificadas a partir do contato social do sujeito em um dado meio, e a partir de uma dada trajetória histórica.

Abreu (2021, p. 95), assim afirma a importância das relações humanas na construção socioemocional: “Os seres humanos adquirem suas características psicológicas tipicamente humanas, poderes e tendências em interações simbióticas com outros seres humanos”. A dimensão da afetividade e do ressentimento na qual vamos nos moldando ao longo do tempo, está presente no próprio exercício político de nos colocarmos no mundo, e a apreensão desse exercício para as múltiplas possibilidades do papel das paixões e dos sentimentos para a própria história.

A constituição das paixões coletivas na composição afetiva em torno de um espaço lugar, foi se constituindo no campo das emoções, sentimentos e afetividades sentidas e ressentidas, por indivíduos ou grupos que interligam sua identidade ao memorial de lembranças, constituído por sentimentos que se materializam a partir das trajetórias vivenciadas. Igrejas, ruas, praças, casas, estabelecimentos comerciais e, inclusive instituições escolares, todos esses locais podem ser vistos como lugares de representação afetiva e ressentida, lugares onde o imaginário social se apoia no reconhecimento simbólico de afetividade e ressentimento.

Ao descrever a importância da afetividade na construção dos saberes historicamente constituídos, Junior (2023), assim relata:

As reflexões propostas visam discutir, pois, como a dimensão da afetividade é um tema relevante e significativo para a história e a educação e que, mesmo que por vias diferentes e por uma conceituação própria, tangencia o mesmo âmbito da experiência humana, e é reconhecida como fundamental para adequada compreensão da vida e de seus processos formativos (Junior, 2023, p. 97).

Vejamos que o autor, faz uma ligação de importância da afetividade não só para a história em si, mas também na construção de aprendizagens educacionais, em que a educação, vista como processo formativo do conhecimento historicamente construído, se torna elo entre história e a vida, como o próprio Junior descreve: “Se na conexão entre história e vida reside a

dimensão formativa do conhecimento histórico, é fundamental compreender o papel da afetividade humana nessa conexão” (Junior, 2023, p. 97).

Tratar sentimentos na história creio que nunca foi tarefa fácil, acredito que a particularidade de cada perda, cada vitória, cada regozijo nostálgico de um sentimento austero de satisfação, seja algo tão particularmente ligado à forma de percepção que cada um traz do mundo. Mas é justamente esse mundo perceptível por todos, que construímos relações múltiplas de enxergá-lo, de colocar-se diante dele, de forma a acompanhar as transformações e modificações constantes em sua complexidade.

Stella Bresciani (2002, p. 7) ressalta que “as dificuldades em se tratar sentimentos na História levam comumente à recusa da abordagem”. Prossegue demonstrando que “a opção da ciência positivista foi eliminar do seu campo de observação essas experiências cotidianas para somente reter da ‘realidade’ política aquilo que poderia ser traduzido racionalmente”.

O que leva a autora chamar de “fracasso”, na medida em que se torna impossível dar conta da experiência concreta dos agentes da história, tais como, eles a vivenciaram ou sofreram (Bresciani, 2002). A mesma autora na apresentação do livro *Razão e Paixão na Política* (2002), destaca que, a dimensão afetiva da vida política, os sentimentos comuns, as paixões coletivas que participam das práticas políticas constituem um domínio de difícil conhecimento, um desafio. Como compreender e explicar a intensidade de uma emoção coletiva e suas consequências, a persistência de um apego, a violação de um amor ou de ódios políticos? (Bresciani, 2002, p. 7).

Perceber como as afetividades agem de maneira marcante em nossa vida social e política, é hoje uma realidade na busca em compreender a própria sociedade, e mesmo a própria história, na medida em que é necessário romper uma dinâmica que hierarquiza os motivadores das ações sociais, destacando à razão em detrimento dos sentimentos afetivos. “A razão é a faculdade que julga todas as outras: mas não é ela que constitui a identidade do ser moral” (Stael *apud* Bresciani, 2002 p. 40). A racionalidade sem dúvida é nossa marca humana na essencialidade, e exerce sobre nós uma poderosa atração devido ao seu poder de equilíbrio, porém, não é ela que determina nossas sublevações instintivas no campo das paixões e emoções.

Portanto, podemos compreender que, as paixões ressentidas emergem em oposição àquilo que nos impõe regras, que nos gera sofrimento e tensões inesperadas, e ao mesmo tempo, as nossas ações partem basicamente das reações emocionais na qual experimentamos, afastando-se em parte da racionalidade.

Mas como estamos tratando das paixões no campo social, que envolve a coletividade, se torna imprescindível, realizar a observação dos grupos na construção dos afetos, e as próprias

ações individuais dentro desses grupos, salientando que as paixões coletivas passam pelas paixões individuais e sua compreensão passa pela observação de ambos, como a individualidade pode interferir na coletividade, e vice e versa. Ansart (2019), assim destaca essa interferência indivíduo/coletividade:

O estudo das relações intersubjetivas tem seu lugar nesse percurso. As interações conduzirão a um abrandamento das paixões, ou ao seu desvio, ou à sua repetição, ou ainda à sua consolidação? Existe uma circulação dos afetos? Por que, como e em quais circunstâncias? (Ansart, 2019, p. 7).

Vejamos que o autor fez indagações importantes ao tratar as paixões a partir do campo coletivo, onde, a subjetividade de muitos agentes sociais, implica sem nenhuma dúvida, graus diferentes de sentimentos afetivos, ou ressentimentos, ou a falta deles. Ansart (2005), valida que ao tratar de ressentimentos no campo da coletividade, estes, dizem respeito ao funcionamento da vida política, às relações de poder, humilhações sofridas por grupos em situação de dependência, por partidos, etnias ou nações, quando de acontecimentos particulares ou de forma durável.

A afetividade pode ser representada por diferentes pontos de referência, no nosso caso como ponto referencial destacamos o lugar, um lugar específico, de múltiplas vivências e representações, de enredos subjetivos de paixões, afetos, reciprocidades, ressentimentos e principalmente história e memória.

O que é o espaço escolar na vida das pessoas? Para alguns, apenas um espaço educacional no qual grande parte de nossas crianças e jovens passam seu tempo, onde são ensinados conhecimentos historicamente construídos pela humanidade. Para outros, a escola é vista como um ambiente de trocas de conhecimento, onde os seus ambientes, sua estrutura física, reelaboram ações cotidianas de valores expressos por pessoas de diferentes faixas etárias, com diferentes papéis sociais, e que juntas constroem e deixam suas marcas de vida na constituição histórica de si, e na constituição histórica do espaço.

Nessa perspectiva, Ezpeleta & Rockwell (1986) destacam que, a instituição escolar, seria resultado de um confronto de interesse, de um lado, uma organização oficial do sistema, que define conteúdos, funções e hierarquiza o espaço, de outro, os sujeitos, alunos, professores, funcionários que criam uma trama própria de inter-relações, fazendo da escola um processo permanente de construção social. Ainda segundo as autoras,

Cada escola interage diversos processos sociais: a reprodução das relações sociais, a criação e transformação de conhecimentos, a conservação ou

destruição da memória coletiva, o controle e a apropriação da instituição, a resistência e a luta contra o poder estabelecido (1986, p. 58).

Quero nesse ponto chamar a atenção do leitor, ao trazer o espaço “escola” como ponto referencial da pesquisa, onde esse espaço específico vai se apresentando como espaço constituído de significações personificadas por seus agentes reveladores de histórias, salvaguardando ações cotidianas suscitadas pelos programas educacionais previstos, que vão estabelecendo simbioses de identificação entre comunidade escolar, sociedade local como um todo, e a própria história da localidade.

Estamos trazendo o pequeno espaço ao cerne da discussão com o único objetivo de apresentar esse espaço, como gerador de estímulos de âmbito principalmente culturais, que marcaram gerações no município de Torixoréu-MT. Relações socioafetivas se dão unicamente por pessoas, e as pessoas ao se apresentarem falando de um ponto institucional específico, esboçam não só sentidos de afeição e signos emocionais, rascunham também, as prerrogativas representativas do pequeno espaço na constituição social da comunidade.

O pequeno espaço como objeto de estudo do historiador, não é necessariamente o espaço recortado, pode ser uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um núcleo de representações, uma ocorrência, ou qualquer outro aspecto que o historiador considere revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que está disposto a examinar (Barros 2007, p. 169).

O fechamento em 2024, da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, provocou e provoca memórias afetivas nos indivíduos que vivenciaram cotidianamente a instituição e, conseqüentemente, em parte expressiva da comunidade de Torixoréu, sentimentos nostálgicos e paixões do passado vieram à tona. Por outro lado, como face distinta da mesma moeda, emerge o sentimento de frustração e o ressentimento devido ao fechamento. Embora seja analisado a partir dos *flashes* de memória, o trauma não é apenas uma experiência do passado, mas uma vivência que se impõe continuamente no presente. Os ressentimentos carregam consigo um imperativo ético de testemunhar, transformando a dor individual em um legado de memória que desafia o esquecimento e a indiferença (Vaz e Melo, 2025).

É preciso ter a empatia de reconhecer que, o fechamento de uma escola que por décadas foi a única da municipalidade e que formou centenas dos seus cidadãos, provoca um expressivo sentimento de perda e dor. E ao narrar cicatrizes deixada pelo ressentimento, os ex-servidores desafiam o esquecimento tanto pessoal quanto coletivo, e suas narrativas tornam-se espaço de resistência, no qual a memória individual conecta-se à memória coletiva, resgatando histórias que poderiam ser silenciadas com o tempo, como observa Ricouer (2007, p.251), “a narrativa

oferece ao vivido a possibilidade de ser compreendido em sua totalidade”. Compreensão nesse sentido nos leva a uma reflexão clara da importância da superestimação à instituição escolar e as pessoas que ali deixaram suas marcas enquanto agentes construtores da história da escola.

CAPÍTULO 02 - MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL “FEBRÔNIO RODRIGUES”: ENTRE AFETIVIDADES E RESSENTIMENTOS

2.1 O surgimento do município de Torixoréu

Falar de um local específico e de sua importância histórica/afetiva, significa visualizar o contexto dinâmico histórico-social tal qual a localidade foi(é) concebida. Torixoréu está situada no Sudeste de Mato Grosso, na divisa com o estado de Goiás, possui uma população de 4.164 habitantes, tendo o Rio Araguaia como linha divisória natural (IBGE, 2022). Do outro lado do rio fica o município de Baliza-GO que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, possui uma população estimada de 3.306 habitantes (IBGE, 2025). As áreas urbanas de ambas as municipalidades são próximas, sendo cidades em conurbação e conectadas pela “Ponte da União”. É comum estudantes e profissionais da educação terem domicílio numa cidade e estudar ou trabalhar no município/estado vizinho.

No início do século XX surgem os primeiros imigrantes criadores de gado na região, em 1926 o pecuarista Vítor Teodoro Ribeiro, estabeleceu a primeira fazenda da região e, em 1928, chegou João Gabriel de Moraes que construiu uma vivenda na margem esquerda do Rio Araguaia, dando origem ao povoado denominado “Balizinha” ou “Baliza de Mato Grosso” nome escolhido devido à sua posição geográfica em relação ao município vizinho. Balizinha, futura Torixoréu, era apenas um porto fluvial que fazendeiros da região vinham comprar mercadorias que as embarcações traziam de Conceição do Araguaia, no estado do Pará (Diniz, 2002, p. 12-13).

De acordo com o relato de memória de Ulisses Teodoro Ribeiro, primeiro prefeito do município de Torixoréu, descrito no livro *Conhecendo Torixoréu* (2002) da autora Zélia dos Santos Diniz, assim apresenta sua primeira incursão de fixação:

Cheguei em abril de 1927 e construí a primeira casa do povoado, com Vitor, Joaquim Preto³ e Barbosinha, enquanto Felipe Preto³ construía a também primeira canoa para atravessar o Araguaia para Baliza. Trazia leite da fazenda para vender em Baliza. Em 1927 construiu um curral na beira do rio e criava as vacas na larga, deixando os bezerros apartados para que as mães viessem à tardinha para o curral. A maior parte desse gado era criado na “meia”. Então já havia um rancho e o leite era vendido ali mesmo (Diniz, 2002, p. 18).

³ O adjetivo “preto” descrito na fala do autor, possivelmente não se trata de sobrenome das pessoas citadas, provavelmente refere-se a um adjetivo de cunho racial.

A partir daí, outras famílias passaram a habitar a localidade dando início a um pequeno povoado de lavradores e de criadores de gado, que posteriormente, viriam iniciar um pequeno entreposto de comércio.

“Balizinha” em seus primeiros anos de formação, se constituiu como um pequeno porto fluvial onde os fazendeiros da região vinham comprar mercadorias que os barcos traziam do baixo e médio rio Araguaia. As principais mercadorias comercializadas eram principalmente, sal, açúcar, café, arame farpado, tecidos, calçados, e diversos outros produtos e quinquilharias (Diniz 2002, p.12). Podemos observar que as primeiras atividades econômicas do município de Torixoréu, se concentrou na criação de gado e plantio de pequenas lavouras de subsistência, além de um princípio de comercialização de mercadorias advindos de outras regiões por via fluvial. A travessia de um grande número de pessoas vindas do município vizinho, também foi fator importante para a dinamização do pequeno povoado do lado mato-grossense do rio.

Em 31 de dezembro de 1936, Balizinha passou a distrito, com o nome de “Baliza do Mato Grosso”, pertencente ao município de Santa Rita do Araguaia que, posteriormente recebeu o nome de Alto Araguaia. Em 31 de dezembro de 1937, com a divisão territorial realizada durante o governo de Getúlio Vargas, Baliza do Mato Grosso passou a pertencer ao município de Araguaiana-MT. Menos de um ano depois, em 1938, o município passou a pertencer ao município de Lajeado-MT, hoje com o nome de Guiratinga-MT. Em 31 de dezembro de 1943, Baliza de Mato Grosso, ainda distrito de Guiratinga, recebeu por fim o nome de Torixoréu (Ribeiro, 2008, p. 25). Podemos observar na constituição política do município, a movimentação geográfica tipificada pelo Estado Novo, que delineou territórios federados e veio a influenciar em qual comarca Torixoréu deveria se submeter até sua emancipação.

O decreto de Lei Estadual nº 545, de 31 de dezembro de 1943, alterou os nomes de muitos municípios de Mato Grosso, obedecendo uma Lei do Presidente Vargas, que autorizava a mudança de nomes de cidades homônimas e Baliza/MT passou a denominar-se Torixoréu.

O nome Torixoréu é uma alusão à grande pedra escura, localizada à margem esquerda do rio Araguaia, a três quilômetros de distância da cidade. Essa pedra escura recebe o nome de Pedra da Baliza. Ferreira e Silva, assim descreve etimologicamente o nome dado ao município:

O nome Torixoréu origina-se do termo bororo, etnia indígena que habitava a região, “tori” que significa morro, pedra, e “xoréu” que significa preto, escuro, ou seja, pedra preta, em alusão a uma grande pedra que fica localizada no meio do “Oroaribo Kuriréu” – Rio Araguaia (Ferreira e Silva, 2001 p. 153).

Torixoréu durante a década de 1930 passou a figurar-se como ponto estratégico de comunicação e comercialização com o estado de Goiás e com outras cidades da redondeza,

apresentando-se como um povoado importante do ponto de vista político para a região. O povoado florescia, e com ele as necessidades humanas de mobilidade social, cultura, infraestrutura, educação, saúde e de representação política junto ao estado. Assim Ferreira (2022), destaca o surgimento da primeira escola e da primeira edificação religiosa da então vila de “Balizinha”:

Em 1937 era instalada a primeira escola da vila, mantida pelo professor Pedro Arbués, falecido em 14 de julho de 1948. Ainda em 1937 foi concluída a construção da primeira igreja do lugar. Esta obra contou com a participação de toda a comunidade, destacando-se as figuras probas de Manoel Félix e Genésio de Sá. O templo ficou dedicado ao padroeiro São João Bosco e ficou subordinado à paróquia de Santa Rita do Araguaia (Ferreira, 2022, p. 736).

Notadamente a pequena vila tomava forma de um centro comunitário efervescente, iniciando uma composição social de visibilidade perante a política administrativa do estado.

Paralelamente ao desenvolvimento do distrito de Torixoréu, o município do outro lado do rio, a cidade de Baliza-GO, passava por um considerável fluxo ocupacional, fator esse, gerado pelas descobertas de jazidas de diamantes em 1924, às margens do Ribeirão João Velho. Iniciada a exploração e constatada a riqueza da jazida, a notícia atraiu grande número de famílias que se estabeleceram nas proximidades do garimpo. Abaixo na Imagem 1, podemos verificar a pedra que deu o nome da cidade de Baliza no estado de Goiás, e que também nomeou a cidade de Torixoréu no estado de Mato Grosso.



Imagem 1 – Pedra da Baliza, entre Torixoréu MT e Baliza GO
Fonte: Juliana Pereira Costa em 12/11/2025

O município de Baliza viveu o auge do garimpo de diamantes durante os anos de 1927 a 1940, o que gerou um fluxo considerável de garimpeiros na região. Arbués (2009, p. 67) descreve: “Baliza teve um período de grande desenvolvimento, atraindo pessoas de várias partes do Brasil, época em que mereceu ser chamada de ‘capital dos diamantes’; reinando por décadas como a mais próspera cidade de toda essa região”. O historiador, escritor e ex-senador da república, Valdo Varjão, em seu livro intitulado *Barra do Garças no passado*, delimita como primeiro período histórico da fase garimpeira do Vale do Araguaia entre os anos de 1924 a 1942, o que se denota que o processo de ocupação populacional no Vale do Araguaia foi também, desencadeado pelas atividades de mineração de pedras preciosas, principalmente o diamante (Varjão, 1980).

Ao mesmo tempo que a corrida pelos diamantes aumentava o fluxo ocupacional do município de Baliza, devido à proximidade, outras famílias também chegavam em Torixoréu, fazendo crescer o número de fazendas produtoras de gado e de lavouras produtoras de alimentos. Foram essas atividades pecuaristas e de agricultura que tornaram possível o abastecimento de toda a população imigrante que ia chegando, principalmente em decorrência do garimpo (Ribeiro, 2008, p. 27).

Podemos notar que, os dois municípios, Baliza do lado goiano, e Torixoréu pelo lado mato-grossense, desde o início de suas histórias, foram construindo uma relação de compatibilidade social, onde a travessia do rio, por meio de pequenas embarcações, espontaneamente foram estabelecendo laços de cooperação, tanto em aspectos socioeconômicos, quanto em aspectos socioculturais, iniciando-se assim o que hoje o poder político local dos dois municípios costumam chamar de “cidades-irmãs”.

A importância da extração mineral na localidade tornou-se tão intensa, que em 1933 o então farmacêutico Heronides Araújo, que residia em Cuiabá, foi nomeado fiscal de Minas e Pedras Preciosas de Araguaiana. Com o crescimento de Balizinha, hoje Torixoréu, Heronides foi transferido para a localidade, em 1934, no exercício de sua função de fiscal. Na Baliza (GO) casou-se, instalou farmácia onde permaneceu por doze anos. Retornou para Cuiabá, mas passou a ser o porta-voz das reivindicações dos moradores da região do Alto Araguaia, sendo eleito Deputado Estadual em duas legislaturas. É o responsável direto pela emancipação política de Barra do Garças e Torixoréu como autor da lei (Diniz, 2002, p. 27). A atuação do deputado Heronides Araújo passou a ser bastante significativa na representação dos municípios que fazem parte do chamado “Vale do Araguaia”, representados por Barra do Garças, Cocalinho, Araguaiana, Torixoréu, Ponte Branca e Alto Araguaia.

Em 10 de dezembro de 1953, portanto, 10 anos após receber o nome definitivo, Torixoréu tornou-se município independente de Guiratinga. Essa data tornou-se o dia do aniversário da cidade, criado pela Lei de nº 665, de 10 de dezembro de 1953, de autoria do deputado Heronides Araújo, que diz em seu artigo 1º - “Fica criado o município de Torixoréu, cuja área será desmembrada do município de Guiratinga” (Ribeiro, 2008, p. 28). Com o declínio da extração de diamantes, já no início da década de 1940, algumas famílias que antes se instalaram do lado do município goiano, migraram para o lado mato-grossense, como destaca Arbués:

Com a diminuição do movimento nos garimpos, a cidade teve um declínio, com a consequente mudança de muitas famílias, algumas das quais, para

Balizinha, atual Torixoréu, que se tornou, na época, uma espécie de prolongamento de Baliza (Arbués, 2009, p. 67).

Mesmo com o declínio da mineração, as relações socioeconômicas do município de Baliza com o então distrito de Torixoréu se estreitaram, bem como a necessidade de se construir uma ponte para a travessia de mercadorias por via rodoviária. A ponte mais próxima de interligação dos estados de Mato Grosso com Goiás ficava a mais de 50 quilômetros de distância, em Barra do Garças-MT.

A primeira ponte do Rio Araguaia, que liga os municípios de Torixoréu-MT e Baliza-GO, denominada de “Ponte da União” foi inaugurada em 1976, na gestão do então prefeito Nativo Estevão de Sousa do lado mato-grossense e Felisberto Pereira dos Reis do lado goiano. A ponte era de estrutura mista, parte construída em alvenaria e parte em madeira, e durou dois anos para ser construída (Imagem 2). No início da década de 1990, ocorreu um trágico acidente, onde o madeiramento da ponte veio a cair durante a passagem de um caminhão que transportava carvão. Logo as obras de construção de uma ponte totalmente de concreto foram iniciadas e, em 1996, concluída (Imagem 3).



Imagem 2 - Queda do madeiramento da “Ponte da União”.
Fonte: *Torixoréu: fatos e fotos* (Acessado em 16/06/2025)



Imagem 3 – Ponte atual entre Torixoréu e Baliza
Fonte: Juliana Pereira Costa 15/03/2025

Em relação ao desenvolvimento da educação no município, como vimos, a Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, foi a primeira escola a ser fundada no município em 1937, funcionando como única escola por mais de trinta anos, a segunda escola só viria a ser fundada em 1968, época da Ditadura Militar no país, a escola foi batizada com o nome do então presidente da época, o Marechal Arthur da Costa e Silva, portanto, sendo batizada de “Escola Estadual de I e II Grau Arthur da Costa e Silva”. Uma terceira escola, essa municipal, é inaugurada no município em 1978 denominada Escola Municipal São José, criada pela Lei Municipal nº 271/1978. Reconhecida pela portaria 5638/91/SEC/MT de 14.01.91 (Regimento Escolar, 2025).

No próximo tópico, o leitor irá se situar em relação à localização da unidade escolar “Febrônio Rodrigues” dentro do município de Torixoréu, entender sua formação histórica, seus enredos narrados pelas pessoas que ajudaram na formação pedagógica da comunidade torixorina como um todo, entender a importância da unidade escolar na formação de uma memória coletiva e de uma identidade que se materializa em torno de um espaço materialmente constituído, e simbolicamente guardado na memória da comunidade torixorina.

2.2 Memorialistas e ex-servidores apresentam o primeiro “Grupo Escolar de Torixoréu MT”.

Nesse tópico especificamente, me atendo às escritas de autores memorialistas que contribuíram na escrita da história de Torixoréu, e claro, dos relatos iniciais do então Grupo Escolar “Febrônio Rodrigues” e sua localização geográfica no mapa da cidade. A ideia é sistematizar a visão romantizada de seus escritores, todos tendo uma forte ligação com famílias que tradicionalmente constituíram propriedades na região e consequentemente raízes familiares de prestígio no lugar. Ao mesmo tempo, tomaremos posse de relatos orais de ex-servidores que apresentaram suas vivências ainda no “Grupo Escolar”, em seu antigo endereço na condição de estudantes, e servidores que já atuaram no novo prédio da escola antes de seu fechamento, dialogando com autores que contribuíram na problematização da escrita historiográfica.

No ano de 1930, o então servidor do Banco do Brasil e líder político do município de Guiratinga-MT, o senhor Febrônio Rodrigues, mudou-se para a “vila Balizinha”, para se dedicar ao garimpo e atividades pecuaristas. Influente nas questões políticas da região, Febrônio Rodrigues, vivendo na localidade e acompanhando o desenvolvimento do lugar, enxerga a necessidade da fundação de um grupo escolar que atendesse as famílias da localidade. Ribeiro (2008, p. 40), assim relata a percepção do então empreendedor, com a alfabetização das crianças: “Foi sempre preocupado com a área de educação e mais ainda com a educação dos próprios filhos, imbuído desse espírito progressista, foi o principal mentor da criação, em 1934, da primeira escola de alfabetização de Torixoréu”.

Na realidade, as reformas educacionais alcançadas no Brasil a partir da década de 1930, impulsionaram uma expansão lenta, porém, gradativa da rede escolar, e a criação de grupos escolares, que atendessem a uma demanda emergente nos novos municípios, que se estabeleciam no interior do Brasil, principalmente com a centralização política do Estado Novo e sua atuação na ocupação da região central do país. Com isso há que se destacar a necessidade eminente de um lugar em crescimento, que naturalmente deve ter reivindicado um espaço educacional para a alfabetização das crianças. Filho e Vidal, chamam atenção a esse respeito:

Historicamente o espaço e o tempo escolares foram sendo produzidos diferencialmente ao longo da nossa história da educação e se constituíram em dois grandes desafios enfrentados para se criar, no Brasil, um sistema de ensino primário ou elementar que viesse atender, minimamente que fosse, às necessidades impostas pelo desenvolvimento social e/ou às reivindicações da população (Filho e Vidal, 2000, p. 20).

De acordo com o relato de Mario de Sousa Martins, o grupo escolar criado em 1934, idealizado por Febrônio Rodrigues, era particular, e só atendia crianças do sexo masculino, tendo dentre os estudantes matriculados, os dois filhos do então idealizador e fundador da escola, José Rodrigues da Silva, chamado de Zé do Febrônio, e Laerte Rodrigues da Silva (Ribeiro, 2008, p. 25). Essa informação de escola “particular”, e, de atendimento somente ao “sexo masculino”, só foi encontrado nessa obra de Ribeiro, nenhum outro memorialista ou moradores mais antigos no qual tive contato, me apresentaram essa informação.

Nos escritos historiográficos do historiador Valdon Varjão, em seu álbum caleidoscópico de reminiscências fotográficas de Torixoréu, ele destaca o ano de 1937 como a fundação da primeira “escola da vila” (Varjão, 1980). Tudo indica que a partir desse período, o grupo escolar passou a atender todas as crianças que estivessem em idade escolar.

Pode-se analisar que, com a demora de ações públicas na região, até porque nesse período ainda não havia a cogitação de emancipação da vila, pessoas mais abastadas como era o caso do empreendedor Febrônio, e dos primeiros professores, nomes ligados às famílias de maior prestígio econômico da região, se tenha institucionalizado o Grupo Escolar para atender as crianças do vilarejo que, até então, eram desassistidas de qualquer forma de alfabetização.

Figura também como educador influente no município, Pedro Pereira Arbués, que deu prosseguimento e sustento à estruturação do ensino básico em Torixoréu nessa mesma época. Essa participação de Pedro Arbués teve o apoio e a colaboração de sua esposa “Rosinha”, também professora. Foi marcante a atuação desse casal na educação dos torixorinos (Ribeiro, 2008, p. 25). O professor Valdir Vilela, em suas memórias, ao ser indagado sobre seus primeiros professores durante sua alfabetização no grupo escolar “Febrônio Rodrigues” relembrou de seus primeiros professores alfabetizadores e de colegas que deram continuidade ao trabalho docente na escola “Febrônio Rodrigues”:

É.... quem me alfabetizou foi a professora Amélia Rosa Dantas (Rosinha) que já faleceu, professora Edith que falava Edith “Preta” e a professora Rosalva, é..., que trabalhou com a gente, tinha o professor Giovani é..., marido, esposo da professora Eunice que foi a primeira diretora aqui da escola Febrônio (Vilela, 2025).

Outro relato memorialista histórico, descrito pela professora historiadora Zélia dos Santos Diniz, que faz menção à escola em seus primórdios, é de uma das primeiras professoras que atuaram no grupo escolar, que Diniz assim apresenta:

D e acordo com o relato da professora Corinta Arbués, em uma manhã ensolarada do mês de maio de 1936, o professor Pedro Arbués dispôs seus alunos, da única escola de Torixoréu, em fila, uniformizados e bem arrumados para participarem do maior evento já acontecido no povoado. Foi a visita do príncipe herdeiro da coroa do Brasil Dom Pedro de Orleans e Bragança, trazendo em sua companhia os filhos de Dom João e princesa dona Francisca. Dom Pedro de Orleans e Bragança, filho da Princesa Izabel e neto de Dom Pedro II, imperador do Brasil, era o herdeiro natural de seu avô. Os alunos perfilados, esperaram com ansiedade a chegada do ilustre visitante. Com a aproximação da embarcação que trazia o príncipe e sua família, por ordem do professor Pedro os alunos começaram a entoar o hino “Brasil Sublime Inspiração”, ensaiado especialmente para essa ocasião. O barco se aproximou da terra, os ilustres passageiros desembarcaram e subiram a ladeira. Os estudantes fizeram continências enquanto os visitantes passavam. Dom Pedro visitou a escola e conversou com muitas pessoas. Horas depois tomou o barco e navegou em direção à cidade de Araguaiana (Diniz 2002, p. 17-18).

Vejamos que o relato trazido pela professora, apresenta uma proposição um tanto romantizada da atuação do Grupo Escolar “Febrônio Rodrigues” frente às participações em eventos de cunho político do município, mas que denota a manifestação pública dos servidores da escola desde os seus primórdios a atender os anseios sociais que envolviam apresentações dos estudantes em eventos comemorativos do município.

O nome Febrônio Rodrigues em Torixoréu na década de 1930 foi tão evidenciado pelo poder político local, que não só o primeiro grupo escolar foi homenageado com o seu nome, como também uma rua que ligava a principal avenida do município ao grupo escolar. Ainda hoje denominada “Rua Febrônio Rodrigues”, rua essa que dá acesso direto onde a escola foi construída inicialmente. Vejamos na imagem 4 abaixo, uma fotografia de Febrônio Rodrigues e esposa no ano de 1938:

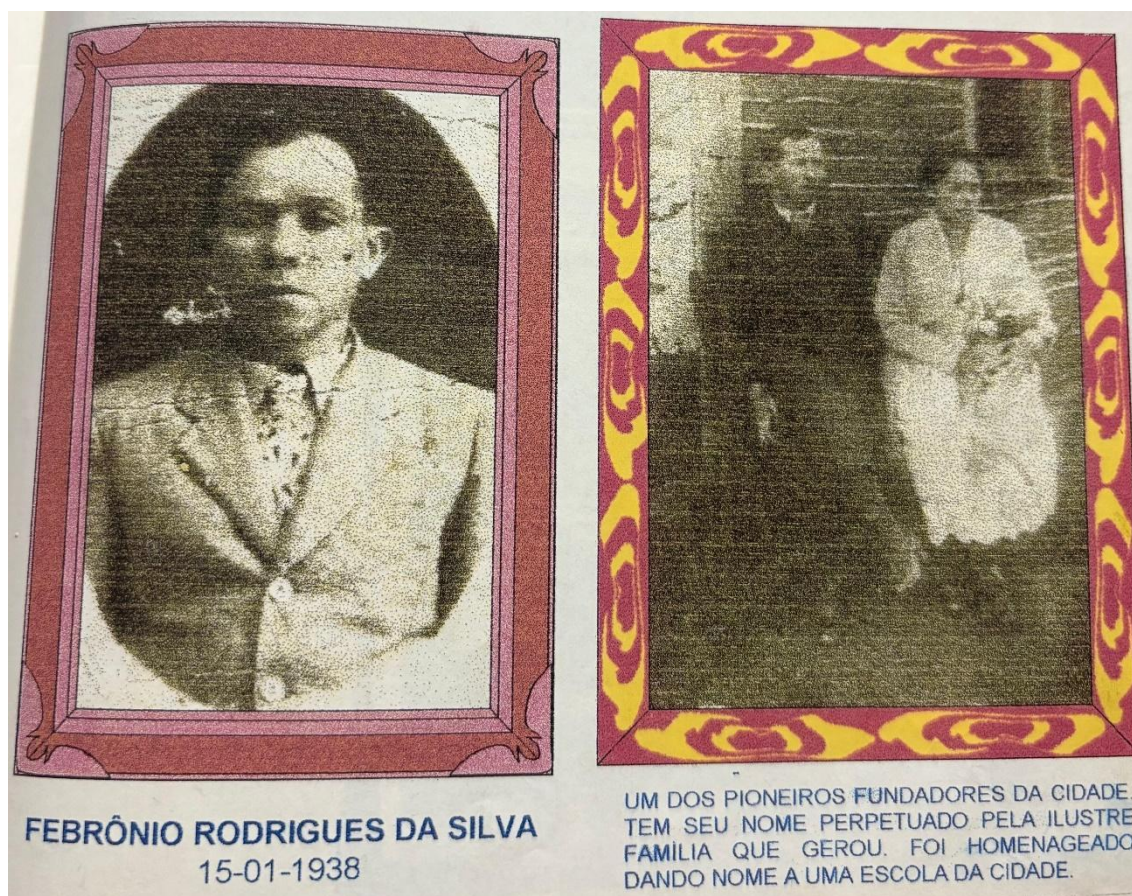


Imagem 4: Febrônio Rodrigues da Silva, fotografia de 15 de janeiro de 1938
 Fonte: Varjão, *Torixoréu Cidade Brilhante*. Álbum caleidoscópico de reminiscências fotográficas.

A escola foi construída no centro da cidade, à época, próximo às margens do Rio Araguaia, cerca de aproximadamente 80 metros, paralela à avenida Dom Aquino Corrêa, avenida que dava acesso direto ao rio, por lá, transeuntes desciam a ladeira para realizar atividades laborais ligadas ao rio (travessia, garimpo, pesca, lavagem de roupas, enchimento de galões de água etc.) o que era bastante comum à época.

Indagados sobre as características físicas do grupo escolar, alguns ex-servidores relataram da seguinte forma suas lembranças:

Professora Maria Lúcia:

Três salas de aula e umas áreas bem amplas, bem ampla mesmo, três salas de aula [...], mas só sala de aula, não tinha secretariado, não tinha outra coisa, e dois banheirinhos lá no fundo, que, com cem metros de distância [...]. Era abertão, não tinha nenhuma cerca, não tinha nada, a minha mãe e o seu Antônio Cruz que era o guarda da época que fez uma cerquinha de ripinhas na frente, plantou algumas flores né, pra ficar mais... mudar o visual, pra ficar mais bonito né (Silva, 2025).

Professora Dione:

Com certeza foi a melhor escola [risos...] primeiro por que era a melhor escola? porque ela tinha um espaço muito grande de quintal, porque na época falava quintal, lá no quintal da escola, e a gente podia correr à vontade [...] a escola tinha uma escadaria muito grande pra descer e a criançada descia correndo pra ver quem que chegava, tinha muitas árvores eu lembro muito bem do pé de jenipapo, então assim tinha pé de caju, tinha pé de manga, tinha pé de jenipapo tinha várias árvores então a hora do recreio era de subir em árvore de correr no quintal (Lauria, 2025).

Professora Edith:

Era três cômodo né, tinha um cômodo de um lado, um cômodo do outro, e no meio um salãozão, e tinha um campo de futebol pros meninos brincar [...], e os mictório que é a privada que eles falavam né, que agora não, já tá tudo organizado dá descarga e tudo, lá era uma distância grande mesmo dos homens e das mulheres (Gomes, 2025).

Notadamente as três professoras, relataram características similares do espaço/lugar na qual conviveram em suas infâncias. Com destaque para as três salas de aula, e os espaços coletivos que caracterizavam a escola. As paisagens podem contribuir para afirmação de memórias compartilhadas e igualmente influenciar o sentimento de identidade social (Candau, 2011, p. 157).

Hoje não existe nenhum resquício da antiga escola, a mesma foi totalmente derrubada no final da década de 1970. Lá foi construído um clube de socialização, denominado “Clube Social Izabel Campos”, que hoje encontrasse totalmente abandonado e servindo de moradia para um senhor que necessita do local como forma de abrigo. No mapa abaixo (Imagem 5), podemos analisar a proximidade do local onde a escola foi construída ao rio, e sua proximidade com a avenida central da cidade, onde fica localizada a Igreja Matriz São João Bosco.

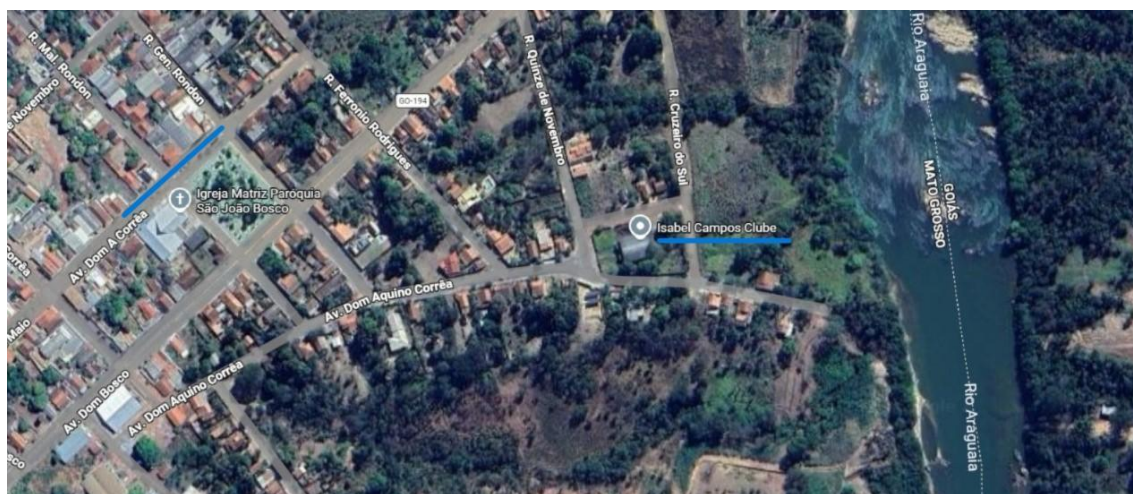


Imagem 5 – Localidade onde foi construído o Grupo Escolar Febrônio Rodrigues, em 1937, hoje clube social Izabel Campos no Município de Torixoréu – MT. E onde se situa a Igreja Matriz, construída no mesmo ano.

Fonte: Google maps (pesquisado em 13/01/2026).

As duas ruas mais antigas de Torixoréu, Rua Dom Bosco e Rua XV de Novembro, ambas paralelas à Igreja Matriz, davam acesso ao local onde a escola foi construída, a única convergência a ser feita era justamente passando pela Rua “Febrônio Rodrigues” para se chegar ao “grupo escolar”, ou seja, a escola foi construída onde o fluxo de pessoas era mais intenso. Veja abaixo, a única fotografia encontrada de estudantes que frequentavam o Grupo Escolar Febrônio Rodrigues em seus anos iniciais de funcionamento.



Imagem 6: Grupo de alunos de Torixoréu

Fonte: Varjão, *Torixoréu cidade brilhante*. Álbum caleidoscópico de reminiscências fotográficas.

Mas foi em 1947, que a escola foi oficialmente tornada escola pública estadual, mantendo o nome de “Grupo Escolar Febrônio Rodrigues”, reafirmando a homenagem ao seu fundador. Na imagem 7, abaixo, encontrasse a ficha descritiva, com os números dos decretos que vão moldando o perfil institucional da escola, incluindo o número do Decreto de Criação, de 1947, antes mesmo da emancipação do município:

ESTADO DE MATO GROSSO	
DREC-4	GAT
NOME: Grupo Escolar "Febrônio Rodrigues"	
ENDEREÇO: Torixoréu	FONE:
ENTIDADE: Estado de Mato Grosso	CIDADE: Torixoréu-Mt.
DECRETO DE CRIAÇÃO: nº 305/47	
DECRETO DE DENOMINAÇÃO: Nº 792/49	
DECRETO DE TRANSFORMAÇÃO: nº 1011/50 de 28.06.50	
ELEVADO A NÍVEL DE 1º GRAU: pelo Decreto 267/79 de 03.12.79	
NOVA DENOMINAÇÃO: Escola Estadual de 1º Grau "Febrônio Rodrigues" pelo Decreto 267/79 de 03.12.79	
AUTORIZAÇÃO DO 1º GRAU: D.O de 19 de julho de 1 982	
PARECER DO C.E.E: Nº 065/82 do C.R.das C.R.do Ens. de I e II grs.	
RESOLUÇÃO DO C.E.E: Nº 046, de 01 de junho de 1 982	

Imagem 7 – Decreto de Fundação do Grupo Escolar “Febrônio Rodrigues”
Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Febrônio Rodrigues de Torixoréu. DRE/BG.

Inicialmente o grupo escolar foi institucionalizado para atender estudantes de nível primário, ou seja, os primeiros anos de alfabetização. Mas no mesmo documento podemos observar que a escola no ano de 1979 é elevada à escola de atendimento à nível de 1º Grau, passando-se a se chamar Escola Estadual de 1º Grau “Febrônio Rodrigues”.

Na imagem 8 abaixo, podemos ver o decreto de autorização no Diário Oficial do Estado na época:

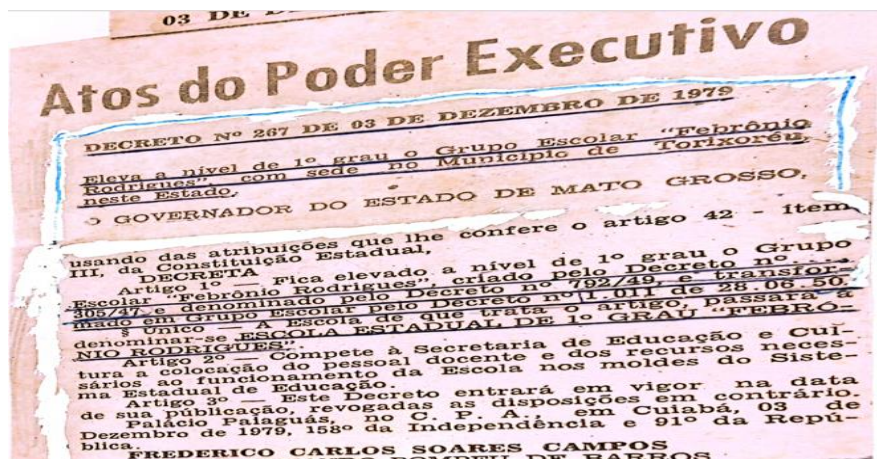


Imagem 8 – Decreto de Elevação à Escola de I Grau da Escola Febrônio Rodrigues
Fonte: Acervo documental da Escola Estadual Febrônio Rodrigues de Torixoréu. DRE/BG.

Em 1980 a escola é inaugurada em seu novo endereço, olhando para o mapa geográfico atual da cidade, um endereço bem mais centralizado do que o antigo, advindo que as primeiras construções lá à beira do rio ficaram como uma parte antiga da cidade, e a parte mais alta ficou mais centralizada, surgindo novas residências e pontos comerciais.

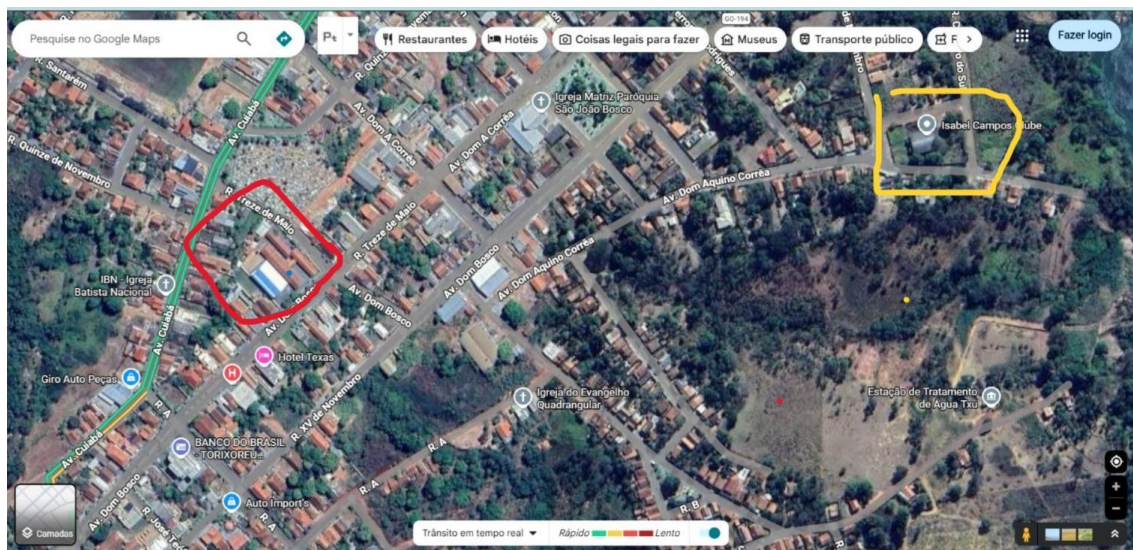


Imagem 9 – Localização atual do prédio da Escola Estadual Febrônio Rodrigues, último endereço da escola.

Fonte: Google mapas: Destaque em vermelho, o endereço da escola Febrônio Rodrigues no ano de seu fechamento em 2024, uma área bem mais centralizada e povoada nos dias atuais. Em destaque amarelo, onde era localizada o Grupo Escolar, onde surgiu a escola, uma área menos habitada atualmente (Acessado em 14/01/2026).

A escola então se estabelece em seu novo endereço, localizada à Rua 2, s/n, Centro, esquina com a principal avenida da cidade, a Avenida Dom Bosco, bem mais próximo da concentração populacional na atualidade. Nas entrevistas, claro que cada narrador que frequentou o Grupo Escolar em seu primeiro endereço, na condição de estudantes, expôs seus graus de insatisfação com a demolição da escola, mas ao mesmo tempo, apresentaram a alegria na condição já de ‘profissionais da educação’ em receber um novo prédio para realizar suas atividades laborais. A professora Maria Lúcia, assim relatou,

[...] quando a gente mudou lá pra..., a outra construção, o Febrônio atual, “Escola Estadual de 1º Grau Febrônio Rodrigues”, aí pra nós era..., como um presente, toda novinha, toda arrumadinha, toda construída, tudo material né, tudo na..., então pra nós, pra mim, é uma coisa boa (Silva, 2025).

Professora Dione, também contribuiu relatando sua primeira experiência na escola em seu novo endereço:

[...] foi aí quando nasce novamente o “Febrônio” né, em outro espaço geográfico é..., e a gente foi uma das..., a primeira funcionária eu e o Hélio Rezende, fomos os primeiros funcionários a abrir a escola no novo endereço, nós fomos como, é..., funcionários administrativos e fomos fazer as primeiras matrículas da escola. [...] a gente tinha um caderno pra anotar o tanto de matrícula eu lembro o dia que deu assim, cento e trinta e duas matrículas, a gente assim, nossa, então a gente vai ter aluno, vai abrir a escola porque parece que a gente não acreditava que ia acontecer (Lauria, 2025).

Inicialmente, o poder público municipal, cogitou que o novo prédio da escola que iria ser entregue, seria apenas uma extensão da Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva”, escola que já funcionava no município desde 1968. De acordo com o relato do professor Valdir, as filhas do idealizador e fundador da escola “Febrônio Rodrigues” entraram com um processo judicial para que a memória do pai continuasse viva no município, através da manutenção de seu nome na nova escola que iria ser entregue. Veja o relato do professor Valdir:

Porque aqui, como eu já disse, era pra ser uma extensão da escola Artur da Costa e Silva [...] então as filhas do Febrônio sabendo dessa extensão, então é... entrou na justiça e ganhou o direito de ser colocado o nome do pai como a Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” nessa localidade. Então foi judicializado assim pelas filhas e elas conseguiram ter a continuidade do nome do pai aqui na escola (Vilela, 2025).

Por esse motivo, a Escola Estadual de 1º Grau “Febrônio Rodrigues”, não sofreu já no início da década de 1980, o seu desligamento total das atividades pedagógicas no município. O professor Valdir, iniciou sua carreira como professor na Escola Estadual de 1º Grau “Febrônio Rodrigues” em 1985, onde trabalhou até sua aposentadoria, exerceu a função de diretor escolar por nove mandatos consecutivos, totalizando dezoito anos de gestão escolar. Foi vereador no município de Torixoréu por cinco mandatos, de 1983 até 2004, mesmo exercendo o cargo de legislador, nunca deixou de atuar como educador e gestor na Escola “Febrônio Rodrigues”.

Foi durante a gestão do professor Valdir que a escola ganha o título de propriedade do terreno comprado junto à Prefeitura Municipal pelo Governo do Estado, como demonstra o documento abaixo:

Livro nº 2 - REGISTRO GERAL

VALDON VARJÃO
Tabelião Vitalício

HELENA COSTA JACINTO
Tabelião Vitalício

Matrícula: 43.944

Ficha: 43.944

Comarca de Barra do Garças - MT

IMÓVEL Um lote de terras, situada no município de Torixoréu - Comarca de Barra do Garças, Estado de Mato Grosso, Locado sob o nº 06 (seis) da quadra nº 8-B, com a área de 4.636,80 M² (quatro mil, seiscentos e trinta e seis metros e oitenta centímetros quadrados), limitando-se a frente com a Rua Campos Belos, medindo 69 metros; lado direito com a AV. Dom Bosco, medindo 57,20 metros, ao lado esquerdo com o lote nº 07, medindo 57,20 metros e ao fundo com o lote nº 05, medindo 69 metros. Tudo conforme Planta Cadastral da cidade, com Registro Imobiliário nº 1.645 Lº 3-C; posteriormente matriculado sob o nº 13.374 de ordem do Lº 02-Registro Geral desta cidade e comarca de Barra do Garças-MT. **PROPRIETÁRIO: O MUNICÍPIO DE TORIXORÉU.** Barra do Garças, 04 de março de 1.998. Eu [assinatura] Escrevente juramentada assino. Eu [assinatura] Oficial substituta subscrevo.

R-01-43.944.Protocolo:93.575.Fls.125.livro 1-E: Pelo Título de Propriedade nº 1.485 expedido em 29 de dezembro de 1.988 pela Prefeitura Municipal de Torixoréu/MT, o proprietário acima citado, representado pelo Prefeito municipal na forma mencionada, vendeu a totalidade do imóvel desta matrícula a **SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA**, representada neste ato pelo Diretor da **ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU "FEBRÔNIO RODRIGUES"**, na forma mencionada no título, pelo valor de Cz\$ 6.027,84. Isento de Imposto de Transmissão de Bens Imóveis-ITBI de acordo com o Artigo 140 do Código Tributário Municipal e artigo 150 da Constituição Federal de acordo com a Guia de ITBI nº 010/98 expedida em 03.03.1.998 pela Prefeitura municipal de Torixoréu/MT. O presente título foi expedido de acordo com a Lei Municipal nº 363/83 de 18 de abril de 1.983. Barra do Garças, 04 de março de 1.998. Eu [assinatura] Escrevente Juramentada assino. Eu [assinatura] Tabelião substituta subscrevo.

CERTIDÃO EM INTEIRO TEOR

Imagem 10 – Título de propriedade da Escola Estadual de I Grau “Febrônio Rodrigues.

Fonte: Acervo documental Escola Estadual Febrônio Rodrigues – DRE/BG

Portanto, desde março de 1980, a escola passa a funcionar em seu novo endereço, onde funcionaria por mais de quarenta anos (1980-2024) e, em 1983, o terreno onde a escola passou a funcionar é adquirido pela Secretaria de Educação e Cultura de Mato Grosso, tornando-se então patrimônio estadual.

2.3 Lembranças afetivas: a memória oral de servidores(as) que vivenciaram o dia-a-dia da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”

É muito comum ao nos encontrarmos com ex-estudantes da escola na qual trabalhamos, ouvirmos aquela velha frase “tempo bom era o tempo da escola”, ou mesmo, “sinto saudade da escola, poderia ter aproveitado mais”. São imagens que registradas pela memória, emergem como um tempo saudoso, de significados estritamente valorosos nos sentimentos dos jovens que frequentaram o espaço escolar.

Mas e as pessoas que ali deram boa parte de sua vida como atividade laboral? Como pensam os(as) servidores(as) que fazem do espaço escolar, um espaço dinâmico cheio de significados e aprendizagens múltiplas dia após dia, muitas das vezes por muitos anos de suas

vidas? E como se constrói a relação memória e identidade com um espaço institucionalizado que figura como um espaço de pertencimento coletivo? São questões de relações socioculturais cristalizadas pelas ações cotidianas moldadas pela afetividade histórica com o lugar.

Como podemos notar, a Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, teve valor significativo na formação histórico-pedagógica dos munícipes de Torixoréu desde os primórdios de sua história, onde mesmo antes da emancipação política do município, quando iniciou sua história como “Grupo Escolar”, protagonizou-se como única escola alfabetizadora do então distrito e, conseqüentemente, formadora educacional dos filhos dos primeiros moradores que se fixaram no então povoado.

São esses personagens que vivenciaram a história desse grupo escolar que vão contribuindo na rememoração de fatos e acontecimentos que foram construindo o dia-a-dia da unidade escolar, a relação histórica-social com a própria comunidade, as relações afetivas de servidores e estudantes, a participação comunitária nos projetos da escola, bem como a própria participação da escola com os projetos organizados pelo poder público.

São histórias que vão se delineando emergidas das lembranças, esboçadas por narrativas experienciadas por pessoas que ajudaram a construir a história não só da escola como do próprio município. A pesquisadora Ecléa Bosi ao tratar narrativas de pessoas que contam suas histórias de vida, principalmente ligadas ao trabalho cotidiano, faz a seguinte ressalva, “A veracidade do narrador não nos preocupa: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial” (Bosi, 1979, p. 37).

Para desenvolver esta pesquisa entrevistei nove educadores(as), contudo trago um diferencial pertinente ao leitor no sentido de entender a perspectiva da afetividade dessas pessoas não só com a escola, mas com o lugar onde ela esteve inserida: o próprio município de Torixoréu. Dos nove entrevistados(as), cinco deles(as) nasceram em Torixoréu, dois só nasceram em outros municípios, e já vieram ainda bebês para residir na cidade, uma nasceu em Baliza município vizinho, e nunca saiu da região. Apenas uma professora entrevistada veio morar no município de Baliza quando tinha doze anos de idade, mas sempre trabalhou no município de Torixoréu.

A professora Edith Soares Gomes, nasceu em Torixoréu em 1942, foi estudante ainda quando o grupo escolar era dirigido pelos primeiros professores que trabalharam na fase inicial do Grupo Escolar. Ao ser perguntada sobre o dia-a-dia da escola, quando ela ainda era criança, assim relembrou: “Era muito boa, animada né, é..., nós brincávamos, pulava, pulava corda, corria uma atrás da outra. Cantava o Hino Nacional, era muito animado, e tinha muito aluno, muito aluno” (Gomes, 2025). A professora Dione Maria Silva Lauria, nascida em Torixoréu no

ano de 1961, quase vinte anos depois da professora Edith, relata sua passagem na escola enquanto estudante, com a professora Edith sendo sua tutora educacional:

[...] eu penso que minha 2ª série, que assim que era falado, eu fiz com a professora Edith, que eu penso que foi o melhor ano que eu tive, e penso que era mais de quarenta alunos na sala, mas a professora Edith era a “alegria” em pessoa e eu tenho a felicidade de saber que ela ainda está viva né, que ela está feliz por aí (Lauria, 2025).

A professora Dione mencionada acima trouxe uma informação bem pertinente em sua entrevista sobre uma extensão da escola, em salas que funcionavam em espaços cedidos pela Igreja Católica de Torixoréu, assim ela descreve:

[...] quando eu fui fazer o terceiro ano eu vim fazer na extensão que muita gente não sabe tá, o Febrônio Rodrigues tinha uma extensão que era aqui no patronato que a gente chamava, ao lado da Igreja, então meu terceiro ano que é a terceira série, eu fiz com a professora Nádia na extensão aqui da escola, no ano seguinte que eu fui fazer a quarta série, eu voltei pra escola onde eu fiz com meu irmão, Giovani que já faleceu, que foi meu professor (Lauria, 2025).

Interessante como os personagens em questão, vão se auto identificando com um espaço que salvaguardou histórias de diferentes gerações, a professora que foi estudante lá no início da fundação da escola deu aulas para a professora que atuou posteriormente, e que foi aluna do seu próprio irmão já falecido, que também foi estudante da escola. Júnior (2023, p. 17) destaca que “as imagens mentais das emoções configuradas pelos sentimentos adicionam mais uma camada de construção social e de conexão entre vida afetiva e meio”.

Não se sabe ao certo qual foi o modelo estabelecido de cooperação entre a instituição pública escolar com a instituição religiosa na época, porém, percebemos esse jogo de influencias entre instituições de diferentes segmentos dentro do município de Torixoréu. Refletindo sobre essa questão do envolvimento da escola com diversos outros setores da sociedade, os servidores entrevistados, indagados sobre essa cooperação entre escola e município em eventos culturais, os mesmos sempre enfatizaram com muita propriedade, a efetiva participação da escola nos eventos políticos sociais organizados pelo poder público municipal, o que denota a exigência do contexto social local em promover a escola como instituição capaz de incentivar e promover projetos ligados à cultura. Ao mesmo tempo a comunidade local e também o poder público municipal estavam sempre propensos a contribuir nos eventos culturais organizados pela escola. Vejamos alguns dos relatos que foram narrados:

Professora Maria Lúcia:

Nunca aconteceu um evento que não houvesse a participação, aliás eu já falo assim, é..., quase que de toda comunidade, porque a que tinha condições participava com algo maior, ou a que não tinha levava um saquinho de pipoca, um saquinho de açúcar, um litro de leite, um galão de leite, a água quando às vezes não tinha (Silva, 2025).

Professora Izabel:

Sim lembro, no início que eu entrei a gente quase não tinha festividades, geralmente a gente tinha uma por ano que era na quadrilha [...] com o passar dos anos as festividades também foram aumentando, a escola começou a ser chamada pra participar de eventos na cidade [organizados pelo poder público], sempre que a escola Febrônio era chamada, era convidada, nós estávamos lá participando, os nossos alunos estavam lá participando, a gente nunca dizia não pra comunidade, procuravam, e a gente estava lá, pra ajudar no que fosse possível para os alunos se apresentarem em cada evento que tinha na cidade (Lima, 2025).

Servidora da nutrição Ivone Martins de Jesus Oliveira:

Eu, assim, as nossas festas sempre foram assim, bem feitas né, os meninos sempre gostavam das nossas festividades, então, assim, nós tivemos momentos bons é..., nas datas comemorativas sabe, a gente era, nós éramos muito unidos nessa questão de fazer qualquer tipo de evento na escola, eram bons (Oliveira, 2025).

Professor Vanney Neves:

A escola Febrônio Rodrigues tinha essa filosofia né, esse projeto de educar, tanto que o lema da escola, até era escrito na bandeira, "Educar com amor". Então ela buscava esse envolvimento, esse contato da comunidade escolar com a sociedade, primeiramente com a família, com os pais, as pessoas que eram ligadas aos estudantes, e através da promoção de eventos [...]. Não só educação pedagógica escolar, mas também a consciência social, a consciência de coletividade, que era muito presente, pautada no projeto educacional da escola Febrônio Rodrigues (Moraes, 2025).

São comuns em cidades do interior, costumes e tradições, permanecerem vivos nas memórias das pessoas que coletivamente vivenciaram situações organizacionais que se fizeram presente como manifestação cultural das pessoas. Halbwachs ao tratar de costumes em cidades menores, se manifesta dizendo, “Os costumes locais resistem às forças que tendem a transformá-los e sua resistência permite entender melhor a que ponto nesse tipo de grupo a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais” (Halbwachs, 2003, p. 162).

O sentimento de pertencimento não só se é evidenciado pelas participações e organizações coletivas, são também representados por aquilo que cada um, realizou enquanto ação individual para a composição de projetos que se enraizaram como propostas que se fixaram nos calendários curriculares e projetos da unidade escolar, como relata a professora Lugerya:

E quando você me perguntou relacionado as minhas atividades desenvolvidas na escola Febrônio é..., tivemos aí vários projetos executados, um da minha área que foi sobre o projeto, é..., “Agita” né, começou lá na escola Febrônio, chamou “Agita Febrônio” depois incluímos a comunidade, as escolas, é..., com o projeto “Agita Torixoréu” né, que tinha como objetivo, tá mostrando pra comunidade sobre a importância da atividade física, então foi um projeto de muita relevância para a nossa instituição Febrônio (Carvalho, 2025).

O professor Vanney, também enfatizou sua contribuição como trabalho pedagógico-social junto à comunidade lembrando:

E tivemos um grande destaque também através do EducArte, projeto do qual eu estive à frente, de realizar a primeira edição da Procissão do Fogaréu de Torixoréu, que nasceu ali, na escola Febrônio Rodrigues. Foi idealizada por mim, eu trouxe a ideia pro chão da escola, eu digo: as primeiras chamas da Procissão do Fogaréu surgiram ali, no chão da escola Febrônio né. [...] E Torixoréu — a Procissão do Fogaréu de Torixoréu — recebe o reconhecimento oficial, um título de reconhecimento oficial da OVAT (Organização Vila Boa de Arte e Tradição) de Goiás, antiga Vila Boa, que organiza a procissão do fogaréu desde 1965 (Moraes, 2025).

Hoje Torixoréu está enquadrado no calendário nacional de municípios que realizam a procissão do Fogaréu durante a Semana Santa, projeto do professor Vanney Neves, que nasceu da escola “Febrônio Rodrigues”. A “Cidade mato-grossense foi a única representante do Estado em encontro nacional realizado em Goiás [Cidade de Goiás], berço da manifestação com mais de 280 anos” (Jornal Semana 7).

Vejamos que há sempre o desejo “vivo” de colaborar, elevar o passado a uma contribuição contundente ao hoje, ao que é significativo aos olhos do todo. Nota-se também o desejo de apresentar suas contribuições pessoais. O evento se mantém vivo na cidade, os personagens históricos que envolvem a encenação religiosa são recrutados principalmente na escola “Arthur da Costa e Silva”, mantendo a tradição da participação massiva dos estudantes do município na realização da “Arte Cênica” que envolve o enredo da procissão.

Substancialmente os narradores apresentam o valor participativo da escola como algo transcendente aos próprios anseios institucionais, colocam-na como base representativa de valores que associam ação coletiva, formação de uma cultura comunitária que envolve setores distintos da sociedade, elevação de proposições representativas que se constituíram como ações permanentes de valorização cultural do lugar, e que passaram a fazer parte de uma organização ativa em prol de validação daquilo que se pretende para o futuro.

A inovação aparece em uma sociedade sob a forma de um regresso ao passado: é a ideia força das "renascenças" (Le Goff, 1990, p.187). Ou seja, a reprodução do passado, não para atender à demanda do imediatismo, mas sim, de um futuro que se quer respaldar na polidez daquilo que se constituiu como ação prática social, construtora de perspectivas sociais tangíveis de colaboração mútua de uma comunidade repleta de valores ligados à memória simbólica que interligam história e representatividade.

Mesmo a partir do final da década de 1960, ao possuir outra escola no município atendendo modalidades de ensino equivalentes à escola “Febrônio”, vamos perceber na fala de alguns entrevistados, o orgulho em destacar a passagem de seus filhos pela unidade escolar, o que denota esse sentimento de pertencimento e valorização do lugar. A professora Izabel, ao pedir para se apresentar ela já destaca a passagem também de seus filhos pela unidade escolar: “Eu sou Isabel Cristina Lima, professora da rede estadual de ensino, agora aposentada, fui aluna da Escola Febrônio Rodrigues, fui professora na escola [...], também tenho um casal de filhos que também estudaram na Escola Febrônio Rodrigues” (Lima, 2025).

A professora Maria Lúcia também lembrou do orgulho de ter lecionado para seus filhos na unidade escolar, “Todos! Meus filhos foram meus alunos. Todos eles, meus filhos, meus netos. Eu tenho um filho que foi servidor lá também. [...] Antes de ser efetivo ele substituía minhas aulas quando eu tirava minhas licenças” (Silva, 2025).

Portanto, são as permanências guiadas pelos anseios da vida social coletiva, aqui apresentadas pelas professoras em face de uma continuidade de manutenção daquilo que se construiu historicamente, no seio familiar, plausível não só em sentido pessoal, mas no sentido de uma continuidade histórica social. O “lugar” historicamente constituído como representação social coletiva, é aqui “[...] apresentado como elo vivo entre gerações, no qual seus mediadores transmitem a história de um passado vivido e experimentado” (Barros, p. 34).

2.4 O ressentimento: o fechamento da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”

Relembrar o passado, os traumas e dores, é antes de tudo um ato de resistência. Resistir é um ato de cura (Vaz, Melo 2025, p. 62).

É inevitável que se faça uma problematização em relação ao fechamento de escolas no Brasil, associando em nosso caso o grau afetivo dos ex-servidores da Escola “Febrônio Rodrigues”. Para André e Copetti (2023, p. 59): “O fechamento de escolas, é o efeito de um

projeto neoliberal de sociedade, que não apenas tem como objetivo adaptar a educação a interesses do mercado, mas, também, exonerar o Estado da tarefa de financiar a educação”.

No estado de Mato Grosso, especificamente desde 2022, vem-se aplicando um ‘redimensionamento’ de unidades escolares, onde o governo do estado amparado pelo artigo 10, da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (LDBE), vem definindo com os municípios a organização do sistema de ensino, no que tange à oferta das etapas da educação básica. A proposta que está sendo colocada em prática é que os municípios atendam creches e os primeiros anos do ensino fundamental, e que o estado fique com os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio. Essa movimentação de estudantes e profissionais de uma unidade escolar para outra, gera sem dúvida reações adversas sobre a dinâmica que está sendo estabelecida de forma obrigatória.

Mencionei ainda na introdução, que há alguns anos já se falava no fechamento de uma das escolas estaduais no município de Torixoréu. Entrevistando a Diretora Regional de Educação (DRE) da SEDUC-MT, sediada no município de Barra do Garças, a professora Silvia Figueiredo de Sousa, contribuiu com sua visão pessoal em relação ao ‘redimensionamento’ da seguinte forma:

Então, em relação agora falando daqui de onde estou, que foi nessa cadeira que aconteceu toda essa..., esse redimensionamento, nós temos que lembrar que no estado de Mato Grosso, tanto a escola “Arthur” quanto a escola “Febrônio”, se eu pegar historicamente, essas escolas elas já foram redimensionadas. Desde muito tempo elas vem passando por redimensionamentos, então se você for olhar uma linha histórica, você vai perceber que a escola “Arthur” e a “Febrônio”, elas tiveram oferta desde a 1º série, depois, de lá pra cá, ela sofreu um redimensionamento, Escola “Arthur” e “Febrônio”, ofertando também, é..., somente anos finais do fundamental, e depois ela veio de novo para um novo redimensionamento (Sousa, 2025).

As duas escolas estaduais do município, “Febrônio” e “Arthur” ao longo de suas histórias, por vezes ofertavam as mesmas etapas e modalidades de ensino, mas ao longo de suas histórias, foram alterando a oferta, por isso a gestora destaca esse redimensionamento histórico. A diretora complementa sua fala trazendo a visão do poder público estadual em relação ao ‘redimensionamento’:

Quando o estado atua, ele, primeira coisa, ele pensa em fazer gestão, e a gestão primeira é recursos e pessoas. Ele vai fazer gestão de recursos e pessoas, então ele não vai olhar quem tá de contrato não, ele olha quem tá no quadro dele. Se ele pode fazer a gestão, ele vai movimentar (Sousa, 2025).

Nesse sentido, o estado abre mão de uma análise política social, para se basear em uma análise econômica em relação à oferta educacional. André e Copetti (2023), nesse sentido, destacam que o predomínio das relações econômicas sobre os direitos sociais gera não apenas a mercantilização da educação, como também ameaça a própria oferta de vagas para toda população.

O grupo escolar “Febrônio Rodrigues”, no final da década de 1970, sofreu digamos seu primeiro redimensionamento espacial. Após funcionar em um mesmo local por mais de quarenta anos, o poder público municipal decidiu mudar a escola de endereço, transferindo a mesma para uma área mais centralizada na cidade. A professora Maria Lúcia ao falar do Grupo escolar em seu endereço original, se expressa da seguinte forma: “Na minha concepção ela deveria ser tombada como patrimônio público, ela nunca deveria ter sido.... né, derrubada igual aconteceu, deixou acabar tudo, depois fez-se lá um clube, que também não funciona, né!” (Silva, 2025). Vejamos que os 42 anos de funcionamento em seu endereço original, foi simplesmente transformado em escombros e ressentimentos, principalmente da coletividade que vivenciaram àquele espaço social.

O professor Valdir, ao opinar sobre a importância do Grupo Escolar “Febrônio Rodrigues” para o município, salienta que:

Bom! a Escola “Febrônio Rodrigues” foi fundada em mil novecentos e quarenta e sete a nossa emancipação política foi em cinquenta e três, então pra mim que gosta da escola, esse aqui seria o único patrimônio, é..., assim, lembrança que o município de Torixoréu tinha, e graças aos políticos de hoje pessoas que não tem, assim, amor talvez pelo município, tirou essa oportunidade, essa condição de patrimônio cultural da escola, do município, a Escola “Febrônio Rodrigues”, porque foi a primeira escola (Vilela, 2025).

Retomando o fator crucial para a decisão do fechamento da instituição, foi a tentativa de tornar a Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” numa escola de regime de “Tempo Integral” a partir de 2024, e atender somente o Ensino Médio, modalidade totalmente diferente da que a escola sempre se prestou a atender, que era o Ensino Fundamental.

No município, desde que as duas escolas estaduais passaram a atender o ensino fundamental, a oferta sempre foi no período matutino, por conseguinte, estudantes e familiares se acostumaram com essa rotina cotidiana de funcionamento das escolas, haja vista, que as próprias famílias organizam seu dia-a-dia, com a presença dos estudantes em casa no período vespertino, ajudando nos afazeres domésticos, cuidando de crianças menores ou participando

Imagem 11: Ata de consulta pública de proposta de Ensino Médio de Tempo Integral

Fonte: Acervo documental Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva”

O próprio poder público municipal, já desenvolve atividades que envolvem os estudantes no contraturno. Com isso a procura de vagas na Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” com a proposta de atendimento em “Tempo Integral” foi realmente muito abaixo do esperado pelo Governo do Estado, o que já era um prenúncio de acordo com a consulta pública realizada no ano anterior, na outra instituição de ensino.

Com baixíssima procura por matrículas, menos de cinco dias do início do ano letivo de 2024, veio a decisão da SEDUC-MT em ‘redimensionar’ os estudantes e servidores da escola “Febrônio Rodrigues” para a Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva”. A inativação ocorreu numa quarta-feira e, na próxima segunda-feira, que seria o primeiro dia de aula, todos deveriam estar na outra unidade escolar.

A então diretora da Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva”, Lugerya Rodrigues Carvalho, uma das entrevistadas, assim descreveu o impacto dessa mudança tão brusca na educação do município de Torixoréu:

[...] antes do início letivo a gente soube da notícia que a Escola “Febrônio” seria fechada, então pra gente foi um transtorno geral, tanto pra Escola “Arthur”, quanto pra Escola “Febrônio”, nós tivemos que repensar na reorganização da escola, a Escola “Arthur” estava em reforma, nós não tínhamos espaço pra, é..., todos os estudantes né! E a gente precisou utilizar o prédio da Escola “Febrônio” (Carvalho, 2025).

A própria escola recebedora da nova remessa de estudantes e trabalhadores da educação estava em reforma, portanto, totalmente sem condições estruturais de acolher todos em seu espaço físico. Ironicamente o próprio prédio da então extinta Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” ficou por duas semanas sendo utilizado para atender boa parte dos novos estudantes da Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva”. Ao mesmo tempo a Secretaria Municipal de Educação de Torixoréu pressionava a direção da Escola “Arthur” a deixar o prédio da escola que foi extinta, porque a edificação havia sido cedida à prefeitura.

O fechamento de escolas não é um projeto exclusivo do Governo do Estado de Mato Grosso. De acordo com um levantamento realizado junto ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) – autarquia que atua sob a supervisão do Ministério da Educação –, entre 2010 à 2020, o número de Unidades Administrativas (UA - Escolas) estaduais no Brasil passou de 26.167, no ano de 2010, para 24.636, no ano de 2020. Uma queda de 1.531 escolas públicas estaduais por todo o Brasil durante uma década (André e

Copetti, 2023). Portanto, não se trata de um projeto estritamente do governo mato-grossense, se trata de uma dinâmica neoliberal disseminada a nível nacional, ancorada principalmente na revisão das responsabilidades da oferta das etapas da Educação Básica entre os estados e municípios. No ano de 2010 o total geral de estabelecimentos de Educação Básica, incluindo públicas e privadas, rurais e urbanas, era de 194.939, baixando para 179.533 em 2020. Uma redução de 15.406 escolas, equivale a uma queda de 7,902% em dez anos (André e Copetti, 2023).

A representação quantitativa destacada acima, não nos revela ao certo qual o número de estudantes está sendo reduzido a cada ano que possa justificar o fechamento dessas escolas em todo o Brasil, mas de acordo com as autoras, “embora haja um ordenamento jurídico voltado à distribuição de educação a todas as pessoas, há um Estado neoliberal atuante tanto no controle curricular para adaptar a educação às necessidades do mercado, quanto no fechamento de escolas” (André e Copetti, 2023).

O professor e atual Secretário Municipal de Cultura de Torixoréu, Vanney Neves, ao tratar do tema fechamento da Escola “Febrônio Rodrigues”, emitiu a seguinte opinião:

Eu recebi com muita tristeza e indignação, porque foi uma atitude unilateral, uma atitude — como se dizer — autocrata do Governo do Estado, que na verdade, esse fechamento de escolas que acontece nesse governo, desde o primeiro mandato dele, é um projeto: fechar escolas. É projeto. Um projeto pra quê: para dismantelar na verdade, a consciência crítica né, a consciência crítica não só do corpo profissional que trabalha nas escolas, mas também do corpo estudantil (Moraes 2025).

Contudo, sem adentrar a justificativa para tal movimento, acompanhado dos transtornos organizacionais causados por fechamentos de escolas, seja em um bairro de uma cidade mais populosa, seja uma escola de uma pequena cidade, ficam os resquícios da memória histórica das pessoas que ajudaram a reelaborar a dinâmica social do lugar. Ao relembrar o dia do fechamento da escola a servidora Ivone Martins de Jesus Oliveira, assim se pronunciou:

Então, no dia que nós fomos anunciados que a Escola “Febrônio” ia ser extinguida né, que ia ser fechada, aquela notícia pra mim foi... uma notícia terrível, eu sofri muito naquele dia eu chorei bastante mesmo. Bastante, eu não aceitava, né! Porque a escola Febrônio Rodrigues ela me marcou bastante, [...] pra mim foi um baque Maurício, eu sofri demais, chorei, foi assim, uma sensação de..., de morte, como se eu tivesse perdido alguém tão importante sabe, porque nossa eu amava demais a escola. Maurício do céu! Não tem nem... nem como expressar, porque foi uma dor muito forte mesmo (Oliveira, 2025).

A professora Izabel Cristina Aires Lima, também contribuiu relatando:

Nossa, eu, eu li a notícia no Instagram, quando eu comecei a ler a reportagem eu terminei a reportagem chorando, porque foi muito triste uma escola que foi..., teve muita dedicação de profissionais de alunos, de pais, que nos ajudavam também nos bastidores. A gente sabia que aquela escola tinha milhões e milhões de recursos ali dentro, porque a gente sempre batalhou por recurso ali dentro e..., e de repente apareceu a notícia, ela vai ser fechada, então foi muito triste (Lima 2025).

As expressões retratadas pelos(as) educadores(as), não é somente uma forma de representar insatisfação, contrariedade ou qualquer tipo de desilusão social com as decisões tomadas por outrem. Na verdade, significa, dizer ao outro, e ao próprio eu, que eu estive ali, eu pertenço àquele lugar de significações múltiplas, construídas materialmente as custas de vivências solidarizadas por diferentes pessoas que refutam o esquecimento por imposição. Rüsen compreende que “uma concepção de sentido é uma configuração concreta de interpretações de si e do mundo”, um “contexto significativo do mundo da experiência e da vida”, que “serve para explicar o mundo, fornecer orientação, para construir identidade e para dirigir ações por fins” (Rüsen, 2015, p. 103).

Entre afetividades e ressentimentos, a professora Silvia, assim descreveu seu sentimento saudosista em relação à escola:

Ali tem muitas histórias, tem pessoas que passaram por ali, elas alimentam essa saudade, a vontade de que a escola permaneça. Então assim, pensando no lado mesmo pessoal como cidadã torixorina, de pessoa que conhece a história do lugar, a gente sente essa perda. É uma perda pra nós que afeta nossas memórias, afeta nossos sentimentos, porque a escola não é somente o prédio; por detrás daquela estrutura física existem sentimentos, existem histórias (Sousa, 2025).

(Res)significar a história da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” no município de Torixoréu é sem dúvida (re)viver um sentimento nostálgico de saudades e de esperanças ali depositadas, cujo a trajetória afetiva e ressentida, quando qualificada pelo crivo da História, adquire um estatuto próprio de conhecimento do passado. E para os ex-servidores, esse conhecimento do passado não só reverbera intencionalidades subjetivas de seus subconscientes, como também, apontam desejos interiorizados em transpor significados que socialmente são desvalorizados e subjugados pela não valorização da história, memória e pessoas.

CAPÍTULO 03 - ACERVO DIGITAL DA ESCOLA ESTADUAL “FEBRÔNIO RODRIGUES”

3.1 Acervo digital como forma de compartilhamento de informação no Ensino de História

O papel do(a) professor(a) na contemporaneidade, revestiu-se de um compromisso muito maior na mediação da relação dos estudantes com os recursos tecnológicos, o que favorece o pleno conhecimento em detrimento da absorção de informações. O uso das chamadas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) no campo da educação, já não corresponde a uma simples opção didática, pois, é preciso o reconhecimento de que os recursos tecnológicos disponíveis estejam plenamente voltados para a garantia de propostas pedagógicas, que vão ao encontro do universo social no qual os estudantes estão inseridos, podendo propiciar o pleno desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

O objetivo deste capítulo, é apresentar como proposta de produto pedagógico, a construção de um acervo digital em formato de “blog” com as entrevistas que foram realizadas, aliadas a fotografias de ex-servidores da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”. Ao realçar parte de sua história em formato digital, rememorando através das narrativas em formato de entrevistas gravadas e fotografias, um pouco do significado da escola para a comunidade escolar e municipalidade em geral.

A ideia do blog surgiu no sentido de materializar tanto as memórias dos ex-servidores que foram entrevistados, contando um pouco da história da escola, bem como de outros ex-servidores que disponibilizaram fotografias de acervo pessoal para serem publicizadas na página virtual. De Lara e Conti (2003) argumentam que a disseminação de informações está apoiada na suposição de que se trata do ato de tornar público os conhecimentos desenvolvidos por uma ou mais pessoas, como também numa instituição.

A página virtual será utilizada em sala de aula, no Ensino de História, com o objetivo de propor aos estudantes do segundo ano do ensino médio, uma discussão sobre a construção de uma “memória local”, a partir de uma instituição, salientando a importância das pessoas que fazem parte da construção histórica de um determinado espaço e lugar. A informação é uma forma de conhecimento registrado de forma numérica ou impressa, audiovisual ou mesmo oral, tendo por objetivo a transmissão do significado de algo a um indivíduo, de forma inteligível, tendo uma referência espaço temporal (Mendes, 2012, p.14).

Como a escola teve suas atividades encerradas no ano de 2024, muitos dos atuais estudantes que hoje frequentam a Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva” vivenciaram também a situação conflituosa do fechamento da instituição. Com isso eles terão a oportunidade de ‘através do acervo virtual’, avaliar como as pessoas que trabalharam na Escola “Febrônio Rodrigues” pensam e enxergam o espaço-lugar no qual vivenciaram o dia-a-dia da instituição por mais ou menos tempo. É uma forma deles (estudantes) assimilarem questões que vão além do imediatismo dos tempos atuais, valorizando com isso a memória, a identidade e o sentimento de pertencimento dessas pessoas em relação ao lugar de representação social.

Milani (2019, p.11) ao referir-se sobre a importância do trabalho com a memória, destaca que: “As memórias precisam estar alicerçadas em alguma superfície, física ou não, e ‘guardadas’ pelo desejo de não esquecimento, de perpetuação das lembranças, em um esforço de confinamento do tempo, que insiste em passar, alheio às nossas vontades”. O acervo virtual será uma página de internet, criada especificamente para ser alimentado com fotografias e vídeos de momentos que representaram o dia-a-dia do ambiente escolar, e suas representações socioculturais, destacando as vivências de pessoas que ali deram sua contribuição⁴.

O desenvolvimento da página virtual foi realizado com a ajuda de um profissional da área de Tecnologia da Informação (TI), com conhecimento técnico de inserção de site em plataformas digitais de informação e comunicação, onde catalogadas as entrevistas e imagens, devidamente autorizadas por seus interlocutores, serão publicadas contextualizando cada narrativa histórica e cada imagem com o tempo histórico vivenciado por esses personagens ao longo de suas vidas.

O levantamento das entrevistas que irão alimentar o acervo virtual, foi pensado e sistematizado a atender a relevância histórica da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” para o município de Torixoréu, com isso, foram convidados ex-servidores que contribuíram com a materialização da instituição em diferentes épocas. Na página será exposto falas de ex-servidores que estudaram na escola ainda em suas primeiras décadas de funcionamento, ex-servidores que vivenciaram a reinauguração da escola em seu novo endereço a partir da década de 1980, e, ex-servidores que vivenciaram o fechamento da escola. O endereço virtual ainda ficará aberto para posteriores publicações de outras pessoas que se interessarem a contribuir

4 O intuito é que no futuro possamos incluir outras temáticas e pesquisas vinculadas às vivências da comunidade no acervo digital: a relação da população local com o Rio Araguaia, os impactos do passado advindos da mineração, as principais festividades da localidade, as intensas ligações com a cidade de Baliza-GO, dentre outras possibilidades, com o objetivo de fortalecer o Ensino de História com abordagens que dialogam com a memória e história local.

com informações que ajudem a sistematizar a História da escola e outras temáticas que se façam relevantes para a história do município de Torixoréu.

Muitas das vezes o Ensino de História no ambiente escolar é carregado de inúmeras abordagens, informações e acontecimentos distantes do meio social no qual estamos inseridos. Esse conhecimento, mesmo fazendo sentido à forma na qual nos colocamos no mundo, ainda requer de nós professores de história uma ação sistemática no sentido de contextualizar acontecimentos de outros povos e outras culturas com o nosso meio social. Por conseguinte, se faz necessário trazer aspectos de acontecimentos próximos ao contexto social dos estudantes, para que eles possam de um ponto referencial próximo, construir uma consciência histórica conectada com as nuances que envolvem o seu cotidiano social, podendo a partir deles suscitar diferenças que permeiam a humanidade como um todo.

Quem é importante na história? Muitas das vezes, para os nossos jovens estudantes, apenas os nomes que se destacaram no meio político ou em grandes eventos amplamente mencionados na história geral. E esse é o ponto a ser contextualizado e trabalhado na apresentação das memórias dos ex-servidores da Escola “Febrônio Rodrigues”. Enfatizar pessoas que fazem parte da constituição histórica do município, do lugar nosso de cada dia, das relações que se fazem presente entre comunidade e sua própria história. De acordo com Sá (2007, p. 291), “a construção social da memória é sempre uma forma de conhecimento: de fatos, de cronologias, de instituições, de costumes, de leis, da linguagem, ou seja, toda uma gama de recursos de contextualização e significação das experiências pessoais e grupais”.

E ao contextualizar memórias narradas de uma instituição que já não existe mais, estamos falando de memórias independentes, de pessoas comuns, que compartilharam uma gama de lembranças avulsas uma das outras, falando de um mesmo ambiente educacional que se configurou como um espaço significativo de formação sociocultural não só das pessoas diretamente envolvidas, mas também de toda a comunidade. Sá (2007), chama esse tipo de memória de “memória geracional” as quais são balizadas por eventos históricos, mudanças sociais e culturais que podem ter sido elaboradas por um determinado grupo e que acabam por ser apropriadas como memórias comuns, por praticamente todos os participantes da geração e conferem aos envolvidos com a situação, uma identidade representativa do lugar.

Transformar essas memórias em um registro público compartilhado com a comunidade escolar, por meio de um mecanismo de informação virtual, é criar um lugar de representatividade coletiva voltado ao diálogo entre o passado com o presente, ou seja, trazer as narrativas daqueles que moldaram as ações cotidianas da escola à realidade social dos estudantes que frequentam o ambiente escolar na atualidade, trazendo como ponto referencial,

a valorização de uma memória que permeia nosso entorno e que se nega a qualquer tipo de esquecimento.

3.2 O uso da história oral como possibilidade didática

As entrevistas realizadas com os servidores da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” e da Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva”, servirão como acervo digital para se trabalhar no campo do Ensino de História, apresentando aos estudantes o uso da memória e da oralidade como fonte de conhecimento. Os estudantes terão a oportunidade de se relacionarem com técnicas de entrevistas em uma pesquisa social, e compreenderem a metodologia como uma forma de expressão das emoções, evocados pelo sentimento de pertencimento a uma instituição que se faz presente na história e lembranças de toda uma comunidade, na qual, o dever de memória se faz elemento mitigador do não esquecimento, da busca pela continuação memorialista das histórias simbióticas pertencentes a um grupo.

A História enquanto área do saber, esteve por muito tempo ligada a comprovação de sua atribuição científica através de documentos escritos produzidos pelo Estado ou por instituições “consagradas”, sendo confeccionada por autores considerados “letrados”. Essa reprodução de um modelo hegemônico de saber e de fazer pesquisa, foi ao mesmo tempo trazida para o campo educacional, onde ensinar história era estudar feitos e fatos apenas pelos meandros do material didático que nos eram fornecidos.

Hoje, com os novos métodos pensados a partir da Nova História e da História Cultural, novas fontes se tornaram possíveis no trabalho didático-pedagógico da Educação Básica de uma maneira geral. André Chervel (1990) já orientava em relação a novos métodos de se trabalhar a História, segundo ele, uma disciplina escolar “é um modo de disciplinar o espírito, quer dizer, de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte” (Chervel *apud* Seawright, 2023, p. 4).

E no caso específico desse tópico de debate, a inserção da oralidade como ferramenta para o Ensino de História aos estudantes da educação básica, reconfigura uma nova possibilidade crítica aos métodos estabelecidos ao ensino. Meihy (2010), assim assinala a importância da produção de novas fontes de pesquisa pela oralidade: “A produção de textos ou fontes colhidas oralmente com coetâneos implicou alterações na forma usual de pesquisa que antes se confinava à seleção de textos escritos, previamente estabelecidos, ordenamento documental seriado mitologicamente planejado a análise” (Meihy, 2010, p.180). Meihy ainda complementa dizendo:

O vínculo da memória humana com a fala contígua implica espontaneidades alheias à escrita. Daí a alternativa de experimento ou ensaio mais completo em termos da relação entre o documento produzido e seu possível exame. A chamada história oral, portanto se mostra alternativa coerente com o tempo vivido, privilegiado pelos aparelhos dispostos pela tecnologia moderna para capturas documentais (Meihy 2010, p. 180).

Consideramos a história oral em sua vertente “disciplinada” que inclui pensá-la no interior de um conjunto aberto com critérios, formulações, procedimentos, empirias e objetos identificáveis. Nesse sentido, trazer a temática para o campo didático implica análise crítica, pautada em procedimentos epistemológicos substantiados por uma mediação compreensível de subjetividades. Seawright (2023), aponta as nuances da História Oral:

Sabe-se que a história oral pode ser subsumida dessa forma no sentido de ser cultivada, cuidada, tratada e ter estatuto: é aplicada, ampliada, pública, publicada, implicada; pode, assim, operar nas vagas “disciplinadas” tanto em sua relação com a pesquisa, quanto em sua inclinação social abrangente (Seawright 2023, p. 3).

E quando o autor faz menção à inclinação social abrangente possível da história oral, sem dúvida, nos remete às aferições que a oralidade pode contribuir na análise de processos históricos que fazem parte do cotidiano dos estudantes. Ainda que a história oral não seja uma disciplina que permeia o currículo escolar, não há nada que impossibilite nos apropriarmos dos seus usos, em torno de experiências conjuntas de atribuição de memória coletiva em torno da intersecção de um objeto de análise, até porque, compreendo que relacionar a história oral à noção de projeto extracurricular, se torna alternativa plausível de pensar a oralidade como parte da inserção didática de apresentação da temática “memória” para uma geração necessária de formação crítica do seu próprio passado.

Aberturas às oralidades, às narratividades em história oral e à requalificação da memória no tempo do “agora” propiciam o reverso do Ensino de História pautado apenas “na análise restrita de leis, currículos e livros didáticos, desconsiderando os saberes e práticas presentes no fazer de professores e alunos” (Ribeiro *apud* Seawright, 2023 p. 5).

Seawright (2023), ao tratar da história oral aplicada, principalmente no campo didático, salienta que, a partir da sala de aula, são estabelecidas linguagens derivativas da memória de expressão oral nos termos do falado. São assim valorizadas as entrevistas tratadas e que versam sobre o “dito”, segundo a ambiência em que foram enunciadas. São desejáveis as correlações e desnaturalizações entre as experiências de pessoas comuns ou não, que, contudo, podem

confluir com propostas de livros didáticos com a historiografia ensinada e outros suportes escritos em exercício de hibridização dos códigos.

Vale retomar para o entendimento do leitor, alguns pressupostos significativos do trabalho com a história oral no campo da pesquisa, pensando no seu uso posterior no campo didático-pedagógico. O historiador italiano especialista no campo da história oral, Alessandro Portelli, propõe a história oral como uma arte da escuta, e mesmo quando o diálogo permanece dentro da agenda original pensada pelos historiadores, é comum que a informação mais importante se encontre para além daquilo que tanto o historiador quanto o narrador consideram historicamente relevante (Portelli, 2016, p. 10).

A história oral não diz respeito só ao evento em si, diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores, daqueles que vivenciaram os desdobramentos causados por um acontecimento, que muitas das vezes resultaram em outros processos delineadores de múltiplas emoções ocultadas pelo silêncio (Portelli 2016, p. 12). São das vozes dos narradores que correlacionamos experiências vivenciadas com estigmas que dão uma nova roupagem ao que se passou e ficou guardado na memória.

A história oral vista como uma arte da escuta por Portelli, também se baseia em um conjunto de relações, nas quais o autor destaca:

1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo);
2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória);
3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as histórias;
4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador (Portelli, 2016, p. 12).

São pontos fundamentais que devem ser observados na construção historiográfica, e consequentemente, ao se apropriar da metodologia para designar conhecimento didático com estudantes que ainda estão em fase inicial no campo dos estudos e da compreensão dos possíveis métodos de produção de saberes, seguir uma orientação clara e sistematizada da aplicação da oralidade, ajuda na imersão dos alunos no universo da história contada a partir do ponto de vista de seus próprios narradores, permitindo o questionamento na práxis da construção histórica do vivido.

Para um município pequeno a visibilidade de acesso a uma memória própria, promove um processo de identificação que reafirma laços comunitários e uma consciência histórica. Ver a imagem e um áudio de um(a) ex-servidor(a) ou uma foto da antiga Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, mexe com os sentimentos e/ou curiosidade dos integrantes da comunidade. O

dono(a) da memória na condição de entrevistado vive entre eles, pode ser vizinho(a), parente distante, amigo(a) ou um conhecido(a), por outro lado, o prédio da Escola não foi destruído, continua lá, aguçando outras memórias e a interpretação histórico da localidade.

3.3 Cultura digital e o Ensino de História

Existe uma relação dialética constante entre professores e estudantes no processo de ensino-aprendizagem. Colocar em evidência o discurso da inserção tecnológica no ambiente educacional é algo bem complexo. As ferramentas tecnológicas se modificam constantemente, porém, a força e rapidez de conteúdos que não reproduzem nenhum tipo de conhecimento são espalhados em uma velocidade também incontrolável aos sistemas de regulação. O professor, nesse cenário de mudanças, precisa ser um provocador da reflexão pedagógica roubada pelo desenvolvimento sucessivo de modismos técnicos (Habowski e Conte, 2020). A inserção da promoção de uma cultura digital na educação está claramente prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Básica brasileira (2018), que através de suas cinco competências já preconiza:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018).

A comunicação através dos recursos digitais, atingiu toda população mundial em uma velocidade nunca antes pensada. Mas aí surge um grande problema posto em questão: como se chega essa informação? Como principalmente os jovens estão lidando com esse turbilhão de notícias que chegam a cada minuto em nossos celulares, tablets ou computadores? A exigência de um processo contínuo de desenvolvimento nessa área se faz necessário em decorrência das circunstâncias que determinam o cotidiano vivenciado na atualidade e das perspectivas para o futuro, das quais podemos destacar o crescimento acelerado dos conhecimentos científicos e tecnológicos colocados à disposição da sociedade. A pesquisadora Luciene Castilho Queiroz, em sua dissertação de mestrado intitulada *História e Cultura Digital: Narrativas sobre ensino de história em uma escola de educação básica de Cáceres-MT*, em relação à era digital, aponta que:

Era digital está posta como um novo desafio educacional, pois precisamos nos apropriar das referências e potencialidades das informações, conteúdos e

interfaces que estão disponíveis na rede mundial de computadores e construir um repertório de conhecimentos inerentes a prática e domínio dos letramentos digitais que tem o potencial de auxiliar na produção de conhecimentos críticos para uma prática docente que consiga integrar esses diversos saberes que desafiam a educação no mundo contemporâneo (Queiroz, 2020, p. 28).

Era digital esta, que nos instigam a promover repertórios diversificados de promoção de conhecimento, pautado na interligação dos mecanismos tecnológicos de informação e comunicação, com o universo diversificado de vivências e experiências dos estudantes. E não resta dúvida de que os nossos comportamentos são significativamente influenciados pelo volume exponencial de informações disponíveis online, e o crescimento do tempo que as pessoas passam lendo e se atualizando através da mídia eletrônica.

No artigo intitulado “Tecnologias Digitais na Educação Básica: desafios e possibilidades”, os autores destacam que:

As tecnologias digitais oferecem à escola possibilidades de desenvolver projetos que promovam a interação com a comunidade em torno da construção do conhecimento, exige que o professor crie propostas que permitam transformar os processos de ensino e de aprendizagem em algo dinâmico e desafiador (Ziede *et al.*, 2016, p. 3).

A construção de conhecimento a partir das TDICs não é tarefa fácil, pois exige que os(as) professores(as) desenvolvam novas formas de ensinar e aprender, onde os chamados “nativos digitais” já adotaram a tecnologia e cotidianamente desenvolvem estratégias de aprendizagem e de relacionamento com seus pares através das mídias digitais. Lidar com o novo gera sempre um ato de negociação entre o que já estamos meramente acostumados a fazer, com o desafio de criar novas possibilidades que evidentemente exige ação e renovação. Moran (2015) destaca que “conhecer é negociar, trabalhar, discutir debater-se com o desconhecido que se reconstitui incessantemente porque toda a solução produz nova questão” (Moran *apud* Ziede *et al.*, 2016, p. 4).

Ainda nesse viés, o autor complementa:

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente (Moran *apud* Ziede *et al.*, 2016, p. 4).

E é essa integração entre o mundo digital no qual nossos(as) estudantes estão diretamente inseridos, com o que chamamos de mundo físico e suas possibilidades interativas de geração de conhecimento, que destacamos o papel desafiador do professor na atualidade, onde esse vai e vem gerado pela mundialização das redes sociais, amplia a necessidade de uma mediação constante entre apreensão de conhecimento e formação de uma juventude crítica acerca da desinformação e o uso inadequado das chamadas mídias sociais.

A tecnologia por si só, não pode ser entendida como única ou mais importante condição para o desenvolvimento de um trabalho educativo mais fecundo, é preciso conferir sentido e significado nas práticas pedagógicas a partir do acesso e uso das TDICs, principalmente no componente curricular de História, onde sobretudo nos deparamos diariamente diante de um cenário em que se proliferam discursos extremistas e negacionista de diversas ordens que ferem os Direitos Humanos e o Estado Democrático de Direito.

A multiplicidade de teorias, metodologias, temas e problemas para a produção do conhecimento histórico, certamente, não torna pensar o Ensino de História como uma tarefa fácil, frente a esse mundo tecnológico no qual estamos inseridos, principalmente mediante a complexidade na qual se constitui sua realização no espaço escolar, tendo como pressuposto básico a formação do pensamento histórico dos(as) discentes e sua relação com os objetos de investigação da “educação histórica”. Schmidt e Urban (2018) apontam a tradição do diálogo entre ciência histórica e a prática de ensino, característica essencial da educação histórica, e incluem importantes ideias dessas duas dimensões valorizando o sujeito na sua subjetividade, seus saberes, seu cotidiano, cultura e experiência, bem como o pensamento do ato de aprender, não desvinculado ao do ensinar no contexto da cultura digital.

Monteiro (2003) mostra a pesquisa em Ensino de História como um caminho possível que visa proporcionar essa construção de pensar a educação de forma que ela possa vislumbrar as dimensões de âmbito social, político e técnico, considerando aspectos da cultura que emergem dentro do contexto da escola.

Numa dinâmica com interfaces entre o ensino, a problematização via a pesquisa e a extensão da difusão do conhecimento junto à comunidade, propomos como desdobramento deste trabalho dissertativo, estruturar gradativamente um acervo virtual como produto/ferramenta pedagógica – em formato de Acervo Virtual Digital – para dar visibilidade as memórias e abordagens históricas sobre a localidade.

A princípio, o foco de trabalho foi(é) as memórias da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” através das gravações das entrevistas com ex-servidores(as) da instituição, iniciativa que mesmo após o trabalho do mestrado, poderá ser ampliado, seja com novas

entrevistas ou com outras fontes que rememoram a trajetória da instituição, como fotografias e documentos institucionais e pessoais de ex-alunos(as) e ex-servidores(as). Contudo, o intuito é que novas temáticas sejam inseridas, envolvendo os discentes neste processo de pesquisa e difusão de conhecimento.

A perspectiva do acervo virtual é de rememorar histórias que fizeram parte da construção histórica da escola como ponto de partida, mas que, posteriormente, outras temáticas possam ser sistematizadas com o propósito de dar historicidade à construção histórica do município de Torixoréu, tais como, a ligação da cidade com o rio Araguaia, os impactos da mineração e da pecuária na formação econômica da localidade no século XX, as festas tradicionais e a forte ligação social, cultural e econômica com a vizinha cidade de Baliza, podem ser assuntos a serem inseridos no acervo digital educativo, tanto para a educação formal em história, como para educação não-formal e histórica destinada ao conjunto da comunidade.

3.4 Apresentação dos entrevistados e apresentação do Acervo Virtual em formato de “blog”

Construir um acervo virtual de um determinado lugar específico, aqui referindo-se à trajetória da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, requer antes de mais nada o levantamento das fontes primárias e secundárias que serão utilizadas na construção historiográfica da pesquisa. A utilização da fonte oral para a construção do “Acervo Virtual,” destaca a fonte imaterial como fundamental na preservação das experiências vivenciadas pelos narradores na preservação da memória, daquilo que não se quer esquecer, enquanto lembrança de um espaço histórico, que se fez presente na construção social de várias gerações da localidade.

Gravar entrevistas a partir de narrativas orais, representa uma relação dialética da fonte oral que conta a história, com a própria história, que sempre existiu, independente da narrativa e que está adormecida no passado, e esse diálogo nos ajuda a entender a vida no tempo presente. A historiadora Verena Alberti destaca que: “O trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea” (Alberti, 2003, p. 1). Ou seja, a entrevista em si, se torna um mecanismo de construção de fontes que contribuem com o diálogo entre história e memória, e que coloca o narrador como testemunha coparticipativa da materialização dos enredos, fatos e nuances dos acontecimentos.

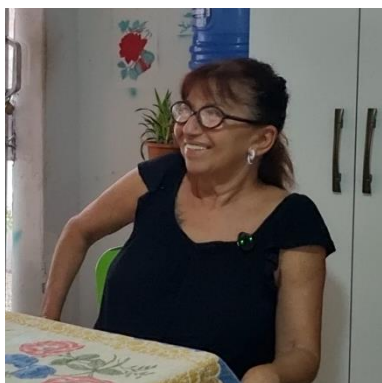
É bom lembrar que quando surgiu a ideia de trabalhar com fontes orais, primeiramente foi realizado todo um processo de apresentação da documentação necessária (projeto de

pesquisa) ao Comitê de Ética da Universidade do Estado de Mato Grosso, para que pudéssemos realizar as entrevistas orais, mediante que a exposição de imagens e voz de terceiros só são permitidas em trabalho acadêmico, após a inserção da documentação necessária na Plataforma Brasil, e aprovação pela universidade. Na data de 25 de abril de 2025 recebi o parecer favorável de nº 7.533.396 do Comitê de Ética e Pesquisa da UNEMAT, me habilitando a realizar as entrevistas com as pessoas que se dispusessem a contribuir.

Antes de apresentar os entrevistados da pesquisa, analisemos alguns questionamentos pontuais para se chegar até eles. Primeiro ponto: Como foram escolhidos os entrevistados da pesquisa? Como meu objeto de pesquisa é a história de uma instituição de ensino com mais de oitenta anos de existência, inicialmente procurei na comunidade, servidores que fizeram parte dos primeiros anos de existência da escola. Em segundo plano, pessoas que trabalharam na unidade escolar por longos anos e, por fim, servidores que já trabalhavam na instituição a algum tempo quando a mesma foi fechada. Alberti (2004, p. 31) assim contribui com a forma de escolha dos entrevistados: “A escolha dos entrevistados não é aleatória, mas orientada pelo problema de pesquisa. Deve-se buscar aqueles que, por sua trajetória e experiência, possam contribuir para a compreensão do objeto estudado.”

Segundo ponto: Quantos foram os entrevistados? A ideia inicial era entrevistar de 10 a 12 pessoas. Porém, a materialização da entrevista em si, está permeada de situações que envolve uma complexidade de elementos constitutivos, que independe da vontade do pesquisador. Com isso, foram realizadas 9 entrevistas. Em relação ao número de entrevistados, Alberti destaca: “não é possível determinar previamente o número de entrevistados em uma pesquisa de história oral, uma vez que essa definição depende dos objetivos do estudo, podendo inclusive restringir-se a um único depoente, desde que significativo” (Alberti, 2004, p.36).

Terceiro ponto: Quem são os entrevistados? Vamos conhecer um pouco da história de cada um dos entrevistados que contribuíram com a pesquisa, bem como a construção do produto pedagógico que será utilizado como material didático a ser trabalhado em sala de aula com as temáticas de “Memória” e “História Local”. Os(as) entrevistados(as) são:



- **Professora Dione Maria Silva Lauria** - Nascida em Torixoréu no ano de 1961, foi estudante do Grupo Escolar Febrônio Rodrigues, onde inclusive estudou com seu próprio irmão que trabalhou na escola exercendo a função de professor. Formou-se em Pedagogia pela Unifimes (Centro Universitário de Mineiros). Trabalhou por mais de 40 anos como educadora, foi a primeira servidora Técnica Administrativa Educacional da Escola de I Grau “Febrônio Rodrigues”, quando a escola foi inaugurada em 1980 em seu novo endereço na época (Lauria, 2025).



- **Professora Edith Soares Gomes** - Nascida no município de Torixoréu em 1942. Foi estudante do Grupo Escolar “Febrônio Rodrigues” ainda nos primeiros anos de fundação da escola. Após concluir o ensino primário no Grupo Escolar “Febrônio”, concluiu o Ginásio (magistério), hoje Ensino Médio na Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva”, em Torixoréu. A partir daí, iniciou sua carreira como professora alfabetizadora no Grupo Escolar “Febrônio Rodrigues”. Além de trabalhar no grupo escolar, também prestou longos anos de serviço em escolas da zona rural do município de Torixoréu (Gomes, 2025).



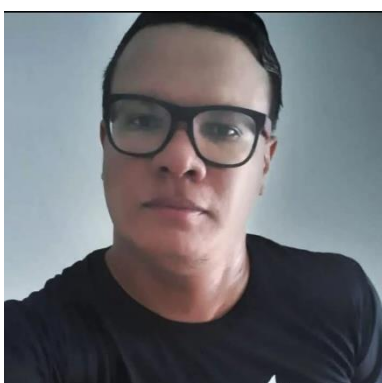
- **Professora Maria Lúcia Monteiro da Silva** – Nascida no município de Aragarças em 1958, porém, logo após seu nascimento foi trazida para Torixoréu onde sua família já residia. Foi estudante do Grupo Escolar “Febrônio Rodrigues”, quando a diretora era a professora Raquel Arbués, filha do primeiro professor da escola. o senhor Pedro Arbués. Enquanto estudante, sua mãe era servidora da escola na função de merendeira. Se formou em Letras pela UFMT de Barra do Garças, retornando para Torixoréu para exercer a profissão de professora. Trabalhou na Escola “Febrônio” por um período de trinta e quatro anos e seis meses e quatro dias. Mãe de três filhos, todos fizeram o ensino fundamental na escola pesquisada, seu filho mais novo também se efetivou como servidor da Escola “Febrônio Rodrigues”, hoje ele exerce a função de Técnico Administrativo Educacional na Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva” (Silva, 2025).



- **Professor Valdir Sousa Vilela** – Nasceu em Torixoréu em 1958, foi estudante do então Grupo Escolar “Febrônio Rodrigues”, no antigo endereço onde a escola foi fundada. É licenciado em Pedagogia pela Univar. Após se formar, iniciou sua carreira docente no município de Torixoréu, atuou como professor na Escola “Febrônio” desde 1985. Elegeu-se vereador por cinco mandatos em concomitância com a atuação na carreira docente. Foi gestor da unidade escolar pesquisada por 18 anos, até sua aposentadoria em 2014. Sua esposa também era professora efetiva da Escola “Febrônio” na data de seu fechamento. Possui três filhas, todas fizeram o ensino fundamental na instituição escolar (Vilela, 2025).



- **Professora Izabel Cristina Aires Lima** – Nasceu na vizinha cidade de Baliza-GO, em 1967. Licenciada em Pedagogia pela UFMT, especialista em Gêneros Textuais pela UFMT, trabalhou na Escola “Febrônio Rodrigues” de 1990 até 2017, atuando por 27 anos e 5 meses na instituição. Construiu uma carreira sólida na formação pedagógica de diferentes gerações que passaram pela escola. Tem um casal de filhos, ambos concluíram o ensino fundamental na Escola “Febrônio” (Lima, 2025).



- **Professor Vanney Neves Dias Moraes** – Nascido em 1982 na cidade de Torixoréu. Licenciado em Letras pela UFMT, atualmente atua como Secretário Municipal de Cultura do município de Torixoréu. Foi estudante e professor na Escola “Febrônio Rodrigues”. Dentre outros projetos foi o idealizador da “Procissão do Fogaréu” em Torixoréu, projeto que tem suas raízes quando ele atuava como professor na instituição, onde surgiu o projeto, com a participação dos estudantes e colaboração dos profissionais da escola. Hoje a “Procissão do Fogaréu” em Torixoréu é um evento que compõe o calendário de eventos culturais do Estado de Mato Grosso (Moraes, 2025).



- **Professora Lugerya Rodrigues Carvalho** – Nascida em 1988, em Pontalina-GO. Mudou-se para Baliza ainda muito jovem, formou-se em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Em 2010 iniciou sua carreira como professora na Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, onde atuou até 2023. Em 2024 quando a escola Febrônio Rodrigues foi fechada, atuava como diretora da Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva”. Tem como marco de sua atuação na Escola “Febrônio” a coparticipação na criação do projeto “Agita Torixoréu”. Projeto que integrava diversos órgãos públicos em comemoração ao Dia Nacional da atividade Física (Carvalho 2025).



- **Ivone Martins de Jesus Oliveira** – Nascida no município de Baliza-GO, no ano de 1977, onde reside desde o seu nascimento. Formada em Pedagogia, iniciou sua carreira como professora na Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” como contrato temporário. Em 2010 foi chamada a assumir o concurso na própria instituição, como Apoio Administrativo Educacional (AAE) na área de nutrição, onde tornou-se servidora efetiva. Desde esse ano se dedicou ao trabalho de merendeira escolar criando forte vínculo com os estudantes e profissionais da educação que faziam parte do quadro de servidores da escola. Sentiu muito o fechamento da escola, local onde iniciou sua carreira na educação (Oliveira, 2025).



- **Professora Silvia Figueiredo de Sousa** – Nasceu em Barra do Garças-MT no ano de 1973, mas ainda recém nascida veio para Torixoréu onde sua família sempre residiu. Formada em Letras pela UFMT, e mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG. Desempenhou a função de Assessora Pedagógica na rede estadual de Mato Grosso de 2015 a 2021, onde atuou na condução das políticas educacionais do estado não só no município de Torixoréu, cidade que sediava a sede da assessoria pedagógica na regional, mas também nos municípios de Ponte Branca e Ribeirãozinho. Atualmente exerce o cargo de Diretora Regional de Educação do Polo de Barra do Garças-MT, regional que atende 16 municípios da região Leste do Estado (Sousa, 2025).

Foram esses servidores públicos que atuaram ou atuam na educação do município de Torixoréu que ajudaram a construir a historicidade da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” neste trabalho. História e memória são elementos que se materializam na vida das pessoas como uma forma de reviver fatos e feitos que vão além daquilo que se quer manifestar enquanto agentes sociais que constroem a suas histórias de vida. O direito a memória não é somente uma questão individual do ser em si. É também uma ação coletiva onde as narrativas de diferentes atores se entrelaçam em um desejo permanente de pertencimento comunitário, de envolvimento social referendado pela narrativa. Preservar a memória de uma instituição escolar que se fez presente na vida social de uma cidade é fundamental não apenas para honrar a instituição em si, mas para dar visibilidade aos seus atores diretos que viveram e vivem em meio à comunidade.

As memórias e histórias desses servidores que contribuíram com a pesquisa, será apresentada aos estudantes do Ensino Médio com o objetivo de contemplar os conceitos de “Memória e Identidade” no âmbito da História Local. O Acervo Virtual em formato de “Blog”, com endereço eletrônico <https://legadofebbronio.com.br> contempla parte da história da escola, através de textos, imagens e as entrevistas gravadas que representaram o dia-a-dia da unidade escolar. O acervo virtual foi criado pelo profissional de informática, o professor Thiago de Souza Ribeiro, que inclusive é filho de Torixoréu e já trabalhou na Escola “Febrônio Rodrigues” como técnico na área de informática. Nele estudantes e comunidade em geral terão o privilégio de ouvir as narrativas dos entrevistados, e compreender um pouco da memória afetiva que se consolidou em torno da Escola “Febrônio Rodrigues” na municipalidade de Torixoréu.

A página inicial do “blog”, traz uma fotografia da escola com as cores que representaram sua fachada por muitos anos, ao mesmo tempo, trazendo os ícones de pesquisa em que o leitor navegador poderá clicar para se ambientar com as opções de navegação disponíveis, nas quais são eles: Início, Apresentação, História, Projetos desenvolvidos, Entrevistas e Galeria. No menu “Início” fica em evidência a imagem da escola, com destaque para a frase “Memória da Escola Estadual Febrônio Rodrigues” (imagem 12).



Imagem 12: Fachada da Escola Estadual Febrônio Rodrigues
Fonte: <https://legadofebronio.com.br/> (Acessado em 25/04/2026)

No menu “Apresentação” trago uma breve apresentação minha, e do objetivo do Blog enquanto o trabalho com as memórias de ex-servidores da escola que contribuíram com sua constituição histórica (imagem 13):

Apresentação

Sou o Professor Maurício do Nascimento Farias, licenciado em História, professor da rede básica de educação do Estado de Mato Grosso, trabalho na Escola Estadual Arthur da Costa e Silva no município de Torixoréu.

Atualmente cursando o Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat.



Este acervo virtual foi criado com o objetivo de apresentar memórias de ex-servidores da Escola Estadual Febrônio Rodrigues no município de Torixoréu, onde a partir de seus relatos, estudantes e comunidade em geral poderão entender a importância da escola na formação histórica do município, e a relevância da unidade escolar para os profissionais que dedicaram anos de suas vidas na formação pedagógica da comunidade como um todo.

Esse espaço dedico a todos os servidores da educação do município de Torixoréu que atuaram na escola Febrônio Rodrigues e que contribuíram a tornar a escola um espaço não só de convivência institucional, mas um espaço de memória, significado afetivo na vida das pessoas que por ali deixaram suas histórias, e consequentemente um espaço de representação social.

Imagem 13: Apresentação do pesquisador e objetivo do Blog
Fonte: <https://legadofebronio.com.br/> (Acessado em 25/04/2026)

No menu “História” trago um breve histórico da formação histórica da escola, localizando datas, nomenclaturas pela qual a escola foi recebendo ao longo do tempo até a data de seu fechamento (Imagem 14):

História

A Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” foi fundada no município de Torixoréu em 1936, quando a cidade ainda era um pequeno vilarejo. Em 1937, foi construído o primeiro prédio onde funcionava a escola. A escola recebeu esse nome em homenagem ao seu patrono, o empreendedor Febrônio Rodrigues, que foi o idealizador e fundador da escola.

Os primeiros professores da escola foram o senhor Pedro Pereira Arbués e sua esposa Maria Lima Arbués. Em 1947 a escola se torna instituição pública estadual, denominada Grupo Escolar Febrônio Rodrigues. Por mais de trinta anos a escola funcionou como única escola do município, sendo, portanto, a instituição responsável pela alfabetização da grande maioria dos moradores do município. Em 1980, o Grupo Escolar “Febrônio Rodrigues”, recebe um novo prédio mais ao centro da cidade. A escola ofertava somente o ensino primário, agora em seu novo endereço, passa a ofertar o que antigamente se chamava o ensino de Primeiro Grau, que hoje representa o ensino fundamental.

A escola passou a denominar-se Escola Estadual de 1º Grau Febrônio Rodrigues. Após a promulgação da LDB – Lei 9.394/1996, os termos 1º e 2º Graus foram sendo abolidos dos nomes das escolas, e a escola Febrônio passa a se chamar Escola Estadual Febrônio Rodrigues. A escola por determinação do governo do estado teve suas atividades suspensas no ano de 2024, após mais de oito décadas de funcionamento.

Imagem 14: Breve história da Escola Estadual Febrônio Rodrigues
Fonte: <https://legadofebronio.com.br/> (Acessado em 25/04/2026)

No menu “Projetos desenvolvidos pela escola” o leitor terá a oportunidade de conhecer alguns dos projetos que fizeram parte do calendário de eventos anuais da escola. Projetos esses que em todas suas realizações, contavam com a participação efetiva não só da comunidade escolar, mas de toda a comunidade de maneira geral.

Festa Folclórica

O Dia do Folclore Nacional é comemorado no Brasil em **22 de agosto**. A data foi oficializada em 1965 para valorizar as manifestações da cultura popular brasileira, como lendas, ritmos, danças, festas e tradições que formam a identidade nacional, com forte influência indígena, africana e europeia.

A Escola Febrônio Rodrigues adotou o mês de agosto para inserir em seu calendário festivo a Festa do Folclore, onde os estudantes sob a orientação dos professores faziam apresentações folclóricas com a participação de toda comunidade escolar e comunidade em geral.



Imagem 15: Festa do Folclore
Fonte: <https://legadofebronio.com.br/> (Acessado em 25/04/2026)



Projeto Consciência Negra

Geralmente realizado em novembro mês que se comemora o Dia da Consciência Negra no Brasil.

Este projeto tinha como objetivo colocar em prática a Lei 11.645/2008, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e indígena no Brasil. Não só no mês de novembro, os profissionais da escola tinham como proposta pedagógica criar durante todo o ano um ambiente escolar livre do racismo e de qualquer tipo de preconceito que menospreze a dignidade humana.

Imagem 16: Projeto Consciência Negra

Fonte: <https://legadofebrônio.com.br/> (Acessado em 25/04/2026)



Procissão do fogaréu

De autoria atual Secretário Municipal de Cultura o professor Vanney Neves, a procissão do fogaréu de Torixoréu nasceu no chão da escola Febrônio quando o professor atuava a frente do projeto Educarte na escola.

Na ocasião o professor mobilizou estudantes e servidores da escola para que a encenação dos últimos momentos da vida de Jesus Cristo fosse representada na cidade. Hoje a procissão faz parte do calendário municipal de eventos e foi reconhecida como única procissão do fogaréu do Estado de Mato Grosso oficialmente reconhecida pela Organização Vilaboense de Arte e Tradições (OVAT) e faz parte do calendário nacional.

Imagem 17: Projeto Consciência Negra

Fonte: <https://legadofebrônio.com.br/> (Acessado em 25/04/2026)

Gincana Bíblica

Projeto realizado em parceria com instituições religiosas da cidade, com o objetivo de arrecadar alimentos para doação a famílias carentes do município.

O projeto consistia na realização de uma gincana com perguntas relacionadas ao conhecimento da bíblia por parte dos estudantes, e brincadeiras organizadas pelos professores para compor a pontuação final da prova. Durante algumas semanas que antecedia a gincana, os estudantes arrecadavam alimentos para a realização das doações.



Imagem 18: Projeto Gincana Bíblica

Fonte: <https://legadofebrônio.com.br/> (Acessado em 25/04/2026)



Imagem 19: Projeto soletrando

Fonte: <https://legadofebronio.com.br/> (Acessado em 25/04/2026)

E, por fim, no menu “Galeria de Fotos”, serão apresentadas fotos de ex-servidores que se disponibilizaram a contribuir com alguma imagem para alimentar o Blog deixando sua impressão histórica no Acervo Virtual de Memórias da Escola Estadual Febrônio Rodrigues.

Os vídeos serão acessados no menu “vídeos”, onde a comunidade e estudantes poderão contemplar as impressões dos ex-servidores entrevistados acerca do fechamento da unidade escolar, e vivenciar um pouco das memórias afetivas que essas pessoas foram constituindo ao longo do tempo ao desenvolver suas atividades laborais no dia-a-dia da escola.



Imagem 20: Entrevista com a Professora Dione

Fonte: <https://legadofebronio.com.br/> (Acessado em 25/04/2026)

O conteúdo a ser trabalhado enfatizando a temática “Memória e Identidade” a partir da “História Local” será produzido e confeccionado em material impresso ou digital, seguindo as diretrizes previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e de acordo com a habilidade proposta pelo material estruturado normatizado na rede estadual de ensino.

Deixo, portanto, esse trabalho como contribuição à memória da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” e do município de Torixoréu, com destaque para as pessoas que ajudaram a construir a história dessa instituição de ensino que tanto ajudou na alfabetização dos filhos de Torixoréu, e das pessoas que por aqui vieram fazer suas vidas. Que a história e memória dessa instituição de ensino permita que os sujeitos do presente se reconheçam como parte ativa da construção histórica do lugar onde está inserido, e que se construa uma mentalidade social voltada à preservação da memória patrimonial local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizar um trabalho de pesquisa nos traz diferentes sensações em relação ao desenvolvimento e concretização do mesmo enquanto relevância social, tanto para com a sociedade na qual queremos sempre apresentar algo que contemple uma reflexão positiva acerca do que se foi pensado e produzido, quanto para o campo da produção acadêmica, no qual queremos sempre produzir algo significativo para o universo da pesquisa científica. Todos temos nossas aspirações pessoais de projeto de vida, e é claro, que esse é um dos motivos balizadores de nossas escolhas e ações a partir daquilo que nos propomos a fazer. Porém, ao mergulhar no universo da pesquisa, nosso modo de ver o mundo vai se transformando e moldando nossas aspirações. A cada leitura, a cada diálogo realizado, passamos a desvendar novas possibilidades inerentes ao objeto de pesquisa na qual nos propomos a estudar.

Quando uma sociedade valoriza suas memórias, se constrói um alicerce sólido para o desenvolvimento de valores éticos e morais, fundamentais para o reconhecimento de injustiças sociais e das lutas constantes que diferentes grupos travam em prol de promover valores que estejam calcados na igualdade social. Estudar a história da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues”, a partir das memórias dessas pessoas na qual tive a oportunidade de conversar, me ajudou profundamente na conscientização de que eventos passados, onde quer que eles aconteçam, estão carregados de simbologias que vão muito além dos laços de afetividade ou paixões desconectadas da realidade.

Na verdade, as memórias se apresentam como raízes que alicerçam um dever social básico, de estarmos sempre atentos de como ainda se faz necessário uma profunda conscientização da valorização histórica de lugares, pessoas e ritos culturais de uma sociedade. Segundo Bosi, “A memória “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto” (1979, p. 17).

Pessoas e lugares constroem relações que vão muito além da relação homem/natureza, pessoas e lugares materializam transformações e permanências que interligam valores culturais conexos a uma sociedade, pessoas e lugares retira das profundezas do passado àquilo que se quer esquecer enquanto história e memória. Interrogar ‘memórias’ buscando precisamente transformar a diferença e a multiplicidade entre elas em alteridade, se torna um exercício preliminar da busca e da construção de uma identidade comum, e percorrer a memória histórica para além da narrativa, eleva essa narrativa histórica como interlocutora privilegiada na construção historiográfica (Seixas, 2002, p. 61).

A velocidade em que as informações circulam, as vezes nos dão a sensação de que o presente é somente um sopro do passado, e que somos representados pelo esquecimento. A dinâmica das sociedades das massas, parece estar sempre em ruptura com o passado, no entanto, a necessidade constante de “passado” se mostra latente em busca pela memória (Nora, 1993, p.12). O fechamento da Escola “Febrônio Rodrigues”, hoje é algo que não se apresenta como diálogo social de praças e grupos sociais, mas a vivência daqueles que tiveram efetiva participação na história da escola enquanto instituição de ensino, se tornaram memórias que refutam o esquecimento, memórias que claro precisam conviver com o novo, mas que estão sempre em conexão com o passado vivenciado, e que rejeitam veementemente o apagar das lembranças constitutivas de um passado cheio de brilho, vivenciados em um lugar “escola” que se confirmou como um alongamento dos projetos de vida das pessoas que por ali deram suas contribuições, ou que alimentaram sonhos através da educação de conquistar uma vida melhor.

As expressões de memória emergidas em torno da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” em Torixoréu, são sem sombra de dúvidas, narrativas que compõem uma espécie de elo entre aqueles que vivenciaram o dia-a-dia da unidade escolar, com a própria história do município que se consolidou e cresceu envolto ao cotidiano, projetos e programas desenvolvidos pela escola ao longo do tempo, solidificando significados e moldando uma corresponsabilidade participativa entre sociedade civil organizada, poder público e a própria escola na construção de uma identidade social que querendo ou não, foi moldando o sentimento comunitário de pertencimento ao lugar.

A chamada Nova História e a História Cultural, deu uma nova dinamização aos estudos historiográficos, possibilitando novas categorias de análises tais como: representações, mentalidades, imaginário social, memória, identidade etc. Marc Bloch já dizia que a história se fez, sem dúvida, com documentos escritos, mas quando existem. É possível fazer história a partir da inventividade do historiador, para fabricar seu alimento que irá nutrir sua descoberta. Tudo aquilo que o homem escreve, diz, fabrica ou marca, aí está seu vestígio (Silva et al. 2015, p.162).

O trabalho consistiu basicamente em um diálogo muito enriquecedor entre autores que se debruçaram ao longo de suas pesquisas sobre a utilização da memória em pesquisas sociais, a utilização da oralidade como metodologia de pesquisa, onde as narrativas dos entrevistados foi delineando o grau de importância das ações político-sociais na constituição, permanência e fechamento da unidade escolar. Por fim, estabelecer uma conexão de ensino/aprendizagem materializando essas memórias através da página virtual em formato de blog, com destaque para as entrevistas que foram realizadas ao longo da pesquisa, proporcionou e proporcionará

aos estudantes da Escola Estadual “Arthur da Costa e Silva”, a oportunidade de entender um pouco o que é o universo da pesquisa a partir da oralidade, e compreender também a importância de cada entrevistado no processo de formação histórica não só da escola, mas da comunidade de Torixoréu como um todo.

O desenrolar da pesquisa, principalmente a realização das entrevistas, me despertaram um posicionamento bem solidificado em relação à importância de se discutir o fechamento de escolas no Brasil, e principalmente no estado de Mato Grosso. O governo do estado, não se cansa de se vangloriar em relação à arrecadação recorde do estado ano após ano, e ao mesmo tempo, não consegue realizar um estudo real dos impactos históricos sociais da política de fechamento de unidades escolares no estado. Não se leva em consideração a história dos lugares, promovendo uma real desconstrução da memória tanto material, quanto imaterial de lugares e pessoas, colocando sempre o capital como prioridade nas ações políticas.

Entendi o quanto a escola Febrônio Rodrigues teve um papel histórico de relevância dentro do município de Torixoréu, estamos falando da escola mais antiga do município, e que desde seu surgimento, paralelo aos primeiros anos de surgimento do vilarejo, tanto o poder público municipal quanto a sociedade de maneira geral, construíram uma dinâmica social de coparticipação interativa, proporcionando um engajamento na formação sociocultural do município de Torixoréu.

Creio que esse trabalho de pesquisa, ao dar ênfase as narrativas de pessoas que ajudaram a construir a história da escola, eleva suas memórias a um patamar de destaque, e contribui significativamente para que a juventude possa compreender o valor da memória na formação cidadã de cada indivíduo e da coletividade. Que a proposta do trabalho não fique somente na apresentação da história da Escola “Febrônio Rodrigues” enquanto instituição de ensino, mas na consolidação da importância das memórias das pessoas que ajudaram a construir sua história. O objetivo é que os jovens estudantes do presente ao ter contato com a história, a partir das narrativas, possam também, compreender que identificar-se com um lugar seja ele qual for, vai alimentando o sentimento de pertencimento, e quando nos sentimos parte de um todo, passamos a desenvolver ações de solidariedade e respeito não só com o lugar, mas também, com a comunidade na qual fazemos parte.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Diego. A afetividade como construção social: a teoria das emoções no arcabouço filosófico do socioconstrucionismo. *Gavagai*, Erechim, v. 8, n. 2, p. 93-106, jul./dez. 2021.
- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. *Narrativas na história oral*. In: ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: ANPUH, 2003. p. 1.
- ANDRÉ, Tamara Cardoso; COPETTI, Camila Regina. Fechamento de escolas no Brasil (2010-2020): agenda neoliberal? *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 25, p. 1-28, 2023.
- ANSART, P. Razão e paixão na política. In: SEIXAS, J. A.; BRESCIANI, M. S.; BREPOHL, M. (orgs.). *Razão e paixão na política*. São Paulo: UNESP, 2002.
- ANSART, Pierre. *A gestão das paixões políticas*. Tradução de Jacy Seixas. Curitiba: Editora UFPR, 2019.
- ANSART, Pierre. Razão e paixão na política. In: SEIXAS, Jacy A.; BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion. *Razão e paixão na política*. [S. l.: s. n.], 2002.
- ARBUEÉS, M. *Fatos, fotos e telas*. Cuiabá: EdUFMT, 2009.
- BARBOSA, Conceição Aparecida Pereira; SERRANO, Claudia Aparecida. O blog como ferramenta para construção do conhecimento e aprendizagem colaborativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 12., 2005, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: ABED, 2005. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/011tcc3.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- BARROS, J. D'A. História local e história regional: a historiografia do pequeno espaço. *Revista Tamoios*, São Gonçalo (RJ), v. 18, n. 2, p. 22–53, jul./dez. 2022.
- BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. *OP SIS*, v. 7, n. 9, p. 167-180, jul./dez. 2007.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 29-42, 1989.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- BRECIANI, M. S. Razão e paixão na política. In: SEIXAS, J. A.; BRESCIANI, M. S.; BREPOHL, M. (orgs.). *Razão e paixão na política*. São Paulo: UNESP, 2002.
- BURKE, P. *A escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia (1929–1989)*. São Paulo: UNESP, 1990.
- CANABARRO, Ivo dos Santos; MOSER, Lilian Maria; ERNESTO, Eduardo Servo. História, memória e identidade: refletindo sobre a oralidade como aporte para leitura de uma cultura. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 10, n. 18, jan./jul. 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>. Acesso em: 20 fev. 2026.
- CANDAU, J. *Memória e identidade*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- CASTILHO QUEIROZ, L. *História e cultura digital: narrativas sobre ensino de história em uma escola de educação básica de Cáceres-MT*. Cáceres-MT: UNEMAT, 2020.
- CATROGA, F. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Almedina, 2015.
- CAVALCANTE, E. História e história local: desafios, limites e possibilidades. *Revista História Hoje*, v. 7, n. 13, p. 272–292, 2018.
- CERTEAU, M. de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, Juliana Pereira. *Imagens fotográficas e gravações de vídeo*. Material audiovisual não publicado.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio. *A escola como espaço sociocultural*. 1996.
- DELFINO, L. A. N. *História oral: memória, tempo e identidades*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DOSSE, F. *História e historiografia contemporânea*. Paris: La Découverte, 2006. [Apud Catroga, 2015].
- DURAN, Maria Renata da Cruz; BENTIVOGLIO, Julio. Paul Ricoeur e o lugar da memória na historiografia contemporânea. *Dimensões*, v. 30, p. 213–244, 2013. ISSN 2179-8869.

- ESCOLA ESTADUAL FEBRÔNIO RODRIGUES. *Acervo documental da Escola Estadual Febrônio Rodrigues de Torixoréu*. DRE/BG.
- ESCOLA MUNICIPAL SÃO JOSÉ. *Regimento escolar*. 2025.
- EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez, 1986.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, p. 19-34, 2000.
- FELDMAN, Daniele. *Um centro de memória da Academia Nacional da Polícia Rodoviária Federal: uma proposta*. 2016. Trabalho de conclusão de curso (ou Dissertação/Tese) – Florianópolis, SC, 2016.
- FERREIRA, João Carlos Vicente; SILVA, José de Moura e. *Cidades de Mato Grosso: origem e significado de seus nomes*. Cuiabá: Editora Buriti, 2001.
- FRANÇOIS, É. As novas relações entre memória e história após a queda do Muro de Berlim. *Revista Memória em Rede*, 21 set. 2016.
- GOOGLE MAPS. *Google Maps*. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em: 13 jan. 2026.
- GOOGLE. *Google Maps: localização em coordenadas geográficas (-16.2008576, -52.5520866)*. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-16.2008576,-52.5520866,569m/data=!3m1!1e3>. Acesso em: 01 abr. 2026.
- HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine. Interações crítico-dialéticas com as tecnologias na educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (RIAAE)*, Araraquara, v. 15, n. 1, p. 266-288, jan./mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v14i4.11993>.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1968.
- HARRÉ, R. *The singular self*. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 1998.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Torixoréu (MT)*. Disponível em: <https://ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/torixoreu.html>. Acesso em: 01 abr. 2026.

- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Paris: PUF, 1989. p. 31-61. Tradução de Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão técnica de Alda Judith Alves-Mazzotti.
- JUNIOR, J. J. F. A presença da afetividade na formação histórica: sentido, sensibilidade e sentimento. *Revista Tempos Históricos*, v. 27, n. 2, e-ISSN 1983-1463, 2023.
- LARA, Marilda Lopes Ginez de; CONTI, Vivaldo Luiz. Disseminação da informação e usuários. *São Paulo em Perspectiva*, v. 17, n. 3-4, p. 26-34, 2003.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- MATHIAS, D. Pertencimento: discussão teórica. *Revista X*, v. 10, n. 2, p. 160–170, 2023.
- MAZZOTTI, A. J. A. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 1, n. 1, p. 18–43, jan./jun. 2008.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MENDES, Ronaldo Stocco. *Construção de uma biblioteca digital especializada voltada para a disseminação de informações do tema qualidade de vida nos cursos de engenharia da UTFPR*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012.
- MILANI, Luciana. *Memória e virtualização: um estudo sobre os conceitos de memória em ambientes virtuais na Ciência da Informação brasileira*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- MONTENEGRO, A. T. História e memória: combates pela história. *História Oral*, v. 10, n. 1, p. 27–42, jan./jun. 2007.
- MORAIS, Gislaine. Greve histórica na educação de MT em 2019 superou 2013/2016. *VG Notícias*, 1 jan. 2020. Disponível em: <https://www.vgnoticias.com.br/retrospectiva/greve-historica-na-educacao-de-mt-em-2019-superou-20132016/63294>. Acesso em: 8 out. 2025
- MURILLO, Aline Lopes. *Histórias que se entrecruzam: narrativas de Valdon Varjão sobre Barra do Garças*. Goiânia, 2011.

- NARCIZO, Makchwell. Gestão das paixões políticas: uma breve abordagem da utilização do ressentimento em demandas políticas na perspectiva de Pierre Ansart. *Sæculum – Revista de História*, João Pessoa, v. 25, n. 42, p. 157-170, jan./jun. 2020.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, Departamento de História da PUC-SP, n. 10, p. 7–28, 1993.
- OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro; MOURÃO, Nadjá Maria; MACIEL, Rosilene Conceição. *Lembranças afetivas na vivência humana contemporânea*. 2018.
- OLIVEIRA, Antonio José Barbosa de (org.). *Universidade e lugares de memória*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; Fórum de Ciência e Cultura; Sistema de Bibliotecas e Informação, 2008.
- OLIVEIRA, Marcela Félix de. *A função social da escola: educação e transformação*. 2017. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 200–212, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- QUEIROZ, L. C. *História e cultura digital: narrativas sobre ensino de história em uma escola de educação básica de Cáceres-MT*. Cáceres-MT: UNEMAT, 2020.
- RIBEIRO, Thiago Souza. <https://legadofebonio.com.br/>. Barra do Garças-MT, 2026.
- RIBEIRO, Wilker Ramos. *Fragmentos de memórias*. Goiânia: Mundial Gráfica Editora e Comércio de Papéis LTDA, 2008.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Tradução de Estevão Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- SÁ, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 290-295, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 01 abr. 2026.
- SANTOS, C. R. Interfaces deleuzianas entre a memória involuntária em Proust e a lembrança pura em Bergson. *Cadernos do PET Filosofia*, v. 4, n. 8, p. 36–45, jul./dez. 2013.

- SCHMIDT, M. A.; URBAN, A. C. Afinal, o que é educação histórica? *Revista Ibero-Americana de Educação Histórica (RIBEH)*, v. 1, n. 1, p. 7–31, ago./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/riaeh/index>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; URBAN, Ana Cláudia. Afinal, o que é Educação Histórica? *Revista Ibero-Americana de Educação Histórica (RIBEH)*, v. 1, n. 1, p. 7-31, ago./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/riaeh/index>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- SEIXAS, J. A.; BRESCIANI, M. S.; BREPOHL, M. (orgs.). *Razão e paixão na política*. São Paulo: UNESP, 2002.
- SEMANA7. Procissão do Fogaréu de Torixoréu passa a integrar oficialmente tradições culturais do Brasil. *Semana7*, 25 set. 2025. Disponível em: <https://www.semana7.com.br/cidade/procissao-do-fogareu-de-torixoreu-passa-a-integrar-oficialmente-tradicoes-culturais-do-brasil/77107>. Acesso em: 12 fev. 2026.
- SILVA, A. A. da; CATALDO, U. H. A escola como lugar da educação para a liberdade. *Revista Valore*, Volta Redonda, v. 3, Edição Especial, p. 152–164, 2018.
- SILVA, Airton Antonio da; CATALDO, Ulisses Heckmaier. **A escola como lugar da educação para a liberdade**. *Revista Valore*, Volta Redonda, v. 3, ed. especial, p. 152-164, 2018.
- SILVA, J. C. da; BATISTA, E. L.; MAFATTO, L. M.; SZEUCZUK, A. Instituições escolares: memória, fontes e arquivos. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 15, p. 160–165, 2015.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- SILVA, T. T. da (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- _____. *Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- VARJÃO, Valdon. *Torixoréu cidade brilhante*. 1980.

- VAZ, Milena Martins Lage; MELO, Luis Carlos Alves de. Memória, trauma e (re)construção da identidade em *Sabor de maboke*. *Revista Saber Acadêmico*, n. 38, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15127114>. Acesso em: 01 abr. 2026.
- VG NOTÍCIAS. Greve histórica na educação de MT em 2019 superou 2013 e 2016. Disponível em: <https://www.vgnoticias.com.br/retrospectiva/greve-historica-na-educacao-de-mt-em-2019-superou-20132016/63294>. Acesso em: 8 out. 2025.
- VOZES, Pretérito & Devir. O historiador dos espaços: notas sobre novas perspectivas epistemológicas da práxis historiográfica. *Ano VI, v. X, n. 1*, 2019.
- XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (orgs.). *História, memória e educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2018.
- XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (orgs.). *História, memória e educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2018.

ANEXO A - TERMOS DE CONSENTIMENTOS LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO/REGISTRO DE CONSETIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa científica de forma voluntária, ou seja, não haverá remuneração ou recebimento de vantagem ou lucro referente à esta participação. Esta pesquisa também não percebe nenhum benefício direto, apenas a consciência de que você contribuiu para o entendimento das percepções sobre memória e identidade, linguagem e narrativas históricas na construção historiográfica, a partir de um espaço/local de referência, no caso, das vivências dos servidores da escola “Febrônio Rodrigues” de Torixoréu – MT.

Para confirmar sua participação nessa pesquisa é necessário ler todo este documento, Consentimento Livre Esclarecido (CLE) e, em seguida, selecionar a opção correspondente. Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações. Se não quiser participar, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067 ou (65) 98120-0113 - Whatsapp, ou pelo E-mail cep@unemat.br, ou falar com o pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL “FEBRÔNIO RODRIGUES” DE TORIXORÉU-MT: AFETIVIDADES E RESENTIMENTOS (1947-2024)

Responsável pela pesquisa: MAURÍCIO DO NASCIMENTO FARIAS

Endereço: Rua travessa 1, nº8, Jardim Ipanema, Torixoréu – MT

Telefone para contato: (66) 999423187.

E-mail: mauricio.farias@unemat.br

- Este CLE se refere ao projeto de pesquisa MEMÓRIAS DA ESCOLA ESTADUAL “FEBRÔNIO RODRIGUES” DE TORIXORÉU-MT: AFETIVIDADES E RESENTIMENTOS (1949 -2024), do pesquisador Maurício do Nascimento Farias, pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat.

Objetivos da pesquisa

- A pesquisa tem por objetivo estudar aspectos da memória, identidade, linguagem e narrativas históricas na construção historiográfica, através do levantamento de parte das memórias de ex-servidores da Escola Estadual “Febrônio Rodrigues” e garantir a visibilidade delas enquanto um dever de memória no âmbito da História local.



- PRPPG | Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Riscos da pesquisa

- Os riscos envolvidos em sua participação são mínimos, e em sua maioria relativos à possíveis reações emocionais associadas a memórias afetivas que possam causar desconforto. Caso você opte por não participar, não existe a necessidade de apresentação de motivo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Benefícios da pesquisa

- Os benefícios de participação na pesquisa é que você entrevistado estará contribuindo na construção da memória da Escola “Febrônio Rodrigues” de Torixoréu e na conscientização de “lugares de memória” onde as vivências sociais a partir da instituição, geraram histórias e uma relação de sociabilidade entre comunidade e espaço escolar constituído.

Procedimento utilizado para coleta de informações

- Sua participação, caso opte por ela, acontecerá na forma de uma entrevista realizada em dia e local previamente agendado. Este agendamento pode acontecer no dia da assinatura deste CLE ou por meio de contato posterior. As entrevistas devem acontecer entre os dias 10/06/2025 a 30/08/2025.

- Caso a entrevista/aplicação de questionário desperte algum tipo de reação emotiva decorrente de memórias ou quaisquer outro fator motivador, o(a) entrevistado(a) poderá contar com o acolhimento por parte do entrevistador, com disponibilização de tempo para sua recomposição e continuação da entrevista, reagendamento da entrevista ou remoção do entrevistado da pesquisa (somente se o entrevistado assim solicitar, posto que este tipo de reação pode melhor ilustrar os elementos motivadores buscados na pesquisa).

Dados e material coletado na pesquisa

- Tudo que for produzido a título de gravações, imagens, utilização da identidade do entrevistado será apresentado ao mesmo, antes de qualquer publicização externa. O material (gravações) deve ser apresentado aos entrevistados até outubro de 2025, após revisão e organização dos arquivos. Ficando este, ciente do material a ser divulgado ou não de acordo com sua autorização. O entrevistado deverá após concordar em participar das gravações, assinar este documento, juntamente com o termo de consentimento de uso de imagem e voz. As entrevistas serão publicadas em um blog específico, servindo como repositório virtual da história da escola “Febrônio Rodrigues”, e também enviado em forma de texto para o setor de análise de trabalhos



PRPPG (Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação)

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavallhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0087
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



divulgação autorizada. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ressarcimento de despesas quando houver

- Todo participante terá direito ao ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo conforme artigos 9º e 19 da Resolução 510/16 do CNS, assim como a indenização no caso de danos decorrentes desta participação conforme determina a lei.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que este consentimento será em duas vias e que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Caso opte por participar desta pesquisa você e o pesquisador deverão assinar este CLE, rubricando cada uma de suas páginas, em 2 vias. Cada um ficará com 1 dessas vias.

(X) ACEITO PARTICIPAR

() NÃO ACEITO PARTICIPAR

Local e data: Torixoréu, novembro de 2025

Nome: Luone Martins de Jesus Oliveira

Endereço: Batiza - GO

Registro do participante (rubrica, assinatura): Luone Martins

Responsável pela Pesquisa: Maurício do Nascimento Pereira

UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

- PRPG / Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves - 1095 - Cavahada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



científicos da Unemat. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas, somente terão acesso às mesmas, o aluno e seu professor orientador, antes de qualquer divulgação autorizada. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ressarcimento de despesas quando houver

- Todo participante terá direito ao ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo conforme artigos 9º e 19 da Resolução 510/16 do CNS, assim como a indenização no caso de danos decorrentes desta participação conforme determina a lei.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que este consentimento será em duas vias e que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Caso opte por participar desta pesquisa você e o pesquisador deverão assinar este CLE, rubricando cada uma de suas páginas, em 2 vias. Cada um ficará com 1 dessas vias.

☒ ACEITO PARTICIPAR

☐ NÃO ACEITO PARTICIPAR

Local e data: Touixorin 10/08/2025

Nome: Isabel Cristina Aires Lima

Endereço: Rua Senador Filinto Muller, 303. B. União

Registro do participante (rubrica, assinatura): Lima

Responsável pela Pesquisa: Maurício do Nascimento Farias

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Tancredo Neves – 1095 – Cavallhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



científicos da Unemat. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas, somente terão acesso às mesmas, o aluno e seu professor orientador, antes de qualquer divulgação autorizada. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ressarcimento de despesas quando houver

- Todo participante terá direito ao ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo conforme artigos 9º e 19 da Resolução 510/16 do CNS, assim como a indenização no caso de danos decorrentes desta participação conforme determina a lei.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que este consentimento será em duas vias e que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Caso opte por participar desta pesquisa você e o pesquisador deverão assinar este CLE, rubricando cada uma de suas páginas, em 2 vias. Cada um ficará com 1 dessas vias.

☒ ACEITO PARTICIPAR

☐ NÃO ACEITO PARTICIPAR

Local e data: Touros 09.11.2025

Nome: Edith Soares Gomes

Endereço: Ribeirãozinho - MT

Registro do participante (rubrica, assinatura): Edith Soares Gomes

Responsável pela Pesquisa: Maurício do Nascimento Soares



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavaliada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



científicos da Unemat. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas, somente terão acesso às mesmas, o aluno e seu professor orientador, antes de qualquer divulgação autorizada. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ressarcimento de despesas quando houver

- Todo participante terá direito ao ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo conforme artigos 9º e 19 da Resolução 510/16 do CNS, assim como a indenização no caso de danos decorrentes desta participação conforme determina a lei.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que este consentimento será em duas vias e que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Caso opte por participar desta pesquisa você e o pesquisador deverão assinar este CLE, rubricando cada uma de suas páginas, em 2 vias. Cada um ficará com 1 dessas vias.

(X) ACEITO PARTICIPAR

() NÃO ACEITO PARTICIPAR

Local e data: Torixoréu, novembro de 2025

Nome: Dione Maria Silva Araújo

Endereço: Rua General Rondon - 235

Registro do participante (rubrica, assinatura): Dione Araújo

Responsável pela Pesquisa: Maurício do Nascimento Farias

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

PRPPG | Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavalhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



científicos da Unemat. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas, somente terão acesso às mesmas, o aluno e seu professor orientador, antes de qualquer divulgação autorizada. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ressarcimento de despesas quando houver

- Todo participante terá direito ao ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo conforme artigos 9º e 19 da Resolução 510/16 do CNS, assim como a indenização no caso de danos decorrentes desta participação conforme determina a lei.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que este consentimento será em duas vias e que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Caso opte por participar desta pesquisa você e o pesquisador deverão assinar este CLE, rubricando cada uma de suas páginas, em 2 vias. Cada um ficará com 1 dessas vias.

☒ ACEITO PARTICIPAR

☐ NÃO ACEITO PARTICIPAR

Local e data: 28/06/2025 Touros - MT

Nome: Salvin Sousa e Silveira

Endereço: Rua Euclides n° 800 Centro

Registro do participante (rubrica, assinatura): 2 Sousa

Responsável pela Pesquisa: Maurício do Nascimento Fernandes

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

2009 - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavallhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



científicos da Unemat. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas, somente terão acesso às mesmas, o aluno e seu professor orientador, antes de qualquer divulgação autorizada. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ressarcimento de despesas quando houver

- Todo participante terá direito ao ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo conforme artigos 9º e 19 da Resolução 510/16 do CNS, assim como a indenização no caso de danos decorrentes desta participação conforme determina a lei.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que este consentimento será em duas vias e que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Caso opte por participar desta pesquisa você e o pesquisador deverão assinar este CLE, rubricando cada uma de suas páginas, em 2 vias. Cada um ficará com 1 dessas vias.

☒ ACEITO PARTICIPAR

☐ NÃO ACEITO PARTICIPAR

Local e data: Trixheim - MT, 28 de junho de 2025.

Nome: Laurenza Rodrigues Carvalho

Endereço: Rua do Fato, S/Nº, Setor Aguas do Anaguia

Registro do participante (rubrica, assinatura): [Assinatura]

Responsável pela Pesquisa: Maurício do Nascimento Farias



- PROPPG | Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavallada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



científicos da Unemat. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas, somente terão acesso às mesmas, o aluno e seu professor orientador, antes de qualquer divulgação autorizada. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ressarcimento de despesas quando houver

- Todo participante terá direito ao ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo conforme artigos 9º e 19 da Resolução 510/16 do CNS, assim como a indenização no caso de danos decorrentes desta participação conforme determina a lei.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que este consentimento será em duas vias e que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Caso opte por participar desta pesquisa você e o pesquisador deverão assinar este CLE, rubricando cada uma de suas páginas, em 2 vias. Cada um ficará com 1 dessas vias.

☒ ACEITO PARTICIPAR

() NÃO ACEITO PARTICIPAR

Local e data: Tonixorin 08/11/2025

Nome: Vannev Neves Dias Moraes

Endereço: Tonixorin MT.

Registro do participante (rubrica, assinatura): [Assinatura]

Responsável pela Pesquisa: Maurício do Nascimento Farias

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavallhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



científicos da Unemat. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas, somente terão acesso às mesmas, o aluno e seu professor orientador, antes de qualquer divulgação autorizada. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ressarcimento de despesas quando houver

- Todo participante terá direito ao ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo conforme artigos 9º e 19 da Resolução 510/16 do CNS, assim como a indenização no caso de danos decorrentes desta participação conforme determina a lei.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que este consentimento será em duas vias e que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Caso opte por participar desta pesquisa você e o pesquisador deverão assinar este CLE, rubricando cada uma de suas páginas, em 2 vias. Cada um ficará com 1 dessas vias.

☒ ACEITO PARTICIPAR

☐ NÃO ACEITO PARTICIPAR

Local e data: Souzaopol 16 julho 2025

Nome: Maria Lúcia Monteiro da Silva

Endereço: Rua Sinto Müller - 316

Registro do participante (rubrica, assinatura): [assinatura]

Responsável pela Pesquisa: Maurício do Nascimento Farias



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavallhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br





ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



divulgação autorizada. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/12.

Ressarcimento de despesas quando houver

- Todo participante terá direito ao ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo conforme artigos 9º e 19 da Resolução 510/16 do CNS, assim como a indenização no caso de danos decorrentes desta participação conforme determina a lei.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, declaro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que este consentimento será em duas vias e que recebi uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Caso opte por participar desta pesquisa você e o pesquisador deverão assinar este CLE, rubricando cada uma de suas páginas, em 2 vias. Cada um ficará com 1 dessas vias.

(X) ACEITO PARTICIPAR

() NÃO ACEITO PARTICIPAR

Local e data: Torixoréu, novembro de 2025

Nome: Silvia Figueiredo de Sousa

Endereço: Torixoréu – MT, Centro.

Registro do participante (rubrica, assinatura):

Documento assinado digitalmente
SILVIA FIGUEIREDO DE SOUSA
Data: 10/04/2026 09:05:19-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Responsável pela Pesquisa:

Documento assinado digitalmente
MAURICIO DO NASCIMENTO FARIAS
Data: 09/04/2026 10:42:23-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>



Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavallhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br



ANEXO B – ROTEIRO DE PERGUNTAS QUE EMBASARAM A PESQUISA

Para os servidores da escola Arthur:

(diretora)

Observação: A abreviação EEFR, corresponde a Escola Estadual Febrônio Rodrigues.

- 1 – Como foi o desafio de receber os novos servidores e estudantes no início do ano letivo de 2024 após o fechamento da escola Febrônio?
- 2 – Como está sendo feito o trabalho de acolhimento dessas pessoas?
- 3 – Você foi servidora nas 2 unidades escolares do estado, como foi pra você a notícia do fechamento da EEFR?
- 4 – Você trabalhou na EEFR desde que chegou em Torixoréu, quais suas lembranças do dia-a-dia da escola, das festividades, projetos e eventos que você participou e ajudou a realizar pela escola?
- 5 – Sente saudade da escola Febrônio? Qual evento ou acontecimento mais te marcou em sua passagem pela escola?

OBS: Outras questões podem vir com o desenrolar da conversa.

Para os servidores mais antigos:

- 1 - você foi estudante da EEFR?
- 1 - você se lembra o ano que iniciou sua carreira como servidor(a) da Escola Febrônio Rodrigues? E quais as suas lembranças lá dos primeiros anos de funcionamento da escola?
- 2 – Você teve filhos que estudaram na escola, no tempo que era servidor(a)?
- 3 – Como você se lembra da participação da escola nas festividades do município?
- 4 – E as festividades organizadas pela escola, como era a participação da comunidade?
- 5 - Como você avalia a importância da EEFR para a história do município de Torixoréu?
- 6 – Buscando em sua memória sobre a importância da escola para a comunidade, como você identifica o espaço escolar, como um lugar de memória e de construção social?
- 6 – Qual o sentimento que lhe veio, ao saber do fechamento da escola?

Para servidores mais recentes:

- 1 – Como foi o impacto da notícia do fechamento da EEFR? Você tinha muito tempo como servidor(a) da escola?
- 2 – Como você via a importância da EEFR para o município de Torixoréu?

- 3 – Em sua família tem pessoas que estudaram, ou trabalharam em outros períodos na EEFR?
- 4 – Depois de ter trabalhado tantos anos na EEFR, com foi ter que se remover para outra instituição?
- 5 – E como foi o acolhimento na outra escola?
- 6 – Como você destaca a importância da EEFR para sua vida e para o município?

Para o secretário municipal de cultura Vanney Neves:

- 1 – Professor buscando em suas lembranças, você poderia comentar um pouco como foi sua passagem na Escola Febrônio Rodrigues “enquanto estudante”?
- 2 – E aí você estudou licenciatura, você pode nos contar um pouco sobre sua formação acadêmica?
- 3 – E seu retorno para a escola como docente, você se lembra o ano, e por quantos anos lecionou na escola Febrônio?
- 4 – E as festividades da escola, você é uma pessoa que se envolve muito em cultura, tem boas lembranças da participação da escola em eventos culturais?
- 5 – Você sempre teve uma ligação muito forte com a escola Febrônio, tanto que fez um Poema dedicado à escola. Você pode nos falar dessa ligação com a escola e do poema em si?
- 6 – Qual foi o seu sentimento quando ficou sabendo do fechamento da escola?
- 7 – Você acredita que a escolha da EEFR a ser fechada, teve alguma motivação especial?
- 8 – Algum evento especial que você queira mencionar em sua passagem pela escola?